

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
CURSO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE

Andréia Maciel Santos Moutinho

ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA POPULAR:
uma abordagem sobre os museus do Centro Histórico de São Luís

São Luís
2017

ANDRÉIA MACIEL SANTOS MOUTINHO

ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA POPULAR:

uma abordagem sobre os museus do Centro Histórico de São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Klautenys
Dellene Guedes Cutrim

São Luís

2017

ANDRÉIA MACIEL SANTOS MOUTINHO

ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA POPULAR:
uma abordagem sobre os museus do Centro Histórico de São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Cultura e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Klautenys Dellene Guedes Cutrim (Orientadora)
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Conceição de Maria Belfort de Carvalho
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Ilza do Socorro Gavão Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

A Deus, autor e consumidor dos meus projetos e realizações familiares e profissionais; sem sua presença constante na minha vida este trabalho acadêmico jamais se realizaria.

AGRADECIMENTOS

É momento de agradecer profundamente...

Ao meu esposo, Emanuel, e aos meus filhos Emanuel Neto e Daniel,

Por me fazerem valorizar a importância dos singelos momentos,

Por compartilharem das minhas escolhas,

Por compreenderem os momentos de ausência quando de minhas incansáveis horas e noites na frente do computador,

Por me amarem.

Aos meus pais, Rosalvo e Marilene, por serem minha base, pelo amor dedicado, conselhos e incentivos, querendo sempre o melhor para mim.

A minha sogra Dilza por sempre se disponibilizar e dar atenção aos meus filhos durante a construção deste trabalho.

As minhas irmãs Leila e Ludimila; aos meus sobrinhos Gabriel e Mariana; aos meus cunhados Amauri e Paulo por juntos formarmos uma família onde sempre posso contar com a atenção e o carinho.

À minha secretária Fátima, pela atenção dedicada aos meus filhos e minha casa no percurso do Mestrado.

À professora Dr^a. Klautenys Dellene Guedes Cutrim pelas orientações, pelos conhecimentos construídos e pelas reflexões.

Aos professores do Mestrado em Cultura e Sociedade, pelos valiosos ensinamentos.

À professora Dr^a. Conceição Belfort e à Prof^a. Dr^a. Ilza Gavão Cutrim pelas riquíssimas contribuições na banca de qualificação

Às professoras amigas de trabalho do IFMA:

Terezinha de Jesus Campos de Lima, por despertar em mim o desejo de estudar esta temática, pelo constante incentivo e imensa sabedoria com que me conduziu, da melhor maneira, ao conhecimento

Vânia Mondego, pelas valiosas sugestões e críticas na construção do projeto de pesquisa.

Milena Coelho, pelo incentivo e escolha do Mestrado em Cultura e Sociedade e pelas angústias compartilhadas ao longo destes dois anos.

Creudecy Silva, pelas contribuições, comentários e reflexões acerca do desenvolvimento do meu objeto de pesquisa e revisões textuais.

À 6ª turma, companheiros de jornada do Mestrado em Cultura e Sociedade, especialmente aos amigos Anderson Corrêa, Weliza Carla Silva, Isis Monteles, Livia Costa, Sarany Rodrigues e Walline Alves, com quem convivi compartilhando momentos de alegrias, angústias e sofrimentos nestes dois anos de intenso estudo.

Aos gestores, monitores e visitantes dos museus pesquisados, Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, pela confiança e participação determinantes para a consolidação desta pesquisa.

A todos/as que de alguma forma contribuíram para a finalização desta pesquisa o meu muito obrigada.

Aqui deixo registrado o quão valioso foi e sempre será o conhecimento adquirido com esta pesquisa, mas jamais substituindo o aprendizado que a própria caminhada da vida nos dá.

Não é sobre ter
Todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar
Alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar
Mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida
Que cai sobre nós
É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito
É saber sonhar
E então fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar no topo do mundo
Saber que venceu
É sobre escalar e sentir
Que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo
Em todas as situações
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
Pra perto de mim
Não é sobre tudo que o seu dinheiro
É capaz de comprar
E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr
Contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abraça teus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Música Trem – Bala
Ana Vilela

RESUMO

O presente estudo de caráter qualitativo tem como objeto de investigação a apropriação de museus de cultura popular como espaços de lazer, tomando como referência de análise a Casa de Nhozinho e a Casa da Fésta, espaços museais localizados no Centro Histórico da cidade de São Luís, Maranhão. Entende-se que os espaços museológicos se configuram como espaços de lazer por excelência, referenciados e publicizados pelas possibilidades de fomentar atividades educativas e turísticas significativas, embora esta função lúdica seja pouco considerada e percebida como parte do contexto museal. Nesta perspectiva, o estudo traz uma contribuição para o debate quanto à promoção e ao (re)aproveitamento das potencialidades do Centro Histórico ludovicense com base neste recorte específico, qual seja: as experiências de lazer de visitantes nos espaços museais de cultura popular de São Luís. Adota-se um encaminhamento teórico na perspectiva de autores como Dumazedier, Gomes, Marcellino, Poulot, Canclini e Bourdieu, fundamentando a discussão entre as categorias museu, espaços de cultura popular e lazer. O percurso do estudo contemplou também uma pesquisa de campo da qual participaram 42 sujeitos, dentre visitantes e gestores dos museus referidos. Os dados coletados foram tratados e analisados segundo procedimentos de análise de conteúdo. Os principais resultados evidenciaram que para ambos (visitantes e gestores), os locais investigados (Casa de Nhozinho e Casa da Fésta) são compreendidos como espaços de lazer, visão expressada pelo que o museu proporciona em sua totalidade: conhecimento, diversão e entretenimento. Especificamente sob o olhar dos visitantes a visita representa uma atividade de lazer cujo principal fator motivacional foi o interesse em conhecer a cultura popular local. Portanto, o estudo revelou que os museus, enquanto espaços propícios à cultura popular, são apropriados como espaços de lazer subsidiados nas próprias leis e diretrizes que norteiam seu funcionamento e atuando como ambientes que facultam a interação entre a educação e o lúdico.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Museu. Centro Histórico de São Luís.

ABSTRACT

This qualitative study aims to investigate the appropriation of popular culture museums as leisure venues, taking as reference the analysis on Casa de Nhozinho and Casa da Fésta, museum venues located in the Historic Center of the city of São Luis, Maranhão. It is understood that the museological venues are set as leisure venues by excellence, referenced and publicized by the possibilities of promoting significant educational and tourist activities, albeit this playful role is not utterly regarded and perceived as part of the museum context. In this perspective, the study contributes to the debate on the promotion and (re) utilization of the potential of Sao Luis Historic Center, based on this specific focus, that is: visitors' leisure experiences in the museum venues of Sao Luis popular culture. A theoretical approach is adopted in authors' perspective such as Dumazedier, Gomes, Marcellino, Poulot, Canclini and Bourdieu, underpinning the discussion amongst the categories of museum, venues of popular culture and leisure. The course of the study has also included a field survey, in which 42 subjects participated, among visitors and managers of the aforementioned museums. The collected data were addressed and analyzed as per the content analysis procedures. The main results have shown that for both (visitors and managers), the places investigated (Casa de Nhozinho and Casa da Fésta) are understood as leisure venues, a view expressed by what the museum provides in its totality: knowledge, fun and entertainment. Specifically under the visitors' standpoint, the visit represents a leisure activity whose main motivational factor was the interest in getting to know the local popular culture. Therefore, the study has revealed that museums, as venues propitious to popular culture, are appropriated as leisure venues, subsidized in the laws and guidelines that rule their operation and acting as environments that provide the interaction between education and playfulness.

Keywords: Leisure. Culture. Museum. Historic Center of São Luis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Classificação do tempo.....	32
Quadro 2	- O centro histórico e os museus.....	54
Quadro 3	- Roteiro de entrevista semiestruturada com os gestores dos museus de cultura popular.....	70
Quadro 4	- Questionário com os visitantes dos museus de cultura popular “Casa de Nozinho” e “Casa da Fésta”.....	71
Quadro 5	- Divisão e caracterização do acervo do Museu Casa de Nhozinho.....	82
Quadro 6	- Divisão e caracterização do acervo do Museu Casa da Fésta.....	85
Quadro 7	- A política museal na Casa da Fésta e na Casa de Nhozinho.....	90
Quadro 8	- Perfil do público visitante pelo olhar dos gestores.....	91
Quadro 9	- Percepção da gestão do museu enquanto espaço de lazer.....	98
Quadro 10	- Existência de avaliação quantitativa e qualitativa dos visitantes nos museus.....	101
Quadro 11	- A programação cultural oferecida pelos espaços museais.....	105
Quadro 12	- O acervo para exposição.....	109
Quadro 13	- Existência de treinamento para monitores.....	111
Quadro 14	- Estrutura física dos espaços museais.....	112
Quadro 15	- A hospitalidade referente ao acolhimento físico e profissional aos visitantes do espaço museal de acordo com a gestão.....	115
Quadro 16	- Os saberes promovidos pelos museus de cultura popular.....	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Centro Histórico de São Luís do Maranhão.....	50
Figura 2 -	Mapa de localização dos espaços museais no Centro Histórico ...	59
Figura 3 -	Fachada da Casa de Nhozinho.....	78
Figura 4 -	Reprodução dos potes que armazenam água – Casa de Nhozinho.....	79
Figura 5 -	Exposição e comercialização de artesanatos – Casa de Nhozinho.....	80
Figura 6 -	Pavilhão água – Casa de Nhozinho.....	80
Figura 7 -	Brincantes – acervo Casa de Nhozinho.....	82
Figura 8 -	Exposição de materias em palha: cofos, abanos, sacolas, bandejas, enfeites de casa.....	83
Figura 9 -	Fachada da Casa da Fésta.....	84
Figura 10 -	Escadaria interna do prédio onde funciona a Casa da Fésta.....	84
Figura 11 -	Brincadeiras e contação de histórias - Casa da Fésta.....	85
Figura 12 -	Acervo da Casa da Fésta – Térreo.....	86
Figura 13 -	Acervo da Casa da Fésta – 1º andar.....	86
Figura 14 -	Acervo da Casa da Fésta – 2º andar.....	86
Figura 15 -	Produtos da cultura popular maranhense da loja - Casa da Fésta.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Identificação dos visitantes da Casa da Fésta.....	92
Tabela 2	-	Identificação dos visitantes da Casa de Nhozinho.....	93
Tabela 3	-	Envolvimento dos visitantes nos espaços museais e com a CN...	96
Tabela 4	-	Envolvimento dos visitantes nos espaços museais e com a CF.....	96
Tabela 5	-	Satisfação na visita e incentivo a voltar à Casa de Nhozinho.....	116
Tabela 6	-	Satisfação na visita e incentivo a voltar à Casa da Fésta.....	117
Tabela 7	-	Sugestões dos visitantes para Casa de Nhozinho.....	117
Tabela 8	-	Sugestões dos visitantes para Casa da Fésta.....	118
Tabela 9	-	O que a visita à Casa de Nhozinho proporcionou ao visitante.....	120
Tabela 10	-	O que a visita à Casa da Fésta proporcionou ao visitante.....	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Percepção dos visitantes da Casa de Nhozinho quanto à possibilidade de existência de outras atividades dentro do museu, além da apreciação das exposições.....	106
Gráfico 2 -	Percepção dos visitantes da Casa da Fésta quanto à possibilidade de existência de outras atividades dentro do museu, além da apreciação das exposições.....	106
Gráfico 3 -	Hospitalidade na Casa de Nhozinho.....	113
Gráfico 4 -	Hospitalidade na Casa de Fésta.....	114

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAMINHO METODOLÓGICO	21
3	REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE LAZER E MUSEUS	26
3.1	O VIÉS DO LAZER.....	26
3.1.1	Emergência e concepções fundamentais do processo de constituição do Lazer: relações entre tempo, prazer, entretenimento e desenvolvimento	26
3.1.2	Conteúdos culturais do Lazer: o espaço, os equipamentos e a fruição da cultura	33
3.2	O ESPAÇO MUSEAL.....	38
3.2.1	A nova museologia e o rompimento de paradigmas	39
3.2.2	O Centro Histórico de São Luís (MA) e os espaços museais	49
3.3	DÍALOGOS E RELAÇÕES ENTRE OS MUSEUS E ASPECTOS DO LAZER.....	60
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO DOS MUSEUS “CASA DE NHOZINHO” E “CASA DA FÉSTA” COMO ESPAÇOS DE LAZER	69
4.1	CENÁRIO DOS ESPAÇOS PESQUISADOS: Casa de Nhozinho e Casa da Fésta.....	74
4.2	APROPRIAÇÃO DOS MUSEUS “CASA DE NHOZINHO E “CASA DA FÉSTA”: a concepção dos gestores e a percepção dos visitantes.....	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	131
	APÊNDICES	136
	ANEXOS	142

1 INTRODUÇÃO

O tema proposto traz para o debate a relação entre as categorias lazer, museus, cultura e centros históricos. Neste sentido, toma como objeto de análise o museu de cultura popular e a oferta de atividades de lazer em espaços museais, na perspectiva da contribuição para o conhecimento e o desenvolvimento dos mesmos. E, igualmente, dá relevo ao papel que esses espaços de cultura popular, em articulação com o lazer, têm no desenvolvimento e na preservação de espaços de patrimônio histórico-cultural, bem como os impactos que podem gerar para o fortalecimento do segmento de Turismo Cultural das cidades.

Tal compreensão se articula em torno do sítio do Centro Histórico de São Luís, capital do Estado do Maranhão e cidade Patrimônio Cultural Mundial¹, uma área integrada à vida cotidiana da cidade e que funciona como um lugar para a ocorrência de atividades culturais tradicionais. Portanto, a área é assumida como relevante para um estudo que amplie as contribuições teóricas e metodológicas acerca deste objeto.

O lazer é a categoria que estabelece o vínculo entre as demais e no percurso deste estudo é compreendido, nos termos de Gomes (2004, p. 124), como [...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações.

Trata-se de evidenciar o lazer como um conduto por meio do qual é possível pensar questões relevantes como a “conversão” dos núcleos históricos das cidades em “museus ao ar livre”, com possibilidades em seus diferentes conteúdos como o turismo e, também, ante as relações de trabalho e de habitação que se processam nesses mesmos espaços, o perfil do público frequentador, as ameaças de descaracterização em função de ações abusivas e unicamente focadas em determinados tipos de atividades, podendo mesmo comprometer a fixação de residentes e agravar o despovoamento já existente, dentre outras (SEBASTIÃO, 2010).

¹ O Centro Histórico da cidade de São Luís, capital do Maranhão, é o nono monumento histórico-cultural do país incluído na lista do Patrimônio Mundial Cultural e Natural da Unesco, segundo decisão da assembleia geral do Comitê do Patrimônio Mundial daquela Instituição, reunida em Nápoles, Itália, em 4 de dezembro de 1997.

Desta maneira, tais aspectos apontam para a necessidade de estudos e análises das singularidades dos núcleos históricos urbanos a partir do fenômeno do lazer enquanto categoria viável para se pensar seu desenvolvimento e importância social. Tais premissas são colocadas como relevantes para a constituição do problema de pesquisa, assentem na interrogativa sobre as possibilidades de fruição da cultura popular no tempo livre em espaços museais do Centro Histórico de São Luís-MA.

Na abordagem desta justificativa cabe colocar a relação pessoal com o objeto ora estudado. Faço parte do quadro de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São Luís Centro Histórico (CCH) e integro o Eixo Tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer (ETTHL). Além do componente curricular Educação Física, leciono também disciplinas ligadas diretamente ao lazer e à recreação para os Cursos Técnicos do Eixo. Tais aspectos e o convívio com a região do Centro Histórico de São Luís, onde o campus está localizado, possibilitou construir uma imagem do espaço físico e social, (re)conhecendo sua importância.

Abordar tais aspectos sob a perspectiva das experiências de lazer dos visitantes nos espaços museais de cultura popular se configura com relevância científica e social, pois se trata de um fenômeno que extrapola os limites de estudo de uma área específica, permitindo relações e diálogos com vários campos do saber. Diante disso, tem-se uma abertura à interdisciplinaridade, justificando-se, portanto, como um estudo que problematiza a dinâmica sociocultural, econômica e patrimonial de um contexto urbano.

Acredita-se que é possível trazer uma contribuição para o debate quanto à promoção e o (re)aproveitamento das potencialidades do Centro Histórico de São Luís, com base neste recorte específico. Pode-se, também, contribuir com o tema em torno da análise e projeção de orientações acerca das práticas lúdicas no espaço em torno de uma ressignificação desse e seu desenvolvimento.

Aqui, é oportuna a compreensão de Marcellino (1995, p. 18) quando destaca que a “especificidade concreta” do lazer deverá levar em conta o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos, as suas possibilidades como instrumento de mobilização e de participação cultural e as barreiras socioculturais verificadas para seu efetivo exercício, dessa forma um olhar que vai além do

entendimento do lazer como um colaborador no emprego “saudável e útil” do tempo livre na modernidade e de práticas culturais “recomendáveis” destinadas a combater o ócio e outras atividades consideradas perniciosas para a sociedade (GOMES, 2003).

Além do lazer, uma outra categoria destacada neste trabalho é o espaço museal, por muito tempo “(...) visto como um espaço estático, ‘sacralizado’, destinado à preservação da memória da humanidade” (SOUZA; MELO, 2009, p. 14). Dentro dessa perspectiva, nem sempre o museu é visto como espaço de lazer para a população em geral, apesar de ser um dos aspectos de sua definição como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e **lazer**, testemunhos materiais dos povos e seu ambiente (ICOM, 1987 grifo nosso).

A partir destes pontos de esclarecimento se concebe a estreita relação entre museus e lazer em função da realização de uma continuidade cultural, na recriação desses espaços e no desenvolvimento histórico-cultural. O destaque dado ao lazer, pelo ICOM, dialoga com a visão de Marcellino (2006), para quem essa temática dá relevo a uma visão centrada no ser humano e na sociedade. Para o autor, é comum relacionar o termo “lazer” ao conteúdo da atividade e à questão do prazer. Contudo, o conteúdo da ação não constitui condição suficiente para a definição de lazer, mas as circunstâncias que cercam o desenvolvimento dos vários conteúdos são básicas para sua caracterização, sobressaindo-se aí os condicionantes de tempo e atitude implícitos na noção de lazer defendida pelo autor.

Sob esse enfoque emerge ainda a questão dos usos e acessos ante à chamada democratização do lazer, elemento que implica na discussão, dentro da lógica social moderna, do impacto do processo de urbanização e industrialização na concretização da vivência do lazer e que, nesse sentido, passa a delimitar as formas, os locais e os acessos para esta experiência. Neste sentido, os arranjos sociais do modo de produção atual lançam cada vez mais equipamentos, muitos deles não específicos, mas que atendem, também, ao interesse do lazer, como os shoppings, ou criam outros espaços não urbanos destinados ao público urbano, como o lazer na natureza.

A oportunidade do Mestrado em Cultura e Sociedade significou, em termos teóricos e metodológicos, a possibilidade de delinear melhor essa problemática,

visualizando-a como objeto de estudo em diálogo com as questões culturais e os espaços de cultura focados no sítio histórico da cidade de São Luís. Dessa forma, foi fundamental a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas Patrimônio Cultural (GPEC)²/UFMA, com leituras e discussão de obras que fundamentaram este processo de pesquisa.

A participação nas disciplinas promovidas pelo referido mestrado também contribuiu para o aprofundamento das reflexões, sobretudo as disciplinas “Cidadania, Patrimônio e Sustentabilidade” e “Teorias da Cultura e Sociedade”, basilares para uma maior aproximação com o objeto de pesquisa. Enfim, o contato com as diversas literaturas específicas ao longo do primeiro ano foi fundamental para o aprofundamento teórico de conceitos como cultura popular, memória coletiva, museu, identidade e patrimônio.

Desse modo, o presente estudo analisa, em termos gerais, a apropriação dos espaços museais de cultura popular do Centro Histórico de São Luís-MA como espaço de lazer. Assim, as reflexões mencionadas só podem ser feitas a partir da resposta a uma questão mais abrangente, qual seja: como vem se configurando a apropriação dos espaços de cultura popular “Casa de Nhozinho” e “Casa da Fésta”³ como espaço de lazer? A partir da problemática apresentada e tendo como objeto de estudo o museu de cultura popular e a oferta de atividades de lazer em espaços museais, esta pesquisa pretende responder as seguintes questões: Que grupos sociais se apropriam desses espaços de cultura popular em seu tempo livre? Como se caracteriza esta relação? Quais as expectativas que os visitantes têm em relação ao museu? Como a hospitalidade aparece na construção da imagem do museu como espaço de lazer pelo visitante?

Nesse sentido, a pesquisa dessa temática se faz pertinente neste momento, pois o lazer tem sido foco de vários estudos nos últimos anos, com a crescente demanda e apropriação das cidades históricas como sítios lúdicos e a importância que esse tem diante de turistas e residentes, observando-se a necessidade de uma investigação mais aprofundada entre o lazer e as implicações culturais.

² Criado em 2013, o presente grupo nasce da necessidade de estudos mais aprofundados tematizando o patrimônio cultural material e imaterial de São Luís do Maranhão.

³ A palavra “fésta” é acentuada porque une fé e festa, o sagrado e o profano. O museu traz no seu acervo as festividades religiosas do Maranhão.

Conforme foi situado, compreende-se o tema exposto na perspectiva das reflexões sobre as experiências de lazer dos visitantes nos espaços de cultura popular. Assim, para alcançar o objetivo proposto no início desta introdução e melhor orientar o desenvolvimento da análise foram definidos quatro objetivos específicos: averiguar, na literatura existente, as intercessões entre os espaços museais e o lazer; identificar os visitantes e suas formas de apropriação dos espaços de cultura popular no seu tempo livre; verificar as expectativas sobre o museu, pelos visitantes; entender como a hospitalidade aparece na construção da imagem do museu como espaço de lazer pelo visitante.

O estudo buscou adotar encaminhamentos teórico-metodológicos que subsidiassem a discussão em torno das questões sugeridas, a fim de contribuir para a análise do objeto. Para isso, fez-se um levantamento de dados com o intuito de contribuir para uma possível ressignificação do lazer no Centro Histórico em termos de um maior aproveitamento dos espaços museais de cultura popular, pois o lazer se apresenta como um relevante fenômeno de investigação sociológica.

O *lócus* investigativo da pesquisa correspondeu aos próprios museus aqui referidos, órgãos ligados à Superintendência de Cultura Popular da Secretaria de Cultura e Turismo do Maranhão (SECTUR): “Casa da Fésta” e “Casa de Nhozinho”, selecionados principalmente pela importância fundamental que têm na valorização e preservação dos elementos da cultura popular maranhense, podendo, assim, permitir uma aproximação maior com o público em geral e experiências muito significativas vistas a sua apropriação.

A redação do trabalho foi organizada apresentando, inicialmente, as principais categorias de análise trabalhadas para, a partir delas, construir um ponto de vista sobre o objeto de investigação. Esses museus foram definidos pela identificação da existência de acervos de ampla representatividade da diversidade do patrimônio cultural, aspectos que permitiram um aprofundamento da compreensão e análise do espaço com base na percepção do visitante. O universo ou população considerado como o conjunto dos elementos que têm alguma característica em comum foi definido em função de dois perfis básicos de sujeitos: os visitantes dos espaços e seus gestores.

A pesquisa é de natureza qualitativa, cujos dados possibilitam entender algumas das complexas relações que compõem o objeto em seu desenvolvimento processual e não final. Esta abordagem resultou adequada para a pesquisa,

preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e correspondendo a um espaço mais profundo das relações, trabalhando com os significados; assim, Cruz Neto (1994, p. 51) relaciona que na pesquisa qualitativa “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

A pesquisa é de cunho exploratório, do tipo descritiva, cuja proposta metodológica se desenvolveu por meio da combinação de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com a utilização da observação direta e com os instrumentos elaborados consoantes aos objetivos deliberados, quais sejam: a aplicação de um questionário direcionado aos visitantes, entrevista para gestores do espaço.

No que se refere à questão estrutural, além desta **Introdução** e do capítulo que trata da **Metodologia**, o trabalho traz no **Referencial Teórico** uma abordagem acerca do lazer, a partir dos autores Dumazedier (2000), Gomes (2004; 2008), Larizzatti (2005), Marcellino (1995; 2006; 2007), Melo e Alves Júnior (2012), em obras consideradas como essenciais para a fundamentação das discussões sobre a emergência e o processo de constituição do lazer, o entendimento conceitual sobre prazer, entretenimento, desenvolvimento, tempo livre e a concepção dos conteúdos culturais do lazer, adentrando ao tema dos espaços, equipamentos e à fruição da cultura.

Ainda no Referencial Teórico se revisam as questões conceituais sobre museu e a nova museologia, na abordagem de autores como Leite (2001), Poulot (2013), Bourdieu (2007; 2011) e Canclini (1983; 1999), que perpassam pela emergência dos museus no século XVIII como guardiões da história, sobretudo da história oficial ou dos grandes acontecimentos, e a adoção de outras funções sociais, culturais e educativas passíveis de serem assumidas. Por exemplo, a leitura de Bourdieu respalda o entendimento do museu como um espaço social e simbólico. E em autores como Canclini se destaca o rompimento entre o popular e o elitizado, sendo a cultura o elo de aproximação com as experiências artísticas. Sequencialmente, apresenta-se uma caracterização dos espaços museais localizados no Centro Histórico da cidade de São Luís e, posteriormente, abre-se um diálogo de interseção entre lazer e museus.

No capítulo dos **Resultados e Discussão** se expõem as informações da pesquisa de campo, inicialmente dando destaque ao cenário dos espaços estudados e, posteriormente, analisando-se a percepção de visitantes e a concepção dos gestores quanto à relação museu e lazer. E, por fim, a conclusão, que se encontra alicerçada nas análises fundamentadas durante todo o percurso investigativo deste estudo.

O museu, enquanto espaço de lazer, pode se revelar, através de suas práticas, como um lugar que não aloca apenas um conjunto de elementos, objetos e práticas de valor cultural apenas, mas que também guarda resultados da relação do homem com seu tempo/espaço. Nesse âmbito, os museus são espaços de produção de novos saberes e oportunidades de lazer, sendo que seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção da crítica à sociedade, aspectos considerados neste trabalho.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos que conduziram o presente estudo, a metodologia selecionada para analisar os dados e nortear a pesquisa.

Todo o processo do estudo e as conseqüentes etapas se desdobraram a partir do objetivo geral e dos objetivos específicos, que se correlacionam com a metodologia supracitada. A partir do levantamento e reconhecimento do problema, foi feita a Revisão Bibliográfica que indicou, através da Literatura e de dados existentes, os meios que forneceram subsídios para a compreensão mais completa do problema e estudos do espaço que acusam as melhores formas de chegar a considerações satisfatórias.

Este estudo se constituiu em uma pesquisa qualitativa cuja proposta metodológica para sua realização se deu através da combinação de pesquisa bibliográfica e de campo. Com relação à pesquisa de campo foi desenvolvida nos museus de cultura popular Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, do Centro histórico de São Luís, com informações encontradas através de uma postura qualitativa, cuja proposta metodológica da análise desenvolvida para tratamento dos resultados foi análise de conteúdo.

A pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e corresponde a um espaço mais profundo das relações, trabalhando com os significados. Nos termos de Cruz Neto (1994, p. 51):

[...] na pesquisa qualitativa o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

Quanto aos fins, foi uma pesquisa exploratória e descritiva do objeto de estudo. Os estudos descritivos se vinculam ao propósito de se descrever as características de um fenômeno e os estudos exploratórios quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno (RICHARDSON, 1999, p. 66).

A pesquisa descritiva atende de forma mais apropriada à finalidade de pesquisas que querem mostrar as peculiaridades de algum fenômeno, pois pretende

conhecer e entender a realidade analisada (VERGARA, 2006). Portanto, este tipo de estudo busca encontrar e observar os fenômenos sem nele interferir ou modificar, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida a fim de responder ou analisar o seguinte questionamento para uma possível solução viável, o qual se chama Problema de Pesquisa: Como vem se configurando a apropriação dos espaços de cultura popular “Casa de Nhozinho” e “Casa da Fésta” no Centro Histórico de São Luís - MA como espaço de lazer? Foi a partir desta indagação que os objetivos da pesquisa se delinearão, a fim de mostrar os passos percorridos para responder ou indicar uma saída para a questão.

Baseada na literatura sobre o lazer e o museu, fez-se necessária a exploração de problemas e necessidades relacionados à apropriação destes espaços museais no Centro Histórico de São Luís, fazendo o link entre o problema, o que causa o desejo de querer explorá-lo com mais profundidade, para entendê-lo melhor, haja vista levantar como uma hipótese trabalhada, onde “os museus são vistos como espaços de lazer”.

Assim os procedimentos utilizados para realização desta pesquisa, no tocante à pesquisa de campo, foram a utilização de técnicas e instrumentos elaborados consoante aos objetivos deliberados, quais sejam:

A **observação** não estruturada, também denominada assistemática, simples e informal nos museus analisados, realizada através de algumas visitas que conduziram a função do pesquisador atuando como expectador. O intuito a ela atribuído se revela pelo conhecimento de uma situação cuja natureza se revela como pública, tais como hábitos, frequência a determinados locais públicos, características, dentre outras circunstâncias. Para o registro dos dados colhidos foram utilizados distintos recursos, como gravadores, câmeras fotográficas, filmadoras e anotações especificando pontos notados para análise.

A aplicação de um **questionário** direcionado aos visitantes (Apêndice A), a fim de caracterizá-los, seus posicionamentos frente à visitação como uma atividade de lazer, suas motivações de visitação no seu tempo livre, verificar suas expectativas sobre o espaço visitado, o que espera encontrar, assim também como acontece a hospitalidade nesses espaços; por fim, sua satisfação e o que o espaço proporcionou a eles com a visitação.

A **entrevista** (Apêndice B) para gestores dos espaços vislumbrou principalmente compreender como é concebido o planejamento do espaço, a concepção da gestão do museu como espaço de lazer, e assim conhecer melhor como se dá o processo de visitação, com a caracterização dos visitantes, quais os serviços, as atividades, os saberes e a estrutura oferecida aos visitantes.

Concluída a fase de aplicação dos instrumentais, todos os dados coletados foram encaminhados, partindo para a construção do processo de interpretação. O método escolhido para análise do material levantado foi a **análise do conteúdo**, caracterizada por uma técnica onde se pondera as comunicações, analisando o que foi observado nas visitas da pesquisadora, oralizado nas entrevistas e relatado nos questionários, e identificado pelo pesquisador. Os dados advindos das pesquisas de abordagem qualitativa precisaram ser analisados de forma diferente dos dados provenientes somente de estudos quantitativos, que podem se valer de testes de hipóteses, estatística descritiva, entre outros. Durante a aplicação do método, na análise do material, buscou-se rotular temas ou categorias que ajudaram na compreensão do que está por trás dos relatos. Assim, Silva; Fossá (2013, p. 2) evidenciam que “o caminho percorrido pela análise de conteúdo perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros.”

A análise de conteúdo tem sido amplamente difundida e empregada, a fim de analisar os dados qualitativos. Seu conceito é considerado nas mais variadas formas, dependendo da posição teórica e o propósito do pesquisador que a aplica, mesmo com conceitos ligados à semântica estatística do discurso, ou objetivando a inferência por meio da identificação objetiva de características das mensagens (WEBER, 1985; BARDIN, 1977). Bardin (1977) ressalta a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, a necessidade de ultrapassar as incertezas e descobrir o que é questionado.

Os procedimentos utilizados para realização desta pesquisa perpassaram por diversas etapas, sendo que a etapa das técnicas propostas por Bardin (2006) serviram de base para esta pesquisa. As etapas foram constituídas em três momentos: 1) pré-análise; 2) exploração do material e; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise foi desenvolvida para organizar as primeiras ideias e formou indicadores para a interpretação dos elementos coletados. Inicialmente, fez-se a

leitura geral do material já selecionado para a análise (*corpus* de análise), a fim de conhecer as entrevistas já transcritas, formulação das hipóteses e objetivos a partir da leitura inicial dos dados.

O segundo momento abrangeu a exploração do material, que consistiu na construção das operações de codificação. Bardin (1977) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais representativas das características do conteúdo.

Consideram-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. O texto das entrevistas e de todo o material coletado é recortado em unidades de registro. Tomar-se-ão como unidades de registro os parágrafos de cada entrevista, assim como textos de documentos ou anotações de diários de campo (SILVA; FOSSÁ, 2013, p. 4).

A terceira fase envolveu o tratamento das categorias, a inferência e a interpretação. Consistiu em apreender os conteúdos abarcados em todos os elementos recolhidos (entrevistas, questionários e observação). Nas palavras de Silva e Fossá (2013), a “análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes.

Ressalta-se que o espaço para análise investigativa é o Centro Histórico de São Luís-MA, no bairro da Praia Grande, onde se encontram os espaços museais de cultura popular que correspondem aos ambientes investigados: a “Casa de Nhozinho” e “Casa da Fésta”. Esses museus foram escolhidos por serem uma grande concentração de patrimônio histórico-cultural, mais precisamente de cultura popular, possuindo grande acervo, em exposição, do cotidiano regional, permitindo um maior aprofundamento e abrangência da compreensão e análise das representações e motivações.

O universo ou população considerado como o conjunto dos elementos que tem alguma característica em comum foi definido em função de dois perfis básicos dos sujeitos: gestores dos museus e visitantes dos espaços. Para as entrevistas realizadas com os gestores se optou pela participação de cada gestor do espaço museal, no caso os dois museus participantes. No total, foram três pessoas entrevistadas, pois se compreendeu a necessidade de ouvir um funcionário de

ambos os espaços museais, que não é denominado gestor do espaço, mas contribuiu muito com suas considerações e intervenções, pela ampla experiência e conhecimento dos espaços investigados.

Convém destacar, neste contexto, a questão da amostragem quanto ao que se pretende em relação a tais sujeitos, pois o critério de representatividade da amostragem na pesquisa qualitativa não é numérico; contudo, a quantidade de pessoas entrevistadas e de questionários aplicados deve, no entanto, permitir que haja a reincidência de informações ou saturação dos dados, fato que ocorre quando nenhuma informação nova é acrescentada com a continuidade do processo de investigação (MINAYO, 1999). Para a autora, uma amostra relevante é aquela que reflete as múltiplas dimensões do objeto de estudo e, assim, uma amostragem por conveniência (não probabilística), enquanto aquela em que o pesquisador seleciona membros da população mais acessíveis deverá ser encaminhada para o estudo *a posteriori* (RICHARDSON, 1999).

O questionário para os visitantes foi preenchido pelos visitantes que estiveram nos espaços museais entre agosto e outubro de 2016, todos maiores de idade e que se propuseram a responder, haja vista não terem sido obrigados o preenchimento e a participação na pesquisa. Compreendendo um total de 40 questionários. Ressalta-se que o tempo de aplicação se deu em decorrência do baixo número de visitantes, bem como o desinteresse em responder ao questionário, fatos que causaram a extensão do período para aplicação dos questionários, haja vista se ter uma expectativa de participação com uma quantidade maior nesta amostragem.

Espaço e sujeitos se configuram, portanto, como alvos para as discussões, observações que envolvem sua interface, articulada a partir de um retorno ao referencial teórico adotado e aos resultados empíricos que, juntos, deverão favorecer o exercício da composição teórico-metodológica que se pretende ser a contribuição da análise sobre a apropriação dos espaços museais de cultura popular no Centro Histórico de São Luís-MA como espaço de lazer, tendo-se como referência segmentos de público e sua apropriação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE LAZER E MUSEUS

Neste capítulo, busca-se, no primeiro tópico, conceituar o lazer a partir da concepção de diversos teóricos, bem como mostrar as relações existentes no seu processo de constituição, relacionando as características desse fenômeno como o tempo, o prazer, o entretenimento e o desenvolvimento, delineando os conteúdos culturais do Lazer e suas interfaces com o espaço, os equipamentos e a fruição da cultura. No segundo tópico, faz-se um breve retrospecto da história dos museus para se chegar à nova museologia e ao rompimento de paradigmas advindos desse processo, como também se trouxe o Centro Histórico de São Luís-MA e os espaços museais, buscando conectá-los com a nova realidade museal, permeada pela aproximação da cultura popular e sua utilização como espaço de lazer. Finaliza-se com um último tópico que faz um diálogo acerca das relações entre os museus e os aspectos do lazer.

3.1 O VIÉS DO LAZER

3.1.1 Emergência e concepções fundamentais do processo de constituição do lazer: relações entre tempo, prazer, entretenimento e desenvolvimento

Entre as diversas concepções históricas encontradas sobre a temática “lazer”, buscou-se enfatizar as considerações feitas por Larizzatti (2005), em sua obra sobre “Lazer e recreação para o turismo”; Melo e Alves Júnior (2012), em “Introdução ao lazer”; Gomes (2008), com a obra “Lazer, trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas”, não deixando, porém, de abordar alguns pontos relacionados na busca pela compreensão dos aspectos históricos, autores que complementem pensamentos e façam as conexões necessárias para um melhor entendimento do trabalho.

Embora hoje se possa identificar uma representação social que o lazer possui, tornando-se cada vez mais valoroso no cotidiano das pessoas, o reconhecimento de sua importância relacionada a uma dimensão cultural não fazia parte deste discurso corrente, que só recentemente aflora.

Faz-se importante uma volta ao passado no uso do termo lazer para compreender os mais diversos processos históricos, social e cultural que fazem parte na construção da conjuntura dentro do contexto aqui estudado.

No âmbito da história, as práticas de diversão guardam especificidades harmonizadas em cada época. As práticas de diversão ou o brincar e se distrair foram vivenciadas nas diversas civilizações, tendo, portanto, correspondência com o fenômeno lazer, e são por vezes similares às práticas de lazer que se buscam compreender, mas se enfatiza que o fato de haver estas equivalências não constitui, necessariamente, fenômenos iguais.

O termo lazer é usado inicialmente a partir do século XV, na Inglaterra, mas “é somente no século XVIII, nesse mesmo país, que adquire os sentidos e significados com os quais operamos hodiernamente” (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 2).

Considera-se essa informação por ser relevante explicar que para o desenvolvimento deste estudo sobre questões do lazer se tratam das correntes atuais do termo lazer, pois para a compreensão geral de mundo, a compreensão do lazer na modernidade se sobrepõe à necessidade de revisar a utilização do termo, seja no aparecimento, na Grécia, em atividades que estivessem ligadas à aprendizagem, ao cultivo do corpo e do espírito.

Segundo Gomes (2008, p. 21), para os gregos:

O ócio (*skholé*)⁴ significava, para os gregos, desprendimento das tarefas servis, condição propícia à contemplação, à reflexão e à sabedoria. No entanto, apesar de assumir caráter contemplativo e reflexivo, não significa passividade. Ao contrário, representava um exercício em forma elevada, atribuído à alma racional: os filósofos eram adeptos da tese de que os tesouros do espírito eram frutos do ócio.

O surgimento do lazer se deu em Roma, com o início de atividades relacionadas à diversão popular, não só restritas às elites⁵, como na Grécia. Posteriormente, na Idade Média, onde acontecem mudanças nos sentidos e significados do aproveitamento do tempo de não trabalho, em geral, o ócio é considerado um tempo de descanso e festa, mas com limitações impostas pela

² A expressão *skholé* se refere ao tempo livre não como momento de desocupação, mas como ocasião de crescimento espiritual. Segundo Gomes (2008), vincula-se à possibilidade de descanso, repouso e contemplação; condição propiciada pelo distintivo característico das classes privilegiadas: a ociosidade.

³ Mesmo sendo visto como algo nobre e acessível a uma privilegiada minoria, era intensa a participação em jogos, festas, divertimentos, comemorações sociais e outras manifestações culturais que, assim como ócio, constituem o lazer enquanto dimensão da nossa cultura (GOMES, 2008, p. 23).

Igreja Católica e repressões aos divertimentos e festejos para fins de adequação dos novos parâmetros socioculturais em construção.

Trabalho e não trabalho são dimensões da vida que não podem ser compreendidas nem de forma hierarquizada (uma se sobrepujando à outra) nem de forma isolada (uma sem relação com a outra): ambas são igualmente importantes e, de forma equilibrada, constituem a possibilidade de satisfação e felicidade (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 6).

Situando o lazer ainda antes de adentrar ao período moderno, segundo Larizzatti (2005), antes da revolução industrial (século XIII) o número de horas trabalhadas era bem menor e a cada três dias de trabalho tinha feriado ou folga. Pós-revolução industrial (indo até o início do século XIX) a quantidade de horas trabalhadas aumenta muito, chegando a 70 horas semanais.

Corrobora-se com Melo e Alves Júnior (2012), pois se entende que muitos aspectos marcam o período moderno, como um maior fluxo do comércio e a ascensão de novos grupos social. Mas os desdobramentos serão perceptíveis a partir do século XVIII, com o advento da implantação do modelo fabril, da organização do trabalho nas fábricas, as mudanças⁶ sociais, políticas e culturais que advinham desses aspectos, pois o cotidiano passa a ser marcado pela jornada de trabalho nesta fase inicial do capitalismo, onde todos passam a seguir uma rotina rígida e uma submissão às máquinas. “Com isso, também se artificializou o tempo de não trabalho, e foi nesse período típico da modernidade que surgiu o que hoje definimos como lazer [...]” (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 7).

[...] esse fenômeno se estabeleceu e se definiram seus sentidos e significados no âmbito das tensões surgidas entre as classes sociais em formação: os detentores dos meios de produção (a burguesia, que integrava as elites com a velha aristocracia, que teve de passar por mudança em sua conformação) e aqueles que vendem sua força de trabalho (a classe operária que emergia nesse processo histórico, e as camadas populares) (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 7).

Neste momento de novas formas sociais, no qual a organização popular toma força e “fôlego”, a classe burguesa entende que para o controle social e a

⁶ Com o advento industrial os horários naturais de um homem que passou da produção para sua subsistência à produção com fins capitalistas, enfrentando duras jornadas de trabalho, são modificados seu ritmo de vida e hábitos, enfim, sua natureza. As primícias por reivindicações realizadas pelo tempo do não trabalho, e tempo para o lazer remetem a essa época, pós-revolução, onde com o aumento da produção industrial e a falta de tempo para o lazer se iniciam as lutas pela redução da jornada de trabalho. Dentro desse contexto temos a primeira reivindicação no Brasil, com greve, buscando melhores condições de trabalho no início do século XVIII (1901) seguido de vários outros momentos grevistas até a consolidação das oito horas da jornada de trabalho diária permitidas pela instituição da lei trabalhista.

manutenção da ordem é necessário o domínio das diversões da população. Essas sendo consideradas perigosas e perniciosas fugiam da conexão do trabalho penoso, mas, principalmente, por serem momentos onde o operário poderia se encontrar, abster-se do controle, conversar, “trocar ideias”, enfim, propiciar momentos de tomada de consciência da opressão trabalhista que ainda se abatia sobre eles.

Melo e Alves Júnior (2012, p. 9) afirmam que:

O processo de controle de tempo de não trabalho foi entabulado com a articulação entre o poder judiciário, as forças policiais e a influência religiosa: leis restritivas, aprovadas pelo primeiro, eram observadas por um sistema policial a serviço da “ordem” e reiteradas pela intervenção da religião, que começava a se inserir nos meios populares a título de oferecer ajuda material e espiritual à difícil situação.

Substituindo progressivamente o modo submisso de trabalhar através das conquistas trabalhistas, pela organização popular e reivindicação dos direitos e conquistas advindas dessas lutas de classe, observou-se emergir o lazer desse contexto influenciado diretamente pelas elites que buscavam tirar vantagens tanto com o controle da população como também dos lucros com atividades proporcionadas de lazer e estruturas comerciais que giravam em torno delas. “Espetáculo e consumo se tornariam dimensões de grande importância da configuração do ideário e imaginário da modernidade” (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 10). As pessoas com maior tempo livre terão maior tempo para o lazer, as necessidades de consumo podem ser as mais diversas e as atividades voltadas de lazer têm uma capacidade de inovação permanente.

Entende-se, dentro dessas perspectivas apresentadas, que o lazer vem em contraponto aos momentos onde o trabalho humano era penoso. A redução da jornada de trabalho aumenta a exploração do lazer, pois permite uma vida além dos muros do seu local de trabalho, das fábricas. Caberia a ele a concepção unívoca de ócio, contemplação, descanso, “o lazer é atrelado aos princípios de prazer, satisfação, liberdade, deleite, reflexão e realização” (GOMES, 2008, p. 27).

Compreendendo a emergência do lazer e as principais concepções no processo de sua constituição, entende-se, acordando com Larrizatti (2005), que os estudos relacionados ao lazer se encaminham sobre aspectos da sociologia do trabalho, da modernização e da questão urbana que engloba os espaços e as cidades. O tempo de lazer se fundamenta nas transformações que o mundo passa, nas “revoluções técnico-científicas em que o trabalhador produz mais em menos

tempo, e revoluções ético-estética, que mudam o cotidiano das pessoas nas relações familiares, políticas, da religião e do trabalho” (LARRIZATTI, 2005, p. 35).

Todas essas mudanças dão aos trabalhadores oportunidade de vivenciar o lazer, primeiro por terem tempo livre depois do trabalho, depois a oportunidade de escolher o que fazer nesse tempo e o prazer inserido nesse contexto.

O trabalho foi, segundo Gomes (2008, p. 44), “sendo gradativamente, revestido dos princípios capitalistas, os quais acabaram influenciando também os novos significados conferidos ao lazer na modernidade”, aos quais em interação com o lazer, nele influenciado e sendo por ele influenciado, encontramos o processo de urbanização, as mudanças de valores e recursos humanos e materiais apontados por Requixa (1980) como os três aspectos para se analisar as tendências do lazer.

O primeiro apontado é o processo de urbanização relacionado aos efeitos do desenvolvimento econômico, na criação de equipamentos, moradia e transporte, bem como também na exclusão de áreas que anteriormente estavam “desocupadas” (espaços não construídos), mas utilizadas em brincadeiras e jogos, principalmente por crianças. As atividades realizadas no tempo livre também infligem alterações na organização estrutural do meio urbano, pois com um maior fluxo de pessoas, migração em busca da “cidade grande” temos modificações das ocupações dos espaços como um todo, ocasionando planejamento e proporcionando áreas de lazer, pela cidade.

A segunda tendência são recursos humanos e materiais utilizados para aplicabilidade no lazer, os profissionais que atuam nestas áreas de “animação sociocultural” necessitam estar cada vez mais especializados, não bastando espontaneidade e alegria, mas formação específica para atuar nesse seguimento. Por último se têm as **mudanças de valores** incidentes na qualidade de vida, entendendo-as como essenciais na vida das pessoas e o lazer fazendo parte como propiciador desta segmentação, além das mudanças que o acesso ao lazer leva a uma democracia cultural.

Assim, nos conceitos que incidem sobre lazer, verificou-se que os termos “tempo livre”, “prazer”, “entretenimento” e “desenvolvimento” perpassam por diversos estudos, sempre com a finalidade de alcançar um conceito mais adequado para “lazer”. Inicialmente, Marcellino (2007) aponta quatro conceitos que precisam ser levados em conta, relacionados ao lazer:

1. Cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações (escolares, sociais) combina os aspectos tempo e atitude;
2. Fenômeno historicamente gerado, em que emergem valores discutidos da coletividade e acerca do qual são praticados controles pela estrutura social vigente;
3. Um tempo privilegiado, com direito e regalia para vivência de valores, esses no sentido de contribuir para transformações “de ordem moral e cultural”;
4. O lazer como um portador de aspectos educativos, sendo objeto da educação e, ao mesmo tempo, seu condutor.

Precisa-se entender a relação dialética entre o lazer e a sociedade, em que a sociedade gera e exerce influências sobre o mesmo, os valores e o desenvolvimento. “A vivência desses valores pode se dá numa perspectiva de reprodução da estrutura vigente, ou da sua denúncia e anúncio – pela vivência de valores diferentes dos dominantes – imaginar e querer vivenciar uma sociedade diferenciada” (MARCELLINO, 2007, p. 11). É importante compreender, dentre os aspectos ressaltados à luz do autor citado, que o desenvolvimento deste trabalho não está se negando a questão de descanso e tampouco de divertimento, mas se precisa compreender que no lazer existe, e é menos considerada, a dimensão do desenvolvimento que pode aflorar da sua vivência.

Vive-se no espaço e no tempo, e é na relação dessas dinâmicas que o ser humano constrói relações sociais, organizando-se sempre em “tempos sociais”, esses sendo destinados ao trabalho, à família, à educação, sendo a sociedade conduzida pela junção destes tempos sociais.

Considera-se a questão do tempo⁷, sua classificação, para entender qual tempo está sendo considerado como destinado ao lazer. Joffre Dumazedier (1980) classifica o tempo em quatro situações distintas (ver Quadro 1).

⁷ Grande parte dos autores que estudam lazer atribui ao tempo livre a ideia de um tempo em que não se faz nada por obrigação; é, então, um tempo liberto das obrigações, no qual se pode optar por fazer alguma atividade prazerosa, descansar ou simplesmente não fazer nada. O lazer seria uma esfera desse tempo livre – ou tempo liberado – que implicaria em realização de atividades, enquanto ao ócio se associa, comumente, a ideia de não fazer nada, de contemplação e preguiça. A opção e a escolha são características típicas desse *tempo livre*. Alguns autores, como Marcellino (1990), preferem tratar desse tempo considerando um tempo *disponível* em que não se busque nenhum objetivo financeiro, mas apenas a satisfação pessoal, seja pela prática de lazer seja pela contemplação do ócio (PADILHA, 2000 *apud* GOMES, 2004, p. 220, grifo nosso).

Quadro 1 - Classificação do tempo

Tempo ocioso	É a ausência do trabalho, por opção própria.
Tempo desocupado	É a situação do desempregado.
Tempo liberado	Quando podemos trabalhar produzindo cada vez mais e melhor, e trabalhando menos.
Tempo livre	É resultado do tempo liberado, é a liberação do tempo de trabalho e de obrigações domésticas e escolares.

Fonte: Adaptado de Joffre Dumazedier (1980).

No lazer, utiliza-se o tempo livre, mas nem tudo o que se faz no tempo livre é lazer. De acordo com Padilha (2000 *apud* GOMES, 2004, p. 218-219):

A compreensão do **tempo livre**⁸, visto como um dos tempos sociais, sempre esteve vinculada aos significados do trabalho e do tempo de trabalho e, dessa maneira, seu sentido principal prevalece sendo o de um tempo de não-trabalho, embora nem todo tempo da esfera fora do trabalho seja um tempo disponível para o lazer ou para o ócio.

Ainda por Dumazedier (1979⁹ *apud* GOMES, 2004), foram formuladas proposições teóricas catalogadas em seus estudos, um sistema de caracteres específicos e constituintes do lazer

- **Caráter liberatório:** o lazer é liberação de obrigações institucionais e resulta de uma livre escolha;

- **Caráter desinteressado:** o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum (lucrativo, profissional, ideológico);

- **Caráter hedonístico:** o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação. Essa busca pelo prazer ou fruição é de natureza hedonística, representando a condição primeira do lazer;

- **Caráter pessoal:** as funções do lazer respondem às necessidades dos indivíduos, em face das obrigações primárias impostas pela sociedade.

Perceber o lazer dentro dessa conjuntura, com essas características, conduz à compreensão de que todas essas dimensões teóricas juntas (a livre escolha, o desinteresse lucrativo, o prazer e as necessidade dos indivíduos) são responsáveis pela compleição do lazer.

⁸ A expressão tempo livre corresponde, em inglês, a *free time*; em francês, diz-se *temps libre*; em espanhol, *tiempo libre*; e em alemão se usa a expressão *Freizeit* (PADILHA, 2000 *apud* GOMES, 2004, p. 218).

⁹ Obra de Joffre Dumazedier intitulada "Sociologia empírica do Lazer". São Paulo: Perspectiva, 1979.

Nos estudos do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980), o lazer é liberação e prazer (relacionado ao caráter pessoal), sobre o qual incidem três categorias que correspondem às suas funções mais importantes:

- a) função de descanso;
- b) função de divertimento, recreação e entretenimento;
- c) função de desenvolvimento.

Para Dumazedier (2000, p. 34):

[...] as três funções são solidárias, estão sempre intimamente unidas umas às outras, mesmo quando parecem opor-se entre si. [...] podem suceder-se ou coexistir; manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer.

Quando se fala em lazer (no dia a dia), busca-se associar, principalmente, a algo muito agradável, divertido e que gere prazer. Para compreender a qual amplitude esse termo se refere e sua dimensão social é preciso compreender que características como a liberdade de escolha e a liberação do tempo precisam estar vinculadas.

De acordo com o pensamento aristotélico o prazer é um ato completo em si mesmo, não tende para nada, senão para ele próprio. Não é a transição da potência ao ato, mas o ato em si e por si. Não é um “dever”, não possui começo, nem fim, mas é um momento pleno e completo. O prazer, para Aristóteles, não estabelece quaisquer relações com o contexto e também não representa o objetivo da vida. Mas as pessoas aspiram a ele porque desejam viver, e a existência é uma atividade que recebe do prazer um sentido a mais, aumentando o desejo de continuar vivendo (GOMES, 2008, p. 23-24).

A ampliação das dimensões sobre o lazer é essencial para que este fenômeno possa incitar na realidade, nos indivíduos e na sua conjuntura uma apreensão crítica, por meio de suas práticas culturais. Assim, tenta-se, na análise seguinte, versar principalmente sobre estas dimensões trazidas no lazer como um todo estreitando a análise dos conteúdos culturais.

3.1.2 Conteúdos culturais do lazer: o espaço, os equipamentos e a fruição da cultura

A utilização do termo “conteúdos culturais do lazer” para designar as manifestações culturais advém de Joffre Dumazedier, especificadamente de sua

classificação sobre as atividades de lazer e/ou manifestações do lazer. Essa classificação permanece reconhecida por diversos estudiosos da área, nela prevalece o elemento principal que motiva os sujeitos nas suas escolhas, desencadeando sua busca e escolhas. Segundo Dumazedier, são cinco os interesses do lazer.

1- Interesses Físicos (práticas esportivas no geral, dança, caminhada, atividades físicas acessadas nos momentos de lazer);

2- Interesses Artísticos (a motivação central seria a experiência estética, como exemplo se tem a arte nas suas diversas formas de apresentação como centros culturais, cinemas, museus, teatros);

3- Interesses Manuais (a motivação se encontra na manipulação de objetos e produtos, por exemplo, a jardinagem, costuras, bordados, culinária);

4- Interesses Intelectuais (atividades que estão diretamente ligadas a ato de raciocinar, como xadrez, dama, cursos, palestras);

5- Interesses Sociais (atividades relacionadas ao encontro entre pessoas, exemplos como festas, frequência em bares e restaurantes, espaços de convivência).

Acima se descreve a teoria dumazediana da classificação dos conteúdos culturais, entendendo as atividades com interesses predominantes em cada uma delas, mas se ressalta um outro interesse não idealizado dentro da classificação apresentada por Dumazedier, mas apresentado por outro estudioso, Luiz Octávio de Lima Camargo, que acrescenta os **interesses turísticos** existentes na lista de interesses do lazer. Assim, os interesses Turísticos relacionam as atividades que por vezes são confundidas com alguns outros interesses, mas se tratam especificadamente de experiências como passeios e viagens.

Dentre os levantamentos realizados se encontrou, de autoria de Gisele Maria Schwartz, os **interesses virtuais do lazer**, onde se tem o uso da internet (atividades de Interação social, diversão nas salas de bate-papo, jogos virtuais, troca de correspondências, aplicativos em celulares, como exemplo *whatsapp*). Entre essas classificações, percebe-se que por diversas vezes ocorrem simultaneidades, pois uma mesma atividade pode ser classificada em um ou mais interesses de lazer, como exemplo, a visita ao museu ou espaço de cultura popular, ao mesmo tempo

em que é atividade ligada a obter uma experiência estética (interesses artísticos), como também a visita é influenciada pela busca de conhecimento (interesses intelectuais), através da arte, ou mesmo como uma visita turística (interesses turísticos).

Essas práticas são desenvolvidas em lugares denominados, especificadamente, de equipamentos de lazer, mas que genericamente são chamamos de espaços de lazer. Esse espaço social do lazer equivale ao usufruto do período presente em um certo lugar, não se limitando aos tempos já estabelecidos e constituídos, ainda que as condições sólidas para que ele aconteça se equiparem comumente com modelos sociais formalmente criados em cada momento histórico.

A partir de um olhar mais amplo, espaço de lazer se refere a um dos aspectos de políticas de lazer relacionado com a organização dos diferentes equipamentos, como são distribuídos e as possibilidades que são oferecidas em uma cidade. A expressão espaço de lazer representa toda rede de equipamentos de lazer, vazios urbanos e áreas verdes de determinadas localidades. Associado ao espaço urbano, o lazer precisa ter seu lugar. Marcellino (2006) chama esse espaço de “equipamento” e classifica como equipamentos específicos e equipamentos “não específicos” de lazer.

Nos equipamentos específicos se encaixam os diversos tipos de edificação ou instalação onde acontecem atividades e eventos de lazer de um modo geral. Nessa categoria se têm os espaços culturais, dentre eles o teatro, os cinemas e o museu, espaço onde se desenvolveu a referida análise, caracterizado como espaço de cultura popular. Os equipamentos não específicos de lazer são espaços não construídos de modo particular para o lazer, mas que eventualmente são utilizados para o fim.

Os espaços de lazer e/ou equipamentos possuem importância, pois se caracterizam como espaços de convívio, encontro e cruzamento com o “novo” e o diferente, lugar de práticas culturais com diversas experiências e vivências valorosas, que distintas vezes traduzem conhecimento. Neste sentido, toma-se o lazer como uma problemática tipicamente urbana, característica, sobretudo, das grandes cidades, onde democratizá-lo implica em, igualmente, democratizar o espaço (MARCELLINO, 2006), dando acessibilidade aos conteúdos e/ou atividades culturais implícitos nas diversas possibilidades de lazer.

Em relação à estrutura de referência geral, deve-se levar em conta o lazer como “cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude” (MARCELLINO, 2007, p. 10). O lazer, dentro do contexto no qual se utiliza o termo “cultura”, não se refere a uma redução apenas de um conteúdo como o artístico, por exemplo, mas a todos os conteúdos culturais diversos. O lazer aqui é entendido como:

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações (GOMES, 2004, p. 124).

Ao se referir à palavra vivenciada, Marcellino (2007) também aponta o lazer não apenas como prática de uma atividade, mas ao conhecimento e à assistência que essas atividades podem proporcionar. Com as contribuições desse autor foi possível averiguar uma significativa mudança na abordagem quanto ao entendimento do lazer, começando a ser percebido por estudiosos brasileiros sob o prisma da cultura, principalmente a partir da década de 1990.

Dentre as peculiaridades que sobrepõem a essas novas percepções, o lazer implica, dentro de um contexto sociocultural, em construção e transformações de práticas culturais, onde se compreende a ressignificação contínua e simbólica da cultura.

A autora Christianne Gomes (2004) faz uma leitura sobre o lazer relacionado à cultura e afirma a necessidade de superar o entendimento restrito de lazer como cultura, pois associar o lazer com a cultura ressalta a importância de se aprofundar conhecimentos sobre esta última; o lazer é uma das importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho, a educação, a família, dentre outras. Portanto, esse lazer é uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres, as obrigações e com o trabalho produtivo. Então, como dimensão da cultura construída socialmente em nosso contexto, o lazer é constituído por três elementos inter-relacionados relevantes para os estudos correlacionados ao museu, segundo Gomes (2004, p. 124):

- **Tempo/espço**, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer; indo além do espaço físico, por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam, no sentido de transformá-lo em ponto de encontro e de convívio social para o lazer;

- **Manifestações culturais**, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;

- **Ações/ludicidade** (ou atitude), que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados a/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade.

Assim, é necessário considerar na pesquisa desenvolvida essas características apontadas por Cristiane Gomes (2004) como elementos que se articulam com os espaços de cultura popular, seja pelo processo de visitação ou pela sua utilização como forma de fomentar e dar mais acessibilidade aos espaços, ou pela dimensão paralela ao conhecimento incidente sobre a cultura popular, processo esse denominado de educação pelo lazer.

O lazer subsidiado a partir desses três elementos se estabelece nas diversas dimensões da vida cultural, e por não ser um fenômeno isolado, está em um franco diálogo com o contexto social de apropriação dos espaços de cultura popular.

Ao encontro de tal abordagem se faz oportuna a participação de Marcellino (1995, p. 18), quando destaca que a “especificidade concreta” do lazer deverá levar em conta o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos, suas possibilidades como instrumento de mobilização e de participação cultural, e as barreiras socioculturais verificadas para seu efetivo exercício, tanto intraclasses como interclasses sociais. Dessa forma, de acordo com Gomes (2008), largando seu conceito além de uma institucionalização na qual o lazer colabora com o emprego “saudável e útil” do tempo livre na modernidade, processo que se desenvolveu por meio da constituição de práticas culturais “recomendáveis” destinadas a combater o ócio e outras atividades consideradas nocivas para a sociedade.

Portanto, com as relações estabelecidas dentro dessa construção dos conceitos e concepções acerca do lazer, o termo é compreendido como um elemento da cultura composto por meio da vivência lúdica de manifestações

culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito, dentre eles os espaços de cultura popular, objeto de pesquisa que compõe nossa análise.

3.2 O ESPAÇO MUSEAL

Neste t3pico, busca-se enfatizar os espaços museais, entendidos aqui principalmente pelo vi3s de que s3o, sobretudo, locais de preservaç3o da mem3ria, tamb3m de identidade, compreendidos como 3mbito, espaços aptos a promover a participaç3o social. Nesse sentido, os museus s3o compreendidos como locais de representaç3o¹⁰ das novas concepç3es sociais. Sendo esse vi3s importante para captaç3o do p3blico nesses espaços, como tamb3m ajuda no encaminhamento para tornar esses espaços mais acess3veis e inclusivos.

Nas d3cadas finais do s3culo XX, o papel dos museus foi se transformando, inicialmente nas nuanças relacionadas as suas funç3es, chegando a espaços tem3ticos de cultura popular. Assim, desenvolve-se uma nova forma de se pensar o museu, sendo considerado um lugar de aprendizado, lazer, identidade e mem3ria. Dentro do contexto principalmente dos museus de cultura popular, compreendidos como espaços onde h3 uma maior aproximaç3o com um p3blico diversificado.

Inicialmente, faz-se um breve panorama hist3rico dos museus, seguindo at3 as novas concepç3es desse espaço, tratando da museologia na atualidade, fazendo uma reflex3o sobre os museus, trazendo algumas consideraç3es sobre o desenvolvimento deles, principalmente os pontos que tratam da nova configuraç3o desses espaços, decorrendo sobre a nova museologia, passando os museus de lugares que em tempos remotos eram elitizados, bem como o acesso para pesquisa e especificadamente seu acervo estava voltado para guardar artefatos das elites, para uma concepç3o com uma abordagem mais social, na qual eles t3m ganhado conotaç3es diversas daquela de simples comp3ndio de hist3ria e mem3ria.

Retomando as concepç3es hist3ricas, principalmente pelo olhar de Poulot (2013), tenta-se enfatizar as mudanç3as ocorridas nos museus, destacando-se que com o surgimento do *Internacional Council of Museums* – ICOM (Conselho In-

¹⁰ As representaç3es incidem diretamente sobre aquilo que Pierre Bourdieu classifica como habitus do agente, definido como um “sistema de disposiç3es dur3veis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto 3, como princ3pio que gera e estrutura as pr3ticas e as representaç3es...”, *ou seja, na terminologia* empregada pelo soci3logo franc3s, trata-se de um processo de “interiorizaç3o da exterioridade e de exteriorizaç3o da interioridade” (BOURDIEU, 1994, p. 60-61).

ternacional de Museus), em 1946, conduziram-se novas conceituações aos museus, incidindo aquele conselho a propor normatizações de procedimentos. Dessa forma se configura uma nova fase na elaboração das instituições, os espaços museais expandem suas concepções, funções e, principalmente, a elaboração de sua exposição, os tipos de acervo, tornando bens culturais a serviço da sociedade, estabelecendo-se com um importante papel de instrumento para o desenvolvimento através de seu acesso e dinâmica de apropriação dos espaços, onde resguardam o acervo, patrimônio, é a história que precisa se comunicar, falar e ter uma linguagem mais acessível à população.

Continua-se a abordagem no segundo tópico desta unidade no qual se abordam os espaços museais localizados no Centro Histórico de São Luis do Maranhão, buscando sua caracterização e difusão nesse espaço histórico, pois em similaridade com o surgimento, ao longo do século XX, de diversas instituições que atuavam na regulamentação, no fortalecimento e na difusão dos museus pertencentes ao Centro, esses espaços são responsáveis pela valorização das diversas culturas.

3.2.1 A nova museologia: rompimento com os paradigmas

O movimento de nova museologia tem sua primeira expressão pública e internacional na “Mesa-Redonda de Santiago do Chile”, em 1972. Esse movimento afirma a colocação social do museu e a posição global das suas intervenções. Apresenta-se um mapeamento do caráter histórico dos museus, seu desenvolvimento e consolidação como campo de estudo, destacando aspectos de acervo e colecionamento, patrimônio cultural e preservação, além da busca por especialização dessas instituições, desde sua relação de autoridade intelectual até o consumo turístico e a fidelização do público, sem deixar de mencionar o surgimento de novas tipologias de museus, como ecomuseus, museus comunitários, museus integrais e museus de cultura popular

Na história antiga clássica se podem encontrar registros sobre o ato de colecionar objetos; os gregos já cultivavam esse hábito, sendo que o termo originário de museu é *mouseion*, significando o templo das musas¹¹, filhas de Zeus (Poder) e

¹¹ O local era dedicado, na época, ao campo filosófico e a diversos ramos do conhecimento.

Mnemósine (Memória), que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltarem ao passado e de lembrá-los para a coletividade¹².

A forma e as funções do museu¹³, ao longo do tempo, foram paulatinamente se transformando da antiguidade clássica até hoje. Fatos perceptíveis na sua missão e conteúdo diversificaram seu uso, seu modo de funcionamento e administração também, por fim, a partir desse novo conceito passou a se posicionar também como espaço de lazer.

A mais antiga definição sobre Museu foi dada pelo *Internacional Council of Museums* (ICOM), em 1956, colocando os museus como um “um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários”¹⁴.

Em 2001, outra versão do ICOM foi aprovada na 20ª Assembleia Geral que aconteceu em Barcelona, na Espanha, em 6 de julho de 2001. Nela, amplia-se esse conceito, passando a ter uma finalidade ligada à educação e ao lazer. Portanto, uma “instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”.

Compreende-se que na versão mais atualizada a conceituação dos museus, pelo ICOM, em 2009, tenha sido bem mais abrangente, ressaltando a preocupação dos museus como espaços para atender a demanda educativa e turística, sendo essa última preocupação um reflexo direto com o processo de globalização instaurado, no qual se precisa atender o entretenimento e o lazer. Os museus, como instituições sem fins lucrativos, de caráter permanente, que são colocados:

¹² Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016.

¹³ “Museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, o espaço comumente idealizado para efetivar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio.

¹⁴ Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016.

[...] a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam, expõem e transmitem o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, para fins de estudo, educação e deleite.

Entende-se que a trajetória referente à definição do museu tem um importante ponto de mudança com o surgimento do ICOM (Conselho Internacional de Museus), em 1946, que passa a propor normatizações de procedimentos e configura uma nova fase na elaboração das instituições.

Além das instituições designadas como “Museus”, considerar-se-ão incluídas nesta definição os espaços seguintes¹⁵:

1. Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos;
2. Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno;
3. As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais – como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e vivários;
4. Os centros de ciência e planetários;
5. As galerias de exposição não comerciais;
6. Os institutos de conservação e galerias de exposição que dependam de bibliotecas e centros arquivísticos;
7. Os parques naturais;
8. As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus;
9. Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia;
10. Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais;
11. Qualquer outra instituição que (...) reúna algumas ou todas as características do museu ou que ofereça aos museus e aos profissionais

¹⁵ Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016.

de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da Educação ou da Formação.

Portanto, são locais propícios para realização da pesquisa, pois além de se enquadrarem como centros culturais facilitadores da conservação e continuação dos bens patrimoniais populares, esses espaços abertos ao público pesquisam, comunicam, expõem e transmitem conhecimentos culturais para os mais diversos fins, inclusive para deleite e lazer.

Os museus emergiram no século XVIII, do modo mais aproximado de como os conhecemos hoje, na dinâmica social europeia, como guardiões da história, segundo Leite (2001), sobretudo da história oficial ou dos grandes feitos e acontecimentos. Esses espaços museais, sob esta perspectiva, possuíam ainda o papel de comunicar o poder de uma determinada ordem social, de uma etnia aos seus visitantes, pois “[...] historicamente foram criados por e para os setores dirigentes [...]” (LEITE; OSTETTO, 2005, p. 25). Contudo, para não serem deixados ao esquecimento, entenderam que era necessário adotar outros papéis sociais, culturais, possivelmente, assumidos com o passar do tempo, e nessa perspectiva foram se transformando.

Até meados do século XX os museus eram direcionados, tanto as pesquisas realizadas quanto seu acervo, a guardar artefatos das elites e para as elites; portanto, existia abertura pouco significativa para o papel educativo que os museus teriam, muito menos espaço para manifestações culturais populares. Hoje, percebemos sua relação direta com a educação não formal,¹⁶ por exemplo, e seu acesso a visitação como deleite das diversas classes, pois como destaca Leite (2006, p. 23), o “[...] acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita ao sujeito apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade”. Ainda de acordo com Leite (2006), coloca-se a experiência museal como:

“[...] sobretudo, uma experiência cultural coletiva, na qual há várias aterialidades/subjetividades, espacialidades e temporalidades em interação: sejam as que envolvem o sujeito-contemplador, sejam aquelas referentes ao sujeito-autor, e ainda as concernentes aos objetos em si. Em outras palavras, é “no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é

¹⁶ Com base em outras pesquisas desenvolvidas nos espaços pesquisados, como a dissertação desenvolvida sobre a perspectiva educativa dos museus Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, com autoria de Monique Oliveira Serra.

constituído, desconstruído, reconstruído cotidianamente” (LEITE, 2006, p. 23).

O museu é um local institucional privilegiado, pois vai reunir o seu acervo e possibilitar, através da apropriação, o entrecruzamento entre passado, presente e futuro, propiciando dessa forma um enriquecimento cultural, sendo um espaço onde o aprendizado e o desenvolvimento fluem, e acontece a propagação do conhecimento¹⁷.

Por muito tempo (séculos XVIII e XIX) o museu “tem sido visto como um espaço estático, “sacralizado”, destinado à preservação da memória da humanidade” (SOUZA e MELO, 2009, p. 14). Essa concepção de museu é equivalente a concepção de patrimônio cultural, pois a mesma reflete dentro dos museus, foi construída na sociedade brasileira, considerando-os apenas como bens móveis e imóveis que tivessem valor histórico ou artístico.

O museu é um legado europeu que durante décadas preservou e reproduziu valores estéticos, glorificou personagens e fatos que interessavam a uma parcela bem reduzida da sociedade brasileira. Por vezes foram fruto de entusiasmo e de utopias de pequenos grupos ou indivíduos¹⁸.

Entretanto, a partir da Revolução francesa esses espaços que eram limitados a uma pequena parcela da sociedade foram se inserindo a todos os cidadãos, sendo necessário conseguir atrelar a imagem de patrimônio que precisa ser preservado, ao lugar que precisa ser visitado e visto pelas pessoas.

É importante pensar no surgimento do “Museu” enquanto lugar físico, nesse contexto, pois a partir do tombamento do patrimônio e sua divisão (distinção essa que está na base da legislação francesa sobre os monumentos históricos) em duas categorias, móveis e imóveis, eles requerem dois tipos diferentes de tratamento. Os móveis “... serão transferidos de seu depósito provisório ao definitivo aberto ao público. Consagrado então com o nome recente de *museum* ou de museu” (CHOAY, 2001, p. 100-101). Referindo-se à história da abertura do museu do “Louvre”, ou como coloca, suas aberturas ilustram “conjunto de conflitos doutrinários e ideológicos, assim como as dificuldades técnicas e financeiras com que se depara, então, a ideia e o projeto de museu” (CHOAY, 2001, p. 102). Percebe-se a importância pelos

¹⁷ Escritos do artigo “Percepções sobre o uso de tecnologia no museu Casa do Maranhão como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem (2015) com autoria de Pinto *et al.* (2015).

¹⁸ BLOISE, Ana Sílvia. O desafio da gestão dos pequenos museus. *In: O que são para que servem?* Organização Sistema Estadual de Museus de São Paulo - SISEM-SP. Secretaria de Estado de Cultura, Brodowski, 2011. p. 45.

estudos humanísticos e a valorização dos sujeitos nestes novos espaços, onde houve uma diversificação no conceito e acervo museográfico, colaborando com o processo de democratização a fim de ser permitido a todos o acesso aos acervos dos museus, recebendo as escolas e visitantes não elitizados.

No século XIX o Brasil acompanhava o estabelecimento das instituições museias, com a criação do Museu Real, em 1818, hoje conhecido como Museu Nacional, local voltado para a riqueza natural do império, também com a criação do Instituto Histórico e Geográfico em 1838. Ressalta-se que esse processo de abertura dos museus para a população no Brasil, inicialmente aconteceu com a intenção de se construir a nacionalidade do Estado brasileiro, assim, esses modelos ainda se encontravam distantes da realidade da maioria populacional, tendo a necessidade de discussões sobre a contextualização museal, sua função em criar, desenvolver o saber e educar (PERÉZ, 2009).

Da noção simples de um museu como um conjunto coerente de coleções, delimitadas e hierarquizadas com toda a clareza, organizadas com objetivos nítidos e unívocos, passamos, no decorrer do século XX, para uma imagem simultaneamente mais imprecisa e mais complexa, a serviço de uma multiplicidade de interesses divergentes, para não dizer contraditórios; daí surgiu, aqui e lá, o programa de uma nova ambiência museográfica, em nome da especificidade dos museus em relação às diferentes proposições da incipiente indústria cultural (POULOT, 2013, p. 142).

De uma forma geral, nos espaços museais a exposição do acervo vai ser constituída não somente com determinadas funções, mas no intuito de desempenhar um papel na reflexão social, pois “o desejo de renovação do perfil de museu, na tentativa de abandonar a enfadonha noção de ser detentor de todo o conhecimento” (RODRIGUES, 2013, p. 150)¹⁹, são representações que limitaram significativamente as possibilidades de expansão e reflexão crítica dentro dos museus.

Somente em meados do século XX, com as quebras de paradigmas e as mudanças nas décadas de 1950 e 1960 os museus foram reconhecidos como espaços de interdisciplinaridade e educação, a exemplo, o Museu Histórico Nacional criado em 1922, surgindo, a partir de então, a possibilidade, no Brasil, de guardar memórias, como as dos museus de cultura popular com artefatos das classes menos nobres, a exemplo temos o Cafuá das Mercês, criado em 1975 e o Museu Domingos Vieira Filho, criado em 1976, ambos localizados no centro histórico de São Luís-MA, capital maranhense.

¹⁹ Disponível em www.scielo.br/pdf/er/n58/1984-0411-er-58-00289.pdf, acessado em 29 ago 2016.

Ressalta-se o surgimento das novas tipologias museias, como o ecomuseu, instrumento de participação popular no planejamento do território e no desenvolvimento comunitário; o museu integral (une o patrimônio cultural com o desenvolvimento cultural); e os museus comunitários também são fruto desse processo, pois a partir da década de 70 (COSTA *et al.*, 2013), os museus dos países em desenvolvimento passaram a seguir as diretrizes dos novos paradigmas da museologia, que defendem que estes espaços deveriam ser reservados para preservação e reinvenção da memória, criação e socialização do conhecimento, todas as mudanças ocorridas nas décadas de 1970, principalmente com o surgimento e a sistematização da nova museologia, mesma museologia social, que faz esses espaços se abrirem para outros públicos e possibilitando também serem vistos como locais de lazer, além de educação.

Destaca-se que as reuniões promovidas pelo ICOM, das quais resultam diversos documentos valiosos que incidem na transformação de suas funções, recolocam o museu em sintonia com as mudanças sociais, econômicas e culturais no mundo. Reafirmando sua função social, destacando-se também novos horizontes na ação educativa dos museus. A Declaração de Santiago, 1972, que redimensionaria um novo conceito de museu, o Museu Integral, no qual a comunidade é incentivada a ter uma visão do conjunto no seu meio material e cultural; a Declaração de Quebec, em 1992, que reafirma a função social do museu; a Declaração de Caracas, em 1993, que discute ações para os museus da América Latina e Caribe.

Oportunamente, Poulot (2013) também faz referência a estas novas concepções de museus, os museus **característicos sobre as cidades**, especialmente no caso francês, difundidos pelo interior do país, como em Grenoble ou em Saint-Quentin-en-Yvelines. Coloca também a invenção dos **museus ao ar livre**, uma ideia originada na Suécia, que almejava ampliar a experiência sobre os objetos do Nordiska Museet, de Estocolmo, através de atividades tradicionais e demonstrações folclóricas e dos **ecomuseus**, propondo-se a vinculação do patrimônio a um meio ambiente e a uma comunidade com participação popular. Mas só a partir da década de 90 que se teve uma significativa vinculação entre o aparecimento de novos ecomuseus a um movimento internacional da Nova Museologia.

A partir da compreensão sobre um contexto de definições e mudanças, “o museu, uma instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento deve se apresentar com as seguintes características”²⁰:

- O trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;
- A presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
- A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
- A vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;
- A democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;
- A constituição de espaços democráticos e diversificação de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Assim, são considerados museus, independente de sua denominação, as instituições ou espaços museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas. O museu sendo entendido como um espaço privilegiado de propagação dos saberes, ou mesmo pertencente também aos conteúdos culturais para o lazer, além de ter proximidade com a escola e com o turismo cultural, torna-se um complemento da educação escolar e seu papel de difusor cultural junto aos visitantes com diversos perfis sociais que escolhem e buscam se apropriar desses espaços no seu momento livre, pois a comunicação propiciada pela exposição para a difusão de conhecimentos também é um ponto importante, segundo Poulot (2013), para se refletir a respeito das funções de um museu.

²⁰ Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016. Relacionado ao Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, que institui o Sistema Brasileiro de Museus, e estabelece as características das instituições museológicas.

Atualmente, o museu apresenta uma tendência a abranger diversas áreas do conhecimento, os aspectos da antropologia e da etnologia, apropriando-se dos objetos do cotidiano, objetos de família marcados por destinos individuais que se integram em uma museografia de histórias de vida. Entende-se que (re)encontrar bens populares, os de uma família que não seja pertencente à elite, em um museu, já não é uma realidade remota. A partir daí, das novas funções e tendências, as experiências, antes reservadas somente aos ricos e às pessoas influentes, manifesta-se aos habitantes do próprio local, convocados implicitamente a se tornarem doadores de peças e artefatos e experienciadores na visita e construção desses espaços. Segundo Poulot (2013):

O museu assume como vocação, seja se tornar um espaço de histórias cruzadas, uma exposição de nossas inquietações, seja participar no triunfo de uma retórica o acesso, sob a forma de um estabelecimento de informações que servisse de legitimação política e cultural (POULOT, 2013, p.108).

Para Bourdieu (2011), as convenções do estabelecimento são naturalizadas no seio das relações sociais e internalizadas sob a forma de habitus. A prática da visita define um status no âmago das relações com a cultura legítima, além de refletir a estratificação sociocultural. Nessa perspectiva, “está fora de questão que possa existir, necessariamente, um bom entendimento entre o museu de arte e a democracia”. Configurando-se nessa perspectiva colocada por Bourdieu, tem-se o olhar de Poulot (2013, p.141) trazendo outros aspectos também dialogados com a concepção do espaço museal.

O museu moderno está vinculado à emergência de um espaço público no final do século XVIII e, portanto, era estruturado pela discussão em torno de um interesse comum, modelado por um programa pedagógico racional, sem ser caracterizado unicamente pela abertura de um lugar a visitantes. O museu do século XIX participou em seguida da elaboração de uma representação democrática e patriótica que mantém vínculos evidentes com as Exposições Universais, além de dispor de todos os equipamentos de educação.

Como parte dessa abertura alguns museus criaram setores educativos e a interatividade passou a fazer partes dessa conjuntura, parte deles ou um todo, principalmente para receber outros perfis de visitantes, alunos e professores. Tais setores são também responsáveis pela elaboração das formas de mediação do público com o acervo museológico. Na atualidade, a “[...] palavra de ordem parece ser acessibilidade: arquitetônica, física, cultural e intelectual – essa última

procurando favorecer ao visitante melhor compreensão das obras” (LEITE, 2006, p. 31). Assim:

Considerando a exposição o principal meio de contato com o público, é também por meio dela que se gera visibilidade aos estudos produzidos pelo museu. Em seu entendimento a exposição é uma manifestação temporária, na qual é possível aumentar a rotatividade do acervo exposto ao promover destaques, exposições monográficas ou temáticas que favorecem a imersão do visitante no conteúdo ofertado, expandindo ainda mais a atratividade do museu (RODRIGUES, 2013, p. 149)²¹.

Para tanto, é necessário que o museu tenha a limpidez de sua incumbência, sua missão, e de como seu acervo permanente norteia traçados e planos posteriores, o arcabouço dirigente da instituição e suas possibilidades de crescimento, seja da estrutura arquitetônica ou do seu acervo.

Percebe-se, a partir desses relatos, uma maior preocupação com os visitantes e incremento de atividades educativas para enriquecer a visita são características do período, com destaque na promoção das coleções, seu acervo e visibilidade.

Tornar o museu um espaço social e coletivo, no qual a visita se dá muito mais em grupos do que visitantes sozinhos, e uma premente necessidade de inclusão social de grupos que antes eram totalmente alheios ao museu desencadearam grandes mudanças no perfil dos museus e em como eles querem se projetar para a sociedade. Nesse sentido, a arquitetura ganha destaque nos novos museus, que se dedicam a elaboração de um espaço que seja atrativo e versátil prioritariamente [...] (RODRIGUES, 2013, p.151).

Os museus, nesse clima contemporâneo, estão internamente conectados com a necessidade de atualização permanente do espaço, mas tendo o desafio de preservar as memórias da humanidade, a história e as produções sociais e culturais, abrindo espaço para a “experiência vivida, a memória do corpo e dos sentidos” (POULOT, 2013, p. 144), que são transformadoras e transformadas pelo mundo contemporâneo.

Verifica-se, dessa forma, que as mudanças e os processos de transformações pelos quais passaram os espaços museais convergem para compreensão de que esses espaços romperam com três desafios. O primeiro desafio está relacionado às funções e aos saberes promovidos pelo museu, que se redimensionam a partir dessas novas conjunturas criadas; o segundo está relacionado à expansão das suas tipologias, dando abertura à criação de museus de cultura popular, oportunizando a

²¹ Disponível em www.scielo.br/pdf/er/n58/1984-0411-er-58-00289.pdf. Acesso em: 29 ago. 2016.

²² Disponível em www.scielo.br/pdf/er/n58/1984-0411-er-58-00289.pdf. Acesso em: 29 ago. 2016.

expressão popular, no caso da pesquisa, a Cultura Popular Maranhense; e o terceiro, permitindo que seu acesso seja pela educação ou pela busca como espaço de lazer, pois esses espaços se abrem para as diversas possibilidades de apropriação.

O museu tem muito a oferecer, enquanto espaço de cultura popular e lazer, com a demanda pela troca de saberes, pela facilitação de rememoração e renovação do conhecimento para as novas gerações, mantendo vivas as tradições e as experiências de outras épocas, paralelamente à abertura das conquistas futuras.

3.2.2 O Centro Histórico de São Luis-MA e os espaços museais

A sociedade contemporânea tem se caracterizado por um conjunto de transformações que implicaram em alterações no uso e na função dos bens históricos, aqui compreendidos em análise o Centro histórico de São Luis-MA, patrimônio cultural, capitaneados pela primazia da utilização como espaço de lazer e cultura. Assim, o fortalecimento das atividades produtivas orientadas para a valorização do entretenimento e o desenvolvimento associado ao seu uso social leva a cidade a criar, descobrir, inventar diversos atrativos, apresentando, segundo Silva e Silva (2010, p. 90), um “patrimônio cultural como um vetor de desenvolvimento econômico e social para as regiões, pela criação de inúmeros empreendimentos em função da possível atração de novos consumidores”.

Ao visualizar o Centro Histórico de São Luís, o maior museu a céu aberto do mundo²³, entende-se que a história secular da ilha, com seus palácios, praças, casarões, sobrados, igrejas, solares, conventos, teatros, monumentos e museus, abriga memória, a história viva da cidade ludovicense. Nesse conjunto, especialmente os espaços museais precisam ser compreendidos dentro desse contexto maior, buscando sua caracterização e difusão nesse espaço histórico. Os museus, que também são responsáveis pela guarda e valorização das diversas culturas existentes, sendo o desempenho esperado por um espaço museal contemporâneo e que tem muitos saberes a oferecer, enquanto espaço de cultura popular, foco da pesquisa, e lazer.

²³ Disponível em <http://maranhaonocongressoslcentrohistorico.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

A cidade de São Luís, fundada em 1612, nasceu a noroeste da Ilha de Upaon-Açu (Ilha Grande), na confluência dos Rios Anil e Bacanga, abrangendo o núcleo inicial da cidade, desenhado por Francisco Frias de Mesquita. O seu Centro Histórico se situa na faixa costeira noroeste do município (ver figura 1), com área de abrangência situada no platô fronteiriço até a foz dos rios mencionados, compreendendo uma área de 220 hectares de extensão em São Luís, capital do Maranhão (GONÇALVES, 2006).

A partir da segunda metade do século XVIII a cidade passou por grandes transformações e desenvolvimento, pela concentração de riquezas com a exportação e o comércio, principalmente de algodão, arroz e escravos. O Centro Histórico de São Luís se desenvolveu ao longo do traçado inicial, obedecendo o mesmo padrão de ruas e quadras (SOUZA, 2016), tal desenvolvimento teve reflexos na própria cidade, onde os métodos construtivos utilizados eram os mais modernos para a época, sendo importados de Portugal, através do Marquês de Pombal, que reproduziu a arquitetura europeia em São Luís, adaptados ao clima tropical.

Figura 1 - Centro Histórico de São Luís do Maranhão



Fonte: Gonçalves (2006).

O Centro Histórico conhecido hoje corresponde a “um dos mais extensos conjuntos de arquitetura civil urbana de origem portuguesa dos séculos XVIII e XIX na América [...], possuindo em torno de 400 quadras com cerca de 5.500

edificações” (ANDRÈS, 2012, p. 43), equivalendo justamente ao perímetro urbano daquela época.

Com a construção das pontes sobre os rios Anil e Bacanga, e a conseqüente abertura para novas áreas de expansão da cidade, a pressão imobiliária sobre o Centro diminuiu; porém, como a área abrigava as funções vitais da capital, com sedes institucionais governamentais, além de atividades comerciais, de prestação de serviços, de lazer e, principalmente, residenciais, o Centro permaneceu em uso e desvalorizado.

Parte do Centro Histórico de São Luís, com seu desenho urbano e conjunto arquitetônico ainda preservados desde o período colonial, foi declarado Patrimônio Mundial, incluído na lista do Patrimônio Mundial pela Unesco (Convenção do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), em dezembro de 1997, considerando-se como principal justificativa para essa intervenção a preservação da arquitetura, pois a área já sofria pelo abandono e má conservação do acervo arquitetônico e histórico. Com o título, o discurso do desenvolvimento através do turismo se fortificou e gerou uma série de investimentos por parte do governo do estado principalmente. No entanto, cabe ressaltar que mesmo assim o Centro Histórico de São Luís ainda passa por muitas dificuldades relacionadas à preservação e à conservação do Patrimônio Histórico Arquitetônico.

Cerca de 2.500 imóveis estão tombados pelo patrimônio histórico estadual e 1000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)²⁴, sendo que a maioria se encontra no Bairro da Praia Grande, um dos 11 (onze) bairros que compõem o Centro Histórico de São Luís. O bairro é comercial, e sua consolidação se deu a partir de 1789, em decorrência da ampliação das atividades portuárias da cidade, no embalo da grande produção de algodão para exportação, quando grandes firmas comerciais se estabeleceram no bairro para usufruir dos benefícios portuários, tornando a Praia Grande o centro econômico mais importante da cidade até sua progressiva deterioração ocasionada pelo desaparecimento das firmas comerciais e pelo abandono dos sobrados²⁵.

O Bairro Praia Grande possui uma longa história. É o espaço originário da cidade de São Luis e desde 1979 vem sendo contemplado pelo programa

²⁴ Disponível em <http://maranhaonocongressoscentrohistorico.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

²⁵ Descritos do artigo Moutinho e Cutrim (2015) publicado em fevereiro de 2016 pela Revista Brasileira de Ecoturismo.

de revitalização, com períodos de maior ou menor dinâmica, continuando em andamento até os dias de hoje. Exatamente por isso, a partir dele é possível observar concretamente as mudanças de abordagens em relação ao trato da área central e como vem se modificando (SILVA e SILVA, 2010, p. 5).

Um Centro que no início do século XIX era uma grande potência comercial, com imponentes sobrados, além de belas casas com fachadas em azulejos, fazendo do lugar uma pequena Lisboa para os imigrantes portugueses, formando a Praia Grande ruas, becos, travessas e escadarias que se fizeram presentes nas histórias até hoje contadas da cidade.

É importante pensar que a partir das diversas intervenções ao longo do século XX, o Centro, mais especificadamente a praia grande, vem se tornando um espaço destinado ao lazer e ao turismo culturais advindos de uma dinâmica social na qual aconteceu a diminuição e quase extinção do comércio, surgindo em seu lugar sobrados desocupados e deteriorados, tornando-se um lugar de moradia para seus poucos habitantes, um espaço de visitas e para o turismo. Reconhece-se que a partir do "projeto reviver"²⁶ aconteceu a restauração de grande parte do centro histórico. Dos prédios em ruínas que não puderam ser efetivamente restaurados em seu traçado original, surgiram praças; as calçadas voltaram a ser largas e receberam pedras de cantaria; becos e escadarias sofreram amplas reformas, tendo sido removida também toda a camada de asfalto das ruas, que foram calçadas de paralelepípedos.

Entende-se que esse espaço passa por condições de preservação e diversos interesses, de acordo com Cutrim (2011), pois antes de um lugar, um monumento, ou coisa parecida ser declarado patrimônio da humanidade, são levados em consideração vários interesses.

[...] interesse de qualquer comunidade, sob a perspectiva principal de quem está no poder, de que seu bem seja declarado como de importância mundial. Juntamente com o título vem a divulgação e o conseqüente aumento de visitantes, sejam eles curiosos ou estudiosos. As verbas que se destinam à localidade crescem, quer através do fundo econômico do Comitê ou de parcerias com entidades públicas e privadas (CUTRIM, 2011, p. 74).

²⁶ O Projeto Reviver iniciou-se em 1987, na região do centro Histórico de São Luís, pelo Governo do estado buscando recuperar e revitalizar o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís. Posteriormente, vieram as intervenções urbanas mais profundas, realizadas principalmente na área da Praia Grande e arredores. Foram beneficiados 107.000 metros quadrados tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, contemplando obras de infraestrutura desde a reforma e reestruturação de prédios históricos, até a renovação de luminárias, ruas e instalações que foram trocadas por um sistema subterrâneo, mais eficiente e sem poluição visual.

Assumir uma nova função: área de lazer com espaços para manifestações artístico-culturais não se concretiza tão facilmente, pois se ressalta que no Centro Histórico, no caso no bairro praia grande, moram poucas pessoas e há vários problemas estruturais, o que dificulta também a efetivação da atividade turística, além da cidade não possuir políticas públicas que contemplem esses espaços para o lazer.

É importante ressaltar que o patrimônio material edificado no Centro contempla um número significativo de edifícios que possui potencial e pode ser trabalhado em relação ao turismo cultural, sua atratividade e atividades desenvolvidas. A partir da evolução e do desenvolvimento que São Luis sofreu, percebe-se que a preservação de alguns dos seus primeiros prédios e monumentos localizados no Centro Histórico retrata a história dos primórdios da cidade, assim como suas ruas e escadarias, suas praças, existindo muito potencial para o desenvolvimento do Turismo Cultural, devendo despertar não somente o interesse dos turistas, mas também da população local para práticas de lazer²⁷.

De um modo geral, compreende-se que a função social desses espaços coloca a questão do bem sob a perspectiva também capitalista, tendo o turismo como a mais evidente de suas possibilidades, devendo levar em conta “o momento em questão, 1967, quando as atividades econômicas, dentre elas o turismo, eram exercidas sob uma perspectiva significativamente predatória” (CUTRIM, 2013, p. 58).

No que se refere precisamente às cidades, o que se espera de uma titulação preservacionista, em nível mundial, é que esses espaços tornem-se lugares agradáveis, principalmente para os seus habitantes. Não perdendo de vista que a relação presente/passado é importante para a conservação da memória, seja local ou mundial.


O centro histórico, especificamente no Bairro da praia grande, abrange, na atualidade, vários espaços sociais, como museus de várias tipologias, teatros, praças, cinemas. Assim, cabe colocar uma breve descrição desse cenário encontrado onde o próprio Centro histórico torna-se um museu a céu aberto, ou podemos denominar também de museu ao ar livre, devido a grandiosidade do seu acervo arquitetônico, onde perfeitamente pode-se ser usufruído pela visita, as

²⁷ Descritos no artigo de Moutinho e Cutrim (2015) publicado em fevereiro de 2016 pela Revista Brasileira de Ecoturismo.

suas diversas edificações, assim como as manifestações culturais populares que estão inseridas nesse contexto.

Dessa forma, além do próprio Centro ser um imenso espaço museal, tem-se um grande número de equipamentos de lazer no centro histórico, percebe-se um lugar com diversos espaços, prédios coloniais, cultura viva; portanto, os equipamentos existem, precisando ser direcionados para aproveitamento dentro do que seu valor impõe, observamos os espaços vazios, principalmente os museus e casas de cultura popular, visitantes (prováveis turistas) nas principais ruas do Bairro, olham esses espaços, às vezes entram, por vezes sentem-se perdidos pela falta de orientação e direcionamento, para o melhor entendimento das questões que relacionam museus e lazer no Centro Histórico de São Luís entendemos ser necessário um entendimento maior desse cenário. No quadro abaixo desenvolvemos uma rápida exposição sobre os espaços museais do centro histórico, apontando endereço, horários de funcionamento bem como uma breve descrição do que no espaço é ofertado para seus visitantes. Iniciando nosso trajeto pelo Palácio dos Leões e finalizado no Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

Quadro 2 - O centro histórico e os museus

OS MUSEUS NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS	
IMAGENS E DENOMINAÇÕES	LOCALIZAÇÃO/ CARACTERÍSTICAS /FUNCIONAMENTO
<p>Palácio dos Leões</p>  <p>Fonte: http://www.guiacol.com.br/photos</p>	<p>Localizado na Av. D. Pedro II, foi denominada de Fortaleza de São Luís, tomada pelos portugueses, e transformada em um palácio neoclássico com cinco salões nobres que guardam 1.300 obras de inestimável valor artístico, que hoje estão inventariadas, tombadas e catalogadas e podem ser admiradas pelos visitantes. Entre as peças dispostas, estão candelabros, castiçais, tapetes franceses, lustres de cristais, porcelanas finas trazidas de diversos e pratarias portuguesas, exibem obras de arte, mobiliário e gravuras.</p>

Museu de Arte Sacra



Fonte: <https://encryptedbn2.gstatic.com/Images>

Funciona no andar superior do Palácio Arquiepiscopal, na Praça Dom Pedro II. Todas as peças do acervo foram restauradas e receberam verbetes informativos que deixará a visitação mais completa. A exposição está dividida em 13 salas que contam também um pouco da história religiosa e sua importância na construção do Maranhão. Abriga uma coleção variadíssima dos estilos maneirista, barroco, rococó e neoclássico, escolas regionais, imagens populares e de roca.

Casa do Maranhão



Fonte: <https://passeiourbano.com/roteiros-por-sao-luis/roteiro-praia-grande/>

Funciona no antigo Prédio da Alfândega, datado de 1873, na rua do Trapiche, s/n. Restaurado em 2014, oferece visitas guiadas que apresentam todo o acervo, formado por vestimentas e instrumentos musicais usados nas festas do Bumba-Meu-Boi. No novo espaço, equipamentos multimídia conduzem a uma viagem pela história, tradições, patrimônio e as artes maranhenses tradicionais do Estado.

Casa de Nhozinho



Fonte: <http://casadenhozinho.blogspot.com.br/>

O museu está instalado em um dos mais imponentes prédios coloniais do Centro Histórico na rua Portugal, nº 185, Praia Grande, com quatro andares e fachada recoberta de azulejos. O nome do espaço é uma homenagem ao artesão maranhense Antônio Bruno Pinto Nogueira, o Nhozinho (1904-1974) que, ao longo da vida, confeccionou brinquedos e figuras do folclore em buriti. No acervo da casa estão inúmeras obras de Nhozinho. Também estão expostos objetos e artefatos do cotidiano regional e artesanato indígena.

Casa da Fésta



Fonte : Acervo da pesquisa (2015).

Em maio de 1982, foi finalmente inaugurado, no sobrado de quatro pavimentos, do século XIX, como Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, uma justa homenagem ao grande escritor maranhense. Rua do Giz nº 221, Praia Grande. Funcionando de terça a domingo, das 9 às 17h. Este circuito de exposição tem mostras do conjunto de coleções temáticas como: danças e folguedos, religiosidade (tambor de mina, festa do Divino Espírito Santo, ex-votos, santos, presépios); vestimentas e objetos usados em rituais populares e religiosos.

Museu de Artes Visuais



Fonte: <http://www.sectur.ma.gov.br/museu-de-artes-visuais/>

Localizado na rua Portugal, nº 237, Praia Grande, Ocupa um sobrado de fachada revestida de azulejos portugueses. Internamente é ligado a um prédio da Rua da Estrela, onde estão instaladas uma pequena biblioteca e Galeria Nagy Lajos. Funciona de terça aos sábados, das 9:00 às 17:00, constam na sua exposição permanente, objetos de artes plásticas como quadros, esculturas e pinturas, rótulos antigos e exemplares de azulejos do séculos XVIII, XIX e XX, de origem portuguesa, francesa e alemã.

Museu e Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão



Fonte: <http://museucasaalcantara.blogspot.com.br>

Localizado na rua do Giz, 59, na Praia Grande e aberto de segunda à sexta, das 14:00 às 18:00, atende as pesquisas na área de paleontologia, arqueologia e disciplinas afins. Esse espaço de visitação guarda acervo que inclui preciosidades ferramentas, cerâmicas, materiais líticos, azulejos, além de outras relíquias do passado, encontra-se o acervo de povos indígenas de milhares de anos de fósseis e réplicas de espécies pré-históricas encontradas no Maranhão.

<p style="text-align: center;">Museu Histórico e Artístico do Maranhão - MHAM</p>  <p>Fonte: http://maranhaonocongressoslcentrohistoricoblogs.pot.com.br</p>	<p>Localizado na rua do Sol, nº 302, Centro. O MHAM está instalado no "Solar Gomes de Sousa", foi inaugurado em 1973. O MHAM dispõe de completo sistema de informatização, teatro e galerias climatizados. O circuito permanente reconstitui alguns ambientes de uma casa de época, na transição dos séculos XIX e XX, onde as peças são mostradas de forma didática, de modo que o público possa ver o acervo contextualizado dentro dos usos e costumes de um período histórico.</p>
<p style="text-align: center;">Cafua das Mercês</p>  <p>Fonte: http://maranhaonocongressoslcentrohistorico.blogs.pot.com.br/</p>	<p>Está localizado na Rua Jacinto Maia, nº 54, na Praia Grande, onde, à época da escravidão, funcionou um espaço para depósito dos escravos, desembarcados em São Luís. O horário de visitação pública é das segundas as sextas, das 9:00 às 18:00 horas. É um espaço cultural destinado à preservação da memória da forte presença da cultura afro no Maranhão, conhecida, também, como Museu do Negro tem no seu circuito de exposição permanente uma coleção de peças de arte africana de grupos culturais como Bambara, Dogon, Senufo e outros, além dos objetos da cultura afro-maranhense.</p>

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa foram observadas questões pertinentes que de algum modo, acabam por interferir no objeto específico desse trabalho. Apontam-se algumas problemáticas observadas em alguns desses equipamentos como inflexibilidade nos horários e dias de abertura para o público, a pouca divulgação ou nada divulgação e dinamização desse espaço bem com a falta de uma programação catalogada e divulgada para atrair os visitantes locais e turistas, um grande problema nesta questão dos “monumentos e patrimônios” no Brasil, nos últimos anos, tem sido a gestão, associada à preservação, de bens patrimoniais utilizados como atrativos turísticos (CHOAY, 2001).

A busca pela geração de renda, agregar valor a um determinado roteiro e, de alguma forma, criar alternativas econômicas para certas comunidades, aproveitando a existência de um monumento, esquecendo-se de discutir o que faz daquele

monumento um patrimônio, tentar compreender como ele toma parte da vida do lugar, como se dão as relações entre ele e a população local. Isso é preocupante, quando tratamos de continuidade de um trabalho de preservação histórica, quase sempre isso ocorre pela falta de embasamento teórico em relação ao tema, por isso mesmo tão importante a discussão sobre a educação patrimonial local, principalmente quando tratamos de valorização desse acervo referente a cultura popular.

Espaços que “revelam aspectos significativos de uma identidade maranhense, através dos bens simbólicos de origem popular, representativos do patrimônio cultural da humanidade” (SERRA, 2012, p. 36), bens simbólicos que se preservam na memória coletiva, através de sua apropriação, fazendo-se museus de cultura popular cumpridores de uma função social, quer seja na complementação da educação, na educação pelo lazer ou em sua apropriação como espaço de lazer, explicitado por Canclini (1983) onde relaciona o gosto pelo rústico como uma das principais motivações dos visitantes na escolha pelos locais implicando na preservação das comunidades antigas como verdadeiros museus vivos.

Deste modo podemos inferir que tais museus de cultura popular já se situam em um novo paradigma, o emergente, por levar em conta as diversas culturas, não somente as dominantes, como colocado em momentos iniciais da discussão nos aspectos históricos dos museus, mais, sobretudo por englobarem uma preocupação com o patrimônio cultural em suas diversas manifestações, o que inclui principalmente as culturas populares, dispondo sua utilização não somente como um recuso educacional, mais também sobre as novas oportunidades de lazer que versam sobre os museus de cultura popular que precisam ser considerados.

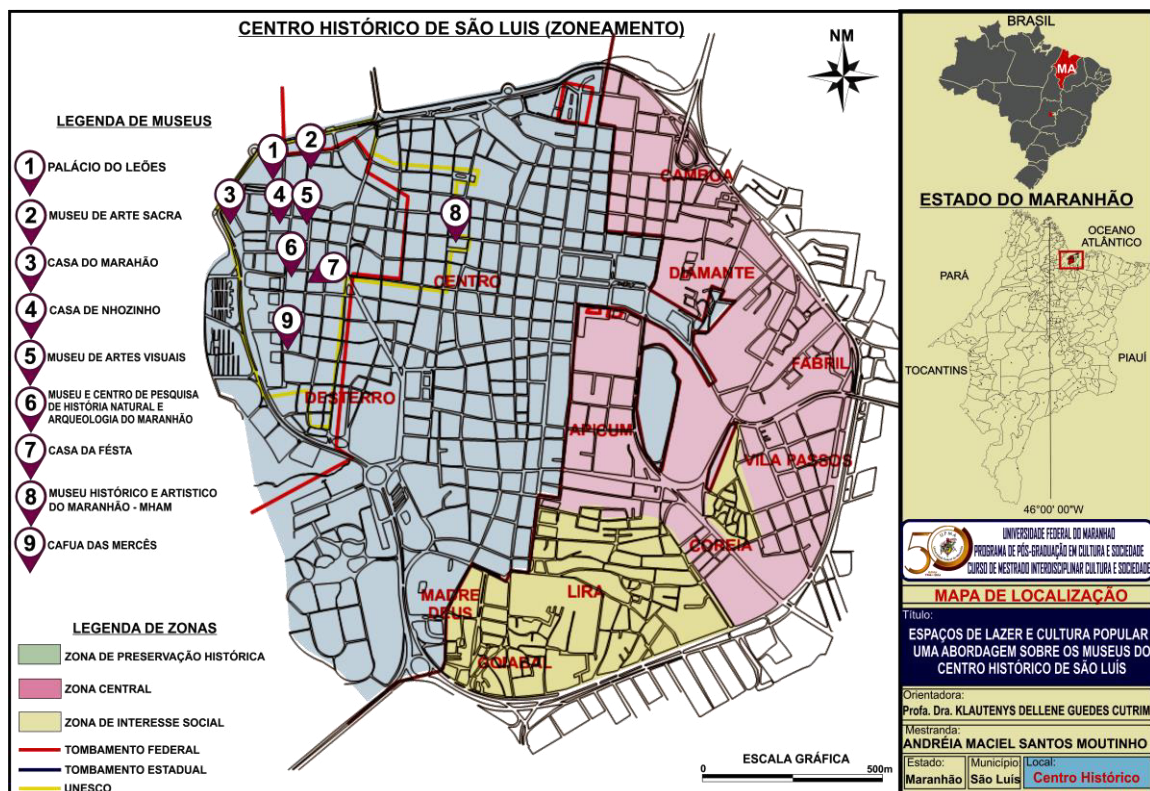
Além do acervo desses espaços museais localizados no Centro Histórico de São Luís, entende-se que o próprio Centro é um grande museu a céu aberto²⁸ composto por varias edificações a maioria com estilo colonial e muitas hoje utilizadas como centros de cultura e museus onde guardam a história e a cultura do Maranhão como observamos no quadro apresentado. Entendemos que esse espaço pode ser conservado através de diversos níveis, ou seja, nas manifestações

²⁸ O museu a céu aberto ou ao “ar livre constitui a inovação mais original na virada dos séculos XIX – XX. O filósofo Arthur Hazelius (1833- 1901), que através de suas primeiras pesquisas sobre as línguas, tinha tomado consciência do desaparecimento das culturas camponesas tradicionais, empenhou-se em criar um museu de etnografia nacional dedicado a vida dos povos escandinavos [...]. Assim abre em 1891 o primeiro museu ao ar livre, em Skansen, aldeia de oficinas e atividades tradicionais, cuja animação é confiada a guias e demonstrações folclóricas (POULOT, 2009, p. 53).

folclóricas predominantes, nas atividades econômicas, no seu patrimônio natural, nos espaços e equipamentos de lazer, dessa forma sendo um local resultante de relações sociais inseridos nessa conjuntura, sendo a cultura intrínseca nas dimensões das representações humanas.

Esses locais estudados que resultam dessas relações e representações humanas estão sempre passando por transformações, nesse contexto (Cutrim, 2011, p. 69) esclarece que “a cidade não é simplesmente um espaço físico, mas uma construção simbólica, uma forma de representação, portanto, um conjunto de valores, ideais, crenças, contradições, discursos, figuras, imagens etc. A cidade está no âmbito da cultura”, assim ressaltado por Bourdieu (1994, p. 55), esse espaço social “tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida, de grupo e de estatutos”. Assim, esses museus de cultura popular e os mais diversos espaços museais inseridos no centro histórico de São Luís (ver figura 2) mapa) têm também o papel social de resguardar uma memória coletiva, esta grande construtora do que contém no seu meio e dessa forma sua apropriação pelo lazer fazem parte desse íterim para o êxito dessa conjectura.

Figura 2 - Mapa de localização dos espaços museais no Centro Histórico



Fonte: Mapa elaborado por Luiz Messias Ribeiro Batista (Professor do IFMA - São Luís Centro Histórico).

3.3 DIÁLOGOS E RELAÇÕES ENTRE OS MUSEUS E ASPECTOS DO LAZER

Tratar-se-á do museu e suas relações com o lazer. Dentro dessa perspectiva, entende-se esse espaço como lugar de memória, identidade, patrimônio e educação, pois a expansão da compreensão da sacralização museal e das funções desses espaços decorre de uma ressignificação sobre a noção de patrimônio que, além de bens materiais, engloba a cultura imaterial; portanto, compreende-se que patrimônio constitui:

O patrimônio histórico e artístico nacional, o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937; Cap. I, Art. 1º).

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Pode-se identificar que os museus hodiernamente sempre terão um domínio intelectual e a solidez desse conhecimento, bem como o papel que a nova cultura museal exerce a respeito de reflexões sobre a memória e a identidade. Quando se fala na associação museus com lugar de memória, entende-se como um:

Processo de associações mentais que se origina de um sistema de relações entre a nossa percepção e imagens, fatos, fenômenos e/ou experiências vividos. Este processo é fortemente vinculado ao presente (o indivíduo percebe o passado a partir do presente); permanentemente e contínuo; e inconsciente, ainda que nem sempre involuntário. É o processo de memória que identifica o homem como gerador de cultura, e que oferece os parâmetros utilizados pela espécie humana no seu caminho civilizatório²⁹.

Tratando da questão museal, Bourdieu se refere especificamente aos museus de arte, possibilitando uma reflexão que pode ser estendida a outras tipologias de museus, além de definir um perfil do público que frequenta os museus de arte, o autor “pondera que os museus abrigam tesouros artísticos que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 9) e que “é possível compreender os

²⁹ Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016.

mecanismos através dos quais apenas parte dos indivíduos consegue obter as chaves para a plena fruição das obras de arte [...]” (IDEM, p. 11), estaria se falando sobre as condições sociais do acesso à prática cultural, demonstrando que “...a cultura não é um privilégio natural, mas que seria necessário e bastaria que todos possuíssem os meios para dela tomarem posse para que pertencesse a todos” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 9).

Os museus entram nesse contexto, pois eles “[...] têm o privilégio de falar a linguagem da época, a linguagem da imagem, a linguagem inelegível para todos e a mesma em todos os países” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 20); portanto, seu espaço deveria ser “[...] um espaço em que o visitante sonolento fosse intimado a reagir em contato com as obras sublimes” (IDEM, p. 19). As pessoas, a pretexto do turismo, aumentam as visitas aos museus, isso relativizado à elevação da hierarquia social. O lazer e o turismo podem facilitar essa prática cultural ampliando o campo das ocasiões de visita, embora, não sozinhos para uma intensificação da prática, pois segundo Bourdieu “a frequência dos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser quase exclusivo das classes cultas” (IDEM, p. 37), como também “a estatística revela que o acesso às obras culturais é privilégio da classe culta; no entanto, tal privilégio exhibe a aparência da legitimidade” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 69).

A classe culta, termo colocado por Bourdieu e Darbel (2007), é, portanto, mais inserida dentro do campo e articula com mais competência os pensamentos produzidos naquele contexto. Uma questão que sobrepuja a formação culta é a demanda econômica que detém este público em potencial. O autor discute que a proporção das diferentes categorias sociais dentro deste espaço é inversa a sua existência na sociedade, pois as classes mais favorecidas são mais fortemente representadas, assim também que mais do que disfunção econômica, o visitante percebe a dissonância na precisão cultural, ao dizer que:

... do turismo e o lugar reservado nele para as atividades culturais não dependem somente da estância ou da duração das férias. Enquanto oportunidade, entre outras, de atualizar uma atitude culta, o turismo cultural, ou seja, o turismo que reserva um tempo para as visitas a museus, depende do nível de instrução ainda mais fortemente do que o turismo comum... (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 50).

Dessa forma, considera-se uma maior acessibilidade aos museus devido ao turismo cultural, como enaltecido por Bourdieu e Darbel (2007, p. 69), “considerando que nada é mais acessível do que os museus e que os obstáculos econômicos – cuja ação é evidente em outras áreas – têm pouca importância, parece que há motivos para invocar a desigualdade natural das necessidades culturais”. Assim, a “obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal, a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, de decifrá-la” (IDEM, p. 71).

Compreende-se que a receptividade da obra de arte constitui um capital artístico que em determinada sociedade se caracteriza por diferentes níveis de emissão ou a complexidade que a impõe e o nível de recepção partindo do indivíduo como um grau de controle relacionado ao código que a obra possui.

A observação sociológica permite descobrir as formas de percepção, efetivamente realizadas, correspondentes aos diferentes níveis constituídos pelas análises teóricas como uma distinção da razão. Qualquer bem cultural, desde a cozinha até a música serial, passando pelos filmes de faroeste, pode ser objeto de apreensões que vão da simples sensação atual até o deleite erudito, armado com o conhecimento das tradições e das regras de gênero (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 81).

Assim também acontece com a cultura popular dentro dos espaços museais, cabendo colocar o pensamento de Canclini (1983) que delineia um rompimento das barreiras entre o culto e o popular, e devido a uma maior circulação e apropriação de bens, já não se diferenciam as classes sociais pela cultura, mas já se compreende uma relação entre o consumo e sua referência às necessidades das pessoas, mesmo que esse consumo nem sempre acene para as necessidades das pessoas, existe uma analogia entre as experiências na apropriação artística que na atualidade se reafirma o prazer e a intensidade do encontro com o ideal artístico, rompendo em algum ponto com a modernidade, na qual se considerava apropriação da arte o tipo de experiência em que a forma valeria mais do que a função.

Dessa forma, Canclini (1983) traz o diálogo de que as culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de um povo e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida (IDEM, p. 40). Dessa forma, a adoção de outras funções sociais, culturais e educativas passíveis de serem assumidas, com o passar do tempo vem se transformando, até entendê-lo

como espaço multifacetado e que por intermédio das práticas atreladas ao lazer, contribui-se para a formação dos sujeitos que frequentam esses espaços.

Assim, o valor simbólico agregado ao objeto artístico é compreendido por quem se sente familiarizado com aquele bem cultural e que domina os conceitos que o colocam dentro daquele campo específico, onde ainda o ser humano se mostra avesso, em geral, resistente a se colocar diante daquilo que desconhece e por conta deste fator frequenta museus e espaços culturais, somente aquele que já domina os códigos e discursos veiculados nas instituições (BOURDIEU e DARBEL, 2007).

Pelas razões explicitadas pelo autor, compreende-se que a cultura popular maranhense abrange uma diversidade de usos e costumes advindos da etnia do branco, do negro e do indígena, devendo ser possivelmente utilizados para neste contexto museu fazer parte e dele ser apropriado como espaço de lazer, até porque os museus que exibem obras como artesanato, objetos históricos e decorativos, fazendo o público “mais afastado” vincular arte com a história social, trazem uma aproximação maior do mesmo, pois quanto maior o domínio dos códigos, mais rica será a comunicação entre o visitante e a obra de arte (BOURDIEU e DARBEL, 1985, p. 77).

Os espaços museais de cultura popular proporcionam um alcance maior e com um público mais heterogêneo, pois a cultura popular como um tema concebido em meio acadêmico e artístico viabiliza inclusão de várias camadas sociais da população brasileira. Dando continuidade à viabilidade desse acesso, além do capital econômico e do capital cultural, o tempo disponível para a visita aos espaços culturais também é fator que determina o perfil padrão de público dos museus, assim como falta incentivo as visitas, pois “[...] compreende-se que uma visita, muitas vezes determinada por razões do acaso, não é suficiente para incitá-los ou prepará-los para empreender outra visita....” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 84).

Assim sendo, o tempo de interlocução entre expectador e obras é proporcionado pela amplitude do repertório de entendimentos para que ele possa decifrar aquele objeto. A ligação entre público e obra depende da disposição que esse visitante terá para com a obra de arte. O perfil traçado por Bourdieu como sendo do público habitualmente frequentador de museus é, portanto, da classe culta, com alto poder econômico e que é detentora de tempo e necessidade voltados para a cultura. A apreensão da obra de arte pelos visitantes depende de sua intensidade,

modalidade e própria existência do controle que o espectador detém do código genérico e específico da obra. Depende, para isso, da comunicação pedagógica, da cultura recebida no meio familiar e da aprendizagem recebida na escola.

É importante priorizar um diálogo teórico-reflexivo sobre “lazer” e “museus” e compreender o lazer nos museus como uma possibilidade de intervenção para a elaboração das ações de acesso nos mesmos. Principalmente pós discurso desse percurso onde se destacam aprofundadamente esses espaços museais na perspectiva de patrimônio, identidade e memória.

Os museus vêm ganhando maior notoriedade desde o século XX, sendo considerados, como esferas capazes de promover a participação social e como espaços favoráveis para o aprendizado. Nesse andamento, os espaços museais são convertidos em locais de representação e reinterpretação de novas leituras do mundo.

A temática “lazer” se encontra na diversidade de situações em que ele é utilizado e a abordagem crescente do termo “lazer” o coloca como pauta em diversas situações. No que se refere ao lazer na atualidade, segundo Marcellino (1996), observa-se que a temática vem ganhando cada vez mais destaque em nossa sociedade, como exemplo temos o aparecimento do termo em jornais e revistas, nas propagandas, sejam elas imobiliárias, políticas ou quando se tratam de roteiros turísticos, também o uso frequente da palavra lazer nos museus, que em suas publicidades sobre ações museais e informativas sobre o espaço tendem a reproduzir a importância do lazer nos museus e, também, como esse pode vir a ser um espaço de lazer.

Entender a instituição museal como um significativo espaço para a vivência do lazer que, ao longo da história, vem sendo ressignificado, na atualidade observa-se um reconhecimento e importância desta relação entre museus e lazer pela categoria, sejam instituições ou autores isolados,

Nesse bojo de discussões, Castilho (2013), ao se referir ao lazer ressalta que o lazer está presente em todas as fases da existência humana e vai muito além do simples brincar de uma criança ou de uma atividade de distração e sem importância. É uma característica fundamental da condição do ser humano e se correlaciona diretamente com a cultura, portanto, tem sido analisada a partir de diversas perspectivas disciplinares [...] (CASTILHO, 2013, p. 56).

O lazer se traduz numa prática social e culturalmente construída, complexa, e interdisciplinar, que ao se arrolar com os conhecimentos originados em outros saberes, possibilita interseções que vão além de áreas específicas, desafiando os estudos sobre o tema. Compreender o lazer enquanto uma dimensão da cultura implica em reconhecer que ele participa da complexa trama social, revelando “contradições socioculturais profundamente inseridas na nossa cultura” (GOMES; FARIA, 2005, p. 54).

A compreensão de cultura, nesse íterim, ultrapassa o entendimento de cultura apenas como o conjunto de manifestações e produções culturais, sobretudo as tangíveis. Tampouco se entende cultura como sinônimo de conhecimento ou erudição. Ela nasce na realidade empírica da experiência cotidiana, ou seja, nas vivências do dia a dia de cada pessoa. “A cultura expressa nossa relação com a produção e a reprodução da vida; por isso vem do verbo cultivar. Interpreta e define nossa relação econômica, política e social com o mundo” (FRONTLINE, 1988)³⁰.

Considere-se a cultura que se torna uma condição de produção e reprodução da sociedade, e que seguramente se reproduz no lazer, em suas experiências, suas aspirações e contradições. A forma como o lazer se encontra enunciado considerar-se-á a cultura como um elo entre as necessidades humanas e o conjunto das realizações materiais, envolvida por uma confusão de valores, tradições e ideias. Assim sendo, segundo Gomes; Elizalde (2012, p. 82), “o lazer não é um fenômeno isolado e se manifesta em diferentes contextos, de acordo com os sentidos e os significados culturalmente produzidos e reproduzidos pelos sujeitos em suas relações com o mundo”.

Para os estudos correlacionados aos museus se precisa considerar o lazer constituído por três elementos relevantes, que são as manifestações culturais, o tempo/espço e a ludicidade. Gomes e Elizalde (2012) apontam que esses elementos circundados pelo lazer podem colaborar com questões relacionadas à transformação da nossa sociedade, fazendo-as mais humanas e inclusivas.

As manifestações culturais são práticas sociais complexas, contendo nelas aspectos materiais e simbólicos que agregam a história dos indivíduos e a cultura de cada povo (GOMES; ELIZALDE, 2012). Essas manifestações culturais acontecem em um tempo e espaço centrados, dessa forma a dimensão *tempo/espço* pode ser

³⁰ Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojUAG/plano-museologico>. Acesso em: 29 ago. 2016.

considerada “um produto das relações sociais e da natureza e se constitui por aspectos e objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder” (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 84).

O museu, enquanto um espaço de lazer pode se revelar, através de suas práticas, como um lugar que não aloca apenas um conjunto de elementos, objetos e práticas de valor cultural apenas, mas também que guarda resultados da relação do homem com seu tempo/espaço. Nesse âmbito, os museus são espaços de produção de novos saberes e oportunidades de lazer, sendo que seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção da crítica a sociedade³¹.

Compreendendo a ludicidade, segundo Gomes; Elizalde (2012, p. 82), como sendo a “capacidade *homo ludens* – em sua essência cultural disposta a brincar, jogar, imaginar, compartilhar, desfrutar, rir, emocionar-se, de elaborar, apreender e expressar significados”, considera-se a ludicidade como expressão humana de significados edificados e divididos no encadeamento cultural, referenciada no brincar consigo, com o outro e cercada por vários fatores, como regras educacionais, normas políticas, princípios morais e determinismos sociais (GOMES, 2004). Com tudo esse elemento associado às ações museais permitem o aumento da atuação desse espaço na dinâmica da sociedade. Através da ludicidade o museu pode ser ressignificado, contribuindo com a participação da camada social popular, sendo capaz de integrar diversas faixas etárias, sexo e classes sociais, pois as práticas culturais não são lúdicas em si mesmas, são construídas pela interação e experiência vivida dos sujeitos.

Considerando que o lazer pode constituir uma entre muitas ferramentas importantes que auxiliam na mobilização de experiências revolucionárias, contribuindo para uma educação reflexiva e comprometida com a mudança social e cultural, capaz de tornar a sociedade mais humana e sustentável, através da música, da poesia, da dança, da festa, do jogo (GOMES, 2010). E os museus entendidos como instituições sem fins lucrativos, de caráter permanente, que são colocados “[...] ao serviço da sociedade [...], para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes” (COMITÊ BRASILEIRO DO ICOM, 2009). Essa compreensão oficial já indica algumas aproximações entre o museu e o lazer, temáticas centrais desta pesquisa; ressalta o

³¹ Extraído do artigo: Lazer, museus e ações educativas: reflexões e desafios no sentido de ampliar esta articulação/ Sesc - Serviço Social do Comércio / Anais do ENAREL/disponível em <http://www.sesc.com.br/>

potencial do lazer dentro desses espaços e a importante ferramenta de mobilização e participação cultural, sendo o lazer capaz de transpor barreiras socioculturais. Deixando os museus de exercerem a função apenas de comunicar o poder de uma determinada classe social, de uma etnia, aos seus visitantes bem como seus papéis de guardiões da história, sobretudo da história oficial dos grandes feitos e acontecimentos, para adotar outras funções sociais, culturais e educativas passíveis de serem assumidas.

Assim, de uma posição excludente em relação às demais manifestações culturais presentes no seio das sociedades, o museu, em uma nova conjuntura, começa a se transformar em um espaço capaz de favorecer a cidadania, rompendo com a estrutura tradicionalista que distanciava o público através de ações sectárias que impediam a aproximação de determinadas classes e grupos da sociedade³².

A inserção de novas práticas situando o museu no contexto social vivenciado pela população fazem com eles necessitem se assumir também como espaço de lazer, como esclarece Bitter (2009, p. 27), “os museus chegam ao século 21 como lugares de relativo sucesso entre um público muito heterogêneo, oferecendo oportunidades de lazer e de obtenção de conhecimentos”. O museu, dentro dessa perspectiva, considera outras formas de interação, apreciando os patrimônios materiais e imateriais, democratizando assim o próprio lazer.

Entender o potencial social dos museus como espaços de lazer na contemporaneidade é considerar as transformações conceituais e epistemológicas acerca dos seus pressupostos teóricos e práticos, que colaboram expressivamente para o processo de ressignificação e dessacralização da instituição e do próprio fazer museológico. Para que realmente seja valorizado o aspecto interativo, educativo e reflexivo dos museus, considera-se a pluralidade de linguagens nesses espaços, visto que existe uma diversidade de públicos que possuem faixas etárias e culturas distintas.

Portanto, os museus, ao incorporarem elementos do lazer, estabelecem-se como espaços de diálogos, não representando um produto acabado, mas como espaço dinâmico de produção e socialização de conhecimento. Espaço privilegiado para se pensar as possibilidades de lazer, sendo a partir do domínio das ações

³² Extraído do artigo “Lazer, museus e ações educativas: reflexões e desafios no sentido de ampliar esta articulação”. Serviço Social do Comércio – SESC. Anais do ENAREL. Disponível em <http://www.sesc.com.br/>.

educativas compreendidas como práticas sociais e não apenas como procedimentos que promovam a educação, como atividades que permitam a participação social, uma reflexão crítica e a socialização de experiências. Posicionamento que ao longo dos tempos o museu passou a assumir um importante papel educativo em cada sociedade.

O contexto atual sugere que as instituições museais redefinam seus conceitos e práticas para além da ideia de depósitos de objetos e protetores da memória. Os museus, enquanto espaços plenos de construção e intercâmbio de novos saberes poderiam se aproximar da sociedade com uma linguagem mais popular, mais aberta e de fácil entendimento, rompendo, assim com a tônica de um espaço de luxo, imponente e científico³³.

Com uma abertura maior, ressalta-se que a ação educativa dentro desse contexto museal incorporada pelos elementos do lazer se assume como transmissores de preservação e valorização do patrimônio, além de promover a apropriação da memória cultural, através da reflexão e da criatividade. Portanto, a expansão da compreensão dessa estrutura e das funções dos museus deriva de uma reconsideração acerca da noção de patrimônio englobado, dos bens materiais e da cultura imaterial (FERREIRA, 2006).

Ao entender que o patrimônio cultural não corresponde apenas a monumentos e bens físicos, Canclini (1999, p. 99) coloca que “[...] a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos”; enfim, que a noção de patrimônio cultural precisa incluir outros aspectos, como as experiências diárias vividas, onde está reunido o uso da linguagem e do conhecimento.

³³ Extraído do artigo: “Lazer, museus e ações educativas: reflexões e desafios no sentido de ampliar esta articulação”. Serviço Social do Comércio – SESC. Anais do ENAREL. Disponível em <http://www.sesc.com.br/>.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO DOS MUSEUS “CASA DE NHOZINHO” E “CASA DA FÉSTA” COMO ESPAÇOS DE LAZER

Neste capítulo, descreve-se a trajetória metodológica do estudo, cujo objetivo principal foi analisar a apropriação dos espaços museais de cultura popular, Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, no Centro Histórico de São Luís-MA, como espaços de lazer que terão, no percurso desta análise, a denominação CN (Casa de Nhozinho) e CF (Casa da Fésta).

O estudo tem um caráter qualitativo, realizado através da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas a quarenta (40) visitantes dos espaços museais pesquisados; entrevista semiestruturada com os gestores dos respectivos museus; observação dos espaços pesquisados, fazendo registros e anotações sobre as percepções acerca desses museus.

A entrevista com os Gestores contou com dois momentos distintos. O primeiro contato estabelecido com o gestor, sujeito da pesquisa, para apresentar os propósitos da investigação e formalizar o convite para a entrevista, através de agendamento do dia e do horário; e o segundo momento, para leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além da entrevista propriamente dita. Utiliza-se a entrevista semiestruturada (Quadro 3), por possibilitar uma maior interação social entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, favorecendo o discurso sobre o tema, a partir do conhecimento que ele detém e que assume características de caráter espontâneo e de maior autenticidade. O questionário (Quadro 4) foi aplicado com 40 (quarenta) visitantes, sendo dezesseis (16) da CF e vinte e quatro (24) CN. Esses responderam a um total de 10 (dez) perguntas, sendo 05 (cinco) perguntas fechadas, duas (2) abertas e três (03) semiabertas.

Os gestores e visitantes que colaboraram para esta pesquisa estão representados por uma convenção de números e letras, e não por seus nomes. Tal estratégia se deu para preservar o anonimato dos participantes. Assim, passou a ser denominado o Gestor da Casa de Nhozinho como GCN e o Gestor da Casa da Fésta como GCF. Foi feito da mesma forma com os visitantes, cuja convenção ficou determinada por letra e número, atribuído de acordo com a ordem da visita e preenchimento do questionário (VCN 10; VCF 15).

Quadro 3 - Roteiro de entrevista semiestruturada com os gestores dos museus de cultura popular

Dados de identificação: Formação/acadêmica; Tempo de atuação/profissão;
Formação complementar na área de atuação/Conhecimento sobre Lazer

- Como se dá o planejamento “maior” do museu? Existe uma política museal?
- Você considera que o público visitante é formado mais por turistas ou por residentes locais? São mais homens / mulheres, crianças/jovens ou adultos que visitam o museu?
- Você considera o museu como um espaço de lazer? Por quê?
- O museu faz a mensuração das visitas recebidas quantitativamente e qualitativamente? Como? Há um livro de registros ou de assinaturas?
- Quais os serviços oferecidos aos visitantes do espaço museal em termos de programação cultural e artística?
- Que oportunidades de lazer o museu oferece ao visitante? Existe algum tipo de mensuração dos dados sobre essas atividades?
- Como é construída a exposição do acervo (a história, a memória)?
- Qual o número de funcionários sob sua gestão e que dão suporte ao museu?
- Existe algum tipo de formação/preparação/treinamento para os monitores atuarem com os visitantes?
- Quais os serviços oferecidos aos visitantes do espaço museal em termos de estruturas (recepção, climatização, ambiência, lanchonete, banheiros)?
- Como acontece o acolhimento (físico e profissional) aos visitantes nesse espaço museal?
- Que saberes o museu promove com a exposição do seu acervo, através da visitação?

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 4 - Questionário com os visitantes dos museus de cultura popular “Casa de Nhozinho” e “Casa da Fésta”

QUESTIONÁRIO

- Nome: _____
- Local de origem/onde reside: _____
- Grau de escolaridade:
 fundamental incompleto fundamental completo ensino médio incompleto
 ensino médio completo superior incompleto superior completo
- Faixa etária:
 18 a 25 anos 26 a 40 anos 41 a 60 anos acima de 60 anos
- Renda Familiar
 Menos de (1) salário mínimo Um (1) salário mínimo
 2 ou 3 salários mínimos Acima de 4 salários mínimos
1. Qual a frequência que visita museus?
 frequentemente raramente nunca
 2. Primeira vez que visita este museu? sim não
 3. Você considera a visita a este museu uma atividade de lazer? sim não / Por quê?
 4. Considerando que sua visita foi realizada em seu tempo livre, quais motivações o levaram a usufruir desses espaços museais?
 interesse por museus/hábito pessoal/experiência estética
 passeio/turismo
 conhecer a cultura popular/ adquirir conhecimentos
 outros. Quais? _____
 5. Fale sobre suas expectativas (o que você esperava encontrar, o que você poderia fazer) ao visitar este espaço museal.
 6. Existem outras formas de atividades, além da apreciação das exposições, que poderiam ser realizadas dentro deste espaço museal?
 sim não. Quais? _____
 7. Conceitue, de 1 a 5, os pontos observados por você na visita do museu considerando: (1) insuficiente (2) ruim (3) bom (4) muito bom (5) excelente.
 Recepção/acolhimento Acessibilidade Ambiência/Limpeza
 Preservação do acervo museal Comunicação - Visita Guiada
 Serviços estruturais de apoio ao visitante – banheiros/ lojinhas/ lanchonete
 Deseja comentar outros aspectos _____
 8. A forma como o museu se apresentou foi satisfatória e o incentiva a voltar a visitá-lo no seu momento de lazer? sim não. Por quê?
 9. Que sugestões você poderia dar para melhorar a visita e o espaço museal?
 10. O que esta visita proporcionou a você?
 entretenimento/diversão Descanso/reflexão Outros. Quais? _____

Convém explicar que se reaplicou o questionário com os visitantes da CN e CF, e que esse novo período de aplicação do questionário resultou em um quantitativo maior de visitantes que responderam ao mesmo. Em um primeiro momento se teve como experiência a aplicação dos instrumentais no período de fevereiro a março de 2016. Percebeu-se que nesse período, devido à baixa estação de férias, juntamente com as “férias escolares”, houve poucas pessoas visitando e, conseqüentemente, obteve-se um número bem baixo de pessoas respondendo ao questionário, não sendo satisfatório para a pesquisa, apenas 17 no total. Como sugestão da banca de qualificação a pesquisadora fez mudanças no formato do instrumental, incluindo e refazendo alguns questionamentos e iniciou uma nova aplicação, em agosto de 2016, nos dois lugares pesquisados, finalizando em setembro na CN e outubro de 2016 na CF, bem como também alguns ajustes com referência à entrevista já realizada.

Esses novos instrumentos aplicados com os visitantes puderam esboçar o perfil dos frequentadores destes espaços, bem como serviram para ter contato com os mesmos, objetivando saber quem são estes sujeitos, seu processo de apropriação em espaços museais e naqueles específicos, o que pensam a respeito do museu, quais suas expectativas e sua avaliação sobre o espaço, bem como sugestões de melhoria e a satisfação dos mesmos em visitá-los novamente posteriormente.

Na CN foi aplicado questionário com os visitantes entre os dias 04 de agosto e 15 de setembro de 2016, totalizando 24 pessoas. No museu CF foram abordados visitantes entre os dias 04 de agosto e 11 de outubro de 2016, totalizando 16 pessoas, quase um mês a mais do que no outro museu pesquisado. Ressalta-se que nesta época, mesmo não sendo considerada como baixa estação, houve algumas dificuldades por parte dos visitantes em aceitar participar da pesquisa, e um número muito baixo de visitas; destaca-se aqui que no museu CF se encontrou muita dificuldade para integralizar um número considerável de questionários respondidos. A Localização do museu, por não ser tão próxima ao acesso principal do bairro, talvez dificulte um pouco mais o processo de visita, dificuldade não verificada com relação ao museu CN, que se localiza bem na entrada da rua Portugal, via de grande acesso e movimentação de pessoas.

Todas as entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos sujeitos pesquisados. A duração das entrevistas apresentou variação entre trinta e

quarenta minutos, é importante ressaltar que para a análise dos dados, primeiramente a entrevista foi transcrita na íntegra e após várias leituras analíticas, destacaram-se as falas principais, identificando os aspectos mais relevantes para a pesquisa, essa fase é denominada, como aponta Bardin (2006), de pré-análise, sendo a primeira fase da análise do conteúdo, metodologia adotada para se estudar os dados, essa fase envolve:

A leitura geral do material eleito para a análise, no caso de análise de entrevistas, essas já deverão estar transcritas. De forma geral, efetua-se a organização do material a ser investigado, tal sistematização serve para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise” (SILVA e FOSSÁ, 2013, p. 3).

Essa etapa compreendeu inicialmente uma leitura flutuante, sendo o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, conhecem-se os questionários, os textos, as entrevistas e as demais fontes analisadas; define-se o *corpus* de análise; reencontram-se com os objetivos propostos a partir dessa leitura inicial e se elaboram os indicadores de análise.

Concluída a primeira fase acima descrita, parte-se para a exploração do material que constitui a segunda fase, que consiste, na perspectiva de Silva e Fossá (2013, p. 4), “na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas” que são denominadas de categorias de análise na pesquisa; essas foram estruturadas conforme os objetivos específicos relacionados.

Dessa forma, para uma melhor compreensão da análise, dividiram-se os conteúdos a serem explorados em primeiro, **identificação dos visitantes** (sua origem, seu grau de escolaridade, sua faixa etária e sua renda familiar); seguido do **envolvimento com museus e o CN e o CF**; no terceiro momento suas **expectativas** sobre o espaço (o que esperavam encontrar, o que poderiam fazer, outras atividades que poderiam ser realizadas nesses espaços museais); e o último tópico será a **Hospitalidade nos museus** (a perspectiva do visitante sobre recepção, acessibilidade, limpeza, conservação do acervo, visita guiada, estrutura do lugar, satisfação na visita, retorno posterior e sugestões de melhoria). Por fim, direcionar a análise com o que a visita proporcionou aos visitantes, a fim de constatar suas interfaces com o que aqui se definia para sua apropriação como espaço de lazer, a partir dos conceitos levantados e definidos no referencial teórico.

Na investigação social o pesquisador necessita se instrumentalizar, munido-se de “conceitos teóricos básicos” (MINAYO, 2008), e que essas categorias:

Permitam compreender e interpretar a essência do fenômeno estudado. Esses conceitos básicos (categorias de análise) que refletem aspectos essenciais e gerais do real servem de instrumentos metodológico-analíticos e compreensão de uma realidade social concreta, que subsidiarão interpretar o real (ARAÚJO, 2011, p. 146).

Nessa perspectiva apresentada por Araújo (2011), organizou-se a presente análise em cinco (5) categorias:

- a) Identificação dos visitantes dos museus CN e CF;
- b) Envolvimento com museus em geral e especificadamente com a CN e CF: frequência, motivações e concepções da visita
- c) Expectativas vs realidade dos espaços visitados;
- d) Hospitalidade nos museus CN e CF;
- e) O que os museus CN e CF oportunizam aos seus visitantes.

Posteriormente, teve-se a terceira fase do processo de análise, que compreendeu o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, consistindo em captar os conteúdos evidenciados e latentes inseridos em todo o material coletado (entrevistas, questionários e observação). A análise de conteúdo e a interpretação dos dados foram realizadas com embasamento no referencial teórico, dando subsídios para esclarecer o problema de pesquisa.

Assim, iniciou-se a análise com o cenário dos museus pesquisados: Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, aqui denominados CN e CF, com visitas para compreender e assimilar o espaço pesquisado, através de observações da pesquisadora; prosseguindo com a interpretação das entrevistas e questionários, fazendo paralelamente sua análise com proposições a partir dos dados levantados.

4.1 O CENÁRIO DOS ESPAÇOS PESQUISADOS: Casa de Nhozinho e Casa da Fésta

Os museus que se encontravam a serviço da classe dominante, reproduzindo o gosto da aristocracia, funcionando como depósito de peças antigas dos mesmos, passando pelo processo evolutivo e, a partir da segunda metade do século XX, com novas perspectivas e crescente valorização dos estudos humanísticos e dos sujeitos

enquanto objetos de conhecimento, vão redimensionar sua atuação direcionando suas atividades ao público em geral, sendo melhor institucionalizados a serviço de todos. Com a mudança dos paradigmas se evidencia uma nova forma de olhar os museus, coloca-os a serviço da sociedade, valorizando, além do acervo exposto, os visitantes, fazedores e consumidores de bens culturais.

Dessa forma se tem a cultura popular sendo mais valorizada dentro do contexto museal, pois como elemento presente na vida das pessoas, desempenha uma função fundamental na preservação de sua identidade cultural. Especificadamente na cultura popular maranhense, como uma fonte de diversidade em usos e costumes advindos das mais diversas formas; assim, esses espaços museais de cultura popular convergem possibilitando a revitalização e a efemeridade do acervo, retratando a trajetória cultural e social das histórias populares antes sem “vaga” nos museus tradicionais.

Espaços reservados para salvaguardar o Patrimônio Histórico e cultural de um povo, os museus de cultura popular existem os mais variados, espalhados pelo mundo. Pode-se citar como exemplo o Museu de Arte Popular (Portugal); o National Museum of the American Indian (Nova York), sendo esse o primeiro espaço local dedicado à preservação, ao estudo e à exposição da vida, da língua, da literatura, da vida e da arte dos povos americanos, possui diversas programações em termos de danças e musicais, performances e filmes. No Brasil, tem-se o Museu do Folclore Edison Carneiro (Rio de Janeiro); o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão (Natal); o Museu Afro Brasil (São Paulo); o Museu de Cultura Popular da UFJF (Juiz de Fora), que destaca a perspectiva africana na formação do patrimônio, identidade e cultura brasileira, celebrando a Memória, a História e a Arte Brasileira e Afro-brasileira; o Museu de Artes e Tradições do Nordeste (DF); o Museu Afro-brasileiro – MAFRO (BA), que se propõe a defender, estudar e divulgar tudo o que se relacione com temas afro-brasileiros. Entre outros espaços, dando a importância na preservação da memória material e também imaterial, parte indissociável do processo de desenvolvimento de uma sociedade.

Os museus de cultura popular, em sua abrangência máxima, estão relacionados com a tipologia em Antropologia e Etnografia. Segundo Costa (2006), de acordo com o Ministério da Cultura, relaciona suas coleções às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas, entre elas

acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras e do homem do sertão.

Destaca-se uma perspectiva sobre o papel destes museus brasileiros, nos quais a cultura mais popular se encontra valorizada para a formação do patrimônio, da identidade brasileira, celebrando a Memória, a História e a Arte Brasileiras. Assim, esses museus têm uma importância fundamental na valorização e na preservação da memória e da cultura de uma sociedade, sendo elementos fundamentais por instituir as tradições, na formação da identidade cultural individual e coletiva, e no registro de experiências significativas com apropriações desses espaços (SERRA, 2012).

Os museus CN e CF, alvos desta pesquisa, estão vinculados ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. O centro está vinculado à criação da Fundação Cultural do Maranhão, posteriormente sendo a Secretaria de Estado da Cultura, em 1971 (SERRA, 2012). Domingos Vieira Filho³⁴ era o presidente da Fundação e nessa época o centro funcionava como Museu do Folclore e Arte Popular. Em 1981, o nome passou para Centro de Cultura popular Domingos Vieira Filho (CCPDVF), dessa forma, seria mais abrangente e teria mais dinamismo em favor da cultura popular, sendo mais apropriado para denominar as manifestações populares, fazendo uma justa homenagem póstuma à memória deste importante colaborador da cultura popular maranhense (BRAGA, 1999).

Importante considerar que os objetivos aos quais os museus se propunham desde aquele momento eram servir a comunidade, com seus serviços de coleta, inventário, classificação, conservação restauração e exposição do acervo representativo da cultura popular maranhense, assim como a divulgação, a difusão e a dinamização da produção cultural e material da memória de segmentos da população.

Com o crescimento do CCPDVF, principalmente seu acervo material, devido a constantes doações, chega-se a abranger, em 1999, mais de dez mil peças museológicas. Assim, foram necessárias, para que continuasse cumprindo seus

³⁴ Um dos maiores estudiosos da cultura maranhense no século XX e grande estudioso do universo linguístico-cultural local, Domingos Vieira Filho foi professor, advogado, escritor, jornalista, pesquisador, folclorista e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, tendo sido professor titular no Departamento de Direito da Universidade Federal do Maranhão. Foi membro da Comissão Maranhense de Folclore, do Conselho Estadual de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras. Disponível em <http://joeljasinto.blogspot.com.br/2015/09/dicionario-da-obra-de-domingos-vieira.html>. Acesso em: 27 nov. 2016.

objetivos de informar e expor ao público o testemunho das várias formas de criatividade da cultura popular maranhense, a difusão e a valorização. Acompanhando esse crescimento houve a necessidade de uma redistribuição do acervo, dividindo o circuito de exposições em três módulos; os três espaços museográficos situados na Praia Grande abordam diferentes perspectivas da cultura popular maranhense, são eles: Casa de Nhozinho, Casa da Fésta e Casa do Maranhão (SERRA, 2012). A Casa do Maranhão, que inaugurou em 2012, abrigava em seu circuito de exposições o acervo do bumba meu boi do Estado do Maranhão.

Cabe colocar que a pesquisa se dá apenas na CN e na CF, por se entender que os dois espaços museais abrangeriam melhor a perspectiva do trabalho, pela Casa do Maranhão ser voltada, como explicado anteriormente, ao bumba meu boi, que faz parte da cultura popular, mas que se encontra um acervo na CN e na CF bem satisfatório, como amostra para a referida análise sobre suas apropriações como espaço de lazer. Além disso, o acervo da Casa do Maranhão, que na pesquisa *in lócus* não está mais ligado, por questões políticas, à Superintendência, diferentemente do acervo da CN e da CF, que ainda são da Superintendência de Cultura Popular.

Ressaltam-se que ocorreram diversas alterações e transações nos órgãos vinculados à cultura maranhense, ante a criação desses espaços museais (SERRA, 2012), mas com os objetivos centrados na preservação do patrimônio edificado e no estímulo ao folclore, do Departamento de Cultura surgia o Departamento Municipal de Turismo e Promoções Culturais³⁵, passando a cultura a ser interessante e especulada para promover a atividade turística do Estado.

A **Casa de Nhozinho**³⁶ (CN), espaço musológico, foi inaugurada no dia 02 de julho de 2002, ocupa um edifício de três andares (figura 3), com entrada principal pela rua Portugal e uma entrada secundária pela rua Nazaré, no piso superior. O prédio data de 1815, sendo revestido de azulejos franceses e portugueses. Possui um pátio interno típico da arquitetura predominante do período colonial, mas com “influências neoclássicas na fachada” que, por sua vez, é revestida com uma barra de azulejos franceses na parte inferior, até a altura das bandeiras de porta do

³⁵ Lei nº 1.411, de 9 de novembro de 1963.

³⁶ Localizado na Rua Portugal nº185, no Bairro da Praia Grande, o espaço é aberto para visitação de terça a domingo, e a visita pode ser feita de forma individual ou em grupo, sendo que para isso se recomenda o agendamento prévio. A casa   visitada regularmente por estudantes (escolas públicas e privadas, secundaristas e universitários), além de visitantes de várias partes do Brasil e do exterior (RIBEIRO, 2009).

pavimento térreo (RIBEIRO, 2009). Sendo o espaço, de acordo com Serra (2012), habitado na época por uma família tradicional de comerciantes portugueses, no primeiro piso funcionava o comércio, no segundo piso, a moradia, e o terceiro era destinado à hospedagem.

Figura 3 - Fachada da Casa de Nhozinho



Fonte: Imagem retirada de <http://casadenhozinho.blogspot.com.br/>

Este nome é uma homenagem póstuma a um dos gênios da arte popular maranhense, o artesão Antônio Bruno Pinto Nogueira, o Nhozinho (1904-1974), que ao longo da vida confeccionou brinquedos e figuras do folclore maranhense, escultor de personagens de brincantes das festas de bumba meu boi, que marcou sua passagem pelo reconhecido valor artístico de suas obras. Foi o primeiro artista a fazer brincantes de bumba meu boi dispostos em roda, em São Luís, logo depois vieram outros artesãos, como Zé Lopes e Dona Sebastiana (RIBEIRO, 2009), que passaram a fazer bonecos de boi.

Conveniente, para conhecer o museu como público/visitante, desvendando e conhecendo um pouco mais sobre seu acervo e artistas, apropriando-se do percurso da visita que o local dispõe, visitar a CN. Ao adentrar fomos bem recepcionados e fizemos uma visita guiada juntamente com outros visitantes. A entrada tem uma reprodução de potes que armazenam água (figura 4), típico do interior do Maranhão até os dias de hoje, em residências que não possuem um refrigerador. Seguindo,

não tivemos como deixar de observar seu aspecto estrutural desgastado pelo tempo, requerendo reformas e restauros.

Figura 4 - Reprodução dos potes que armazenam água – Casa de Nhozinho



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A recepção e a sala à direita têm um excelente espaço para exposições e a própria comercialização de artesanatos locais (figura 5); na esquerda da entrada tinha, naquele dia da visita, uma exposição de várias embarcações (figura 6). Atrás, ao fundo da casa, no térreo, existe um “poço”, artefato preservado no espaço que nos remete à questão de poder aquisitivo em épocas passadas, permitindo-nos imaginar aquele espaço ainda como moradia: quem morou, como eram e o que faziam são questionamentos que sobrevêm ao pensamento, assim como nos fazem refletir sobre as relações sociais existentes entre moradores daquela casa e a sociedade como um todo.

Figura 5 - Exposição e comercialização de artesanatos – Casa de Nhozinho



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Figura 6 - Pavilhão água – Casa de Nhozinho



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Subindo as escadas no primeiro andar destacamos uma mostra da cultura indígena e diversos brinquedos populares, muito significantes aos olhos da pesquisadora, pois a mesma tem uma estreita relação com os jogos e as brincadeiras populares, pela sua formação e atuação profissional com o lazer e a recreação. E no último andar, o acervo de “Nhozinho” são encantadoras réplicas de casinhas populares nas mais diversas formas.

A CN, além do térreo contar com um espaço para lançamento de livros e outras atividades, o segundo piso, no fundo da casa, tem um pátio com vista da Rua de Nazaré, destinado a eventos de cunho popular.

O museu CN abriga em seu acervo obras do próprio homenageado e outras muitas obras de artesãos anônimos, como também de “Beto Bittencourt³⁷, assim como artefatos e utensílios de fabricação popular, nas vivências do saber e do fazer que são cotidianamente utilizados pelas populações do interior do Estado” (RIBEIRO, 2009, p. 25).

Pode-se dividir o acervo museológico (figuras 5, 6, 7 e 8) da CN (quadro 5) em quatro pavilhões, sendo denominados conforme quatro elementos da natureza, cada pavimento/andar foi caracterizado por esses pavilhões; assim, no térreo temos o pavilhão água (relação do Homem com a Água - rios e mares) e o pavilhão terra (produção de Artesanato e Manufaturas, no princípio esses artefatos ficavam à direita, mas foi necessária a transferência destes objetos para o pavilhão água). O espaço terra, no momento da pesquisa (2015/2016) sediava a galeria Cofó, reservada a exposições temporárias. No primeiro andar, o pavilhão fogo (relaciona-se ao ato de produção, trabalho diário, utensílios de cozinha – fogareiro, entre outros, também encontramos as coleções adjuntas de bonecos e miniaturas), e no segundo andar, o pavilhão ar (a arte saindo de dentro da casa”, o artesanato para o público, para a rua, para a venda, divulgação para o mundo).

“Existe uma sala com brinquedos populares, uma outra miniatura de tipos populares e existem duas coleções adjuntas que são coleções de pessoas que já faleceram e que terminou vindo pra cá; uma de Victor Gonçalves Neto, que era jornalista, colecionava muitas coisas da cultura popular; tem a coleção Beto Bittencourt, que era um bonequeiro de São Luís, quando faleceu a família doou para a Superintendência o acervo dele. Existe uma sala com trançados, tecidos, redes, cestaria, cerâmica, miniatura de embarcações e uma exposição sobre Nhozinho, propriamente, que é o homenageado da casa, mas ele não morou aqui, ele é um homenageado entre muitos outros artesãos e artistas populares³⁸”.

³⁷ Artista Maranhense, Beto Bittencourt (Humberto Henrique Bittencourt) nasceu em Pinheiro-MA, em 05 de setembro de 1962, mas foi em São Luís que passou a maior parte de sua vida, dedicada inteiramente à arte, ao teatro e aos bonecos. Morreu em 15 de agosto 1999. Disponível em www.lioribeiro.com.br/2013/09/salve-beto-bittencourt-bonequeiro.html. Acesso em: 15 nov. 2016.

³⁸ Fala de Jandir Silva Gonçalves, pessoa bem representativa e atuante na coordenação dos espaços de cultura popular maranhense, em entrevista informal à pesquisadora, em 2016, onde dispõe sobre as possíveis intervenções que vão acontecer nos museus.

Quadro 5 - Divisão e caracterização do acervo do Museu Casa de Nhozinho

Térreo	A Exposição no térreo é dividida em dois ambientes, do lado esquerdo denominado de pavimento água, contém peças vinculadas a atividade pesqueira, como diversos tipos de embarcações, armadilhas de pesca. Do outro lado, à direita, é uma galeria Cofó, onde acontecem exposições, divulgação e comercialização do artesanato maranhense. Esse espaço tem como objetivo fortalecer e valorizar o artesanato feito pela comunidade local.
1º andar	Vasto acervo no pavimento fogo expõe utensílios domésticos como fogareiros, além de cerâmicas, reciclados, cestarias, acervo de Beto Bittencourt com mostras indígenas e de brinquedos populares.
2º andar	O último piso é chamado pavimento ar, é o espaço destinado a exposições temporárias, e em homenagem póstuma àquele que dá nome ao museu.

Fonte: Adaptado de Serra (2012, p. 54-55).

Durante toda a visita se notou um espaço com bastante retratação da cultura material do maranhense nos seus usos e costumes, miniaturas, tipos populares, veículos de locomoção, construção civil, coleções adjuntas, brinquedos populares, cerâmicas, muitos objetos não têm importância por si só, mas, sobretudo, pela cultura imaterial que representa.

Figura 7 - Brincantes – acervo Casa de Nhozinho

Fonte: Nhozinho: Imensas miudezas (2007).

Figura 8 - Exposição de materias em palha: cofos, abanos, sacolas, bandejas, enfeites de casa



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Em seguida, iniciam-se alguns indicativos relacionados à **Casa da Fésta** (CF), espaço que nos convidou a passear pelas representações das festas populares e religiosas do estado do Maranhão.

A Casa da Fésta³⁹, espaço museológico, tem no seu acervo grandes representações que se referem às festas tradicionais maranhenses de cunho religioso e profano. O espaço ocupa um prédio de três pavimentos e um sótão, provável propriedade de famílias nobres locais, mas não foram encontrados registros históricos confiáveis sobre o fato da moradia, possuindo características de um sobrado (figura 9), pois servia de residência e comércio, que já fora ocupado por firmas de grande porte comercial, em uma época de grande apogeu econômico maranhense.

O espaço foi reinaugurado com esta nova denominação no ano de 2002, e nesta edificação se encontra hoje o acervo museográfico “Casa da Fésta”. Realizaram-se várias visitas ao espaço, onde inicialmente se teve a oportunidade de experimentar o museu como expectador/visitante, percebendo esse espaço, descobrindo e conhecendo um pouco mais sobre seu acervo e participando do percurso da visita que o local dispõe.

³⁹ Localizado em um prédio proveniente do século XIX, na rua do Giz, nº 221, no bairro da Praia Grande, no Centro Histórico de São Luís do Maranhão, o espaço é aberto para visita de terça a domingo, atendendo a grupos escolares e visitantes em geral.

Figura 9 - Fachada da Casa da Fésta



Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Ao adentrarmos, percebemos um lugar antigo; a entrada, com uma bela escadaria (figura 10), e no piso as marcas dos aspectos estruturais consumidos pelo tempo, um cheiro incerto e diferente, talvez por ser um prédio antigo e sua recepção estar bem cheia de artefatos, sentiu-se certo desconforto. Já numa última visita, não se identificou a sensação sentida anteriormente, visto que o espaço estava vazio; ao contrário, sentimos uma amplitude e iluminação. Durante toda a visita notamos um espaço que retrata uma forte cultura afro-religiosa, pois o mesmo abrange as festas religiosas que acontecem em terreiros.

Figura 10 - Escadaria interna do prédio onde funciona a Casa da Fésta



Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

A CF tem na sua entrada para exposições a galeria Zelinda Lima, espaço também destinado às exposições temporárias e outras atividades, como lançamento de livros e atividades com a comunidade (figura 11). Na última etapa da pesquisa de campo, nesse espaço foram realizadas atividades com as crianças da comunidade, contação de histórias, teatro e pinturas.

Figura 11 - Brincadeiras e contação de histórias - Casa da Fésta



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A casa tem um variado acervo e sua temática inicial esteve relacionada às festas e aos ritos populares do Maranhão. São expostos bens simbólicos representativos das festas populares maranhenses e da religiosidade expressa através da fé. O quadro 6 retrata a forma como o acervo museológico está dividido nos andares da CF:

Quadro 6 - Divisão e caracterização do acervo do Museu Casa da Fésta

Térreo	Exposição sobre a religião afro-maranhense, sobre os modos de representar a fé dos negros, ressalta os terreiros de culto afro, como a Casa das Minas, a Casa de Nagô e a Casa Fanti-Ashanti.
1º andar	Vasto acervo dos bens simbólicos da festa do Divino Espírito Santo, vitrines representativas das danças populares do Estado, tais como dança de fitas, dança do lelê, quadrilha, tambor de crioula e bumba-meu-boi; Retrata personagens e instrumentos de percussão tocados no bumba-meu-boi, índias, cazumbás, rajados, zabumbas, matracas e pandeirões.
2º andar	Acervo sobre as festividades natalinas, brincadeira do reizado, festas de reis e pastores, peças da sagrada família, arvores e presépios; indumentárias e instrumentos das brincadeiras carnavalescas regionais como blocos tradicionais, de sujo, fofões; personagens como crista de galo, urso, dominó; casinha da roça, e mestre-sala e porta-bandeira, representando as escolas de samba local.

Fonte: Adaptado de Serra (2012, p. 54-55).

No geral, o acervo da Casa da Fésta (ver Figura 12, 13 e 14) foi consolidado a partir de diversas doações.

Figura 12 - Acervo da Casa da Fésta – Térreo



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Figura 13 - Acervo da Casa da Fésta – 1º andar



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Figura 14 - Acervo da Casa da Fésta – 2º andar



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Além de uma exposição muito significativa, o Museu CF mantém funcionando uma lojinha (figura 15) com produtos para comercialização nas suas dependências, com livros, miudezas em cerâmica e artesanato, entre outros. Um auditório denominado de Rosa Mochel, para possíveis palestras e cursos, e um pátio na parte do fundo, espaços amplos e livres para possíveis atividades de interação e apresentações das manifestações populares.

Figura 15 - Produtos da cultura popular maranhense na loja - Casa da Fésta



Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Com base nos relatos de Serra (2009), que pesquisou os espaços aqui delimitados, mas em outra perspectiva sobre a simbologia do acervo, compreende-se o acervo da CF “voltado para o ciclo, a maioria dos rituais e manifestações apresenta-se em forma de círculo (tambor de crioula, tambor de mina, etc) [...]. (IDEM, p. 106); e esses estão relacionados com o percurso corrente de todas as festividades apresentadas pelo museu, renovando-se como um círculo. Nessa perspectiva, ela explica que “[...] as brincadeiras representam festas cíclicas que acontecem durante o ano e se renovam no calendário seguinte: o carnaval marca o início do ano, o São João o meio, e o Natal o fim do ano” (SERRA, 2009, p. 106).

Aqui se percebe a extensa propagação das festividades populares que remetem à apropriação desses museus como lugares propícios para o lazer, pois além da grandiosa proporção das festividades, somamos um espaço existente e

amplo para serem dinamizados a diversão, a reflexão e o conhecimento da cultura como um todo, destacando-se, dentro dos objetivos aos quais o Museu se propõe, em servir a comunidade através da conservação, da classificação, da coleta, do inventário e da exposição do acervo relacionado à cultura popular maranhense, mas, também, à dinamização de produções cultural e material da própria comunidade.

4.2 APROPRIAÇÃO DOS MUSEUS “CASA DE NHOZINHO E “CASA DA FÉSTA”: a concepção dos gestores e a percepção dos visitantes.

Para alcançar os objetivos deste trabalho se buscou entender, a partir das falas dos gestores, apenas as categorias que irão auxiliar em uma melhor compreensão dos dados, análises e, posteriormente, uma interpretação aprofundada, apresentado-as em quadros, especificando os depoimentos recorrentes para cada categoria de análise elencada no início do capítulo, seguidos dos posicionamentos referentes aos questionários aplicados aos visitantes em uma análise geral, não necessariamente na mesma ordem descrita, mas de acordo com a necessidade de abordagem desenvolvida para cada categoria.

Inicialmente, relacionou-se o que tange ao papel de cada gestor dentro dos espaços museais, seu desenvolvimento profissional nos museus, sua formação e seus conhecimentos sobre a perspectiva do lazer em museus e, posteriormente, partiu-se para a concepção geral sobre os visitantes.

Para a compreensão maior do papel dos gestores destes espaços museais, buscou-se inicialmente entender o seu auto-olhar e o seu lugar de fala. Primeiramente, o GCN se posiciona quanto ao seu papel no museu, o que entende ser o papel de coordenar tudo o que acontece dentro do espaço museal: “[...] *tanto da coordenação das exposições, das coordenações de trabalho movidas pelas pessoas que trabalham, pelos estagiários, por tudo, tudo passa por mim*”. De uma maneira geral, atua no museu há quase um ano, começando em dezembro de 2015.

Para o GCF, a autoanálise não é muito diferenciada; em resposta, afirmou como gestor da casa, que seu papel era “*promover ações que visem o andamento desta casa em termos administrativos e, principalmente, dentro da área de cultura em termo de promover*”. Sua atuação na gestão do espaço é de quase dois anos.

No intuito de relacionar as temáticas tratadas nesta pesquisa, enveredou-se no entendimento desses gestores sobre o lazer. Ao se referir sobre a questão de conhecimento sobre lazer, a direção manifestou a seguinte opinião:

“[...] um museu é um espaço para isso, assim, como a gente pode considerar outros espaços, a gente tem que usufruir nesses momentos que a gente tem livre em nossas vidas cotidianas que não seja trabalho. Entendeu? Então, na minha compreensão o lazer, ele parte desse princípio, da gente aproveitar esses momentos” (GCF).

Já a GCN relatou com relação ao conhecimento de lazer que ela mesma explorou a temática lazer em um trabalho monográfico. “*A minha monografia de história, ela foi sobre lazer, só que foi um lazer voltado para as elites, não para o espaço popular, não*”. Os depoimentos indicam que a gestão dos museus tem um conhecimento sobre “dimensões do lazer”.

O primeiro discurso traz um posicionamento referente ao lazer partindo do princípio do tempo livre. O lazer dentro dessa esfera do tempo livre implicaria em realização de atividades, pois a opção e a escolha são características típicas deste tempo livre (GOMES, 2004). Já a seguinte fala admite a dimensão do lazer no espaço popular e a estreita relação que se estabelece a partir da assimilação onde o lazer seria o instrumento capaz de dar acessibilidade ao espaço museal cultura popular, como o rompimento entre o culto e o popular, pelo próprio processo de popularização da cultura e apropriação de um bem cultural (CANCLINI, 1983). Dessa forma, aconteceria uma diminuição dessas diferenças, permitindo o acesso ao museu, atendendo ao que o próprio espaço deve propor pela sua definição (ICOM, 2009), estando os museus a serviço da sociedade, tendo seus fins de estudo, educação e deleite, sendo deleite congruente ao prazer e à satisfação na realização de alguma atividade.

Outro item relacionado foi em relação à existência de uma política museal nos museus CN e CF, sobre a existência do plano museológico (quadro 7) que rege sobre o funcionamento, seu planejamento de forma mais legitimada. Abaixo segue exposto o posicionamento dos gestores sobre a concepção do plano museológico nestes museus.

Quadro 7 - A política museal na Casa da Fésta e na Casa de Nhozinho

Plano museológico?	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“[...] nós de fato precisaríamos de uma política museal, a gente sabe que não tem museólogo aqui... estamos em processo de construção, de planejamento, de discussão. A gente não tem deixado essas discussões de fora” (GCF).	“[...] a gente luta muito com isso, tem muito essa vontade, mas nós ainda não temos um plano museológico estabelecido. A gente entende que esse é o primeiro passo para que a gente consiga construir as coisas. [...] A gente tem uma experiência daquilo que a gente entende de plano museológico e em cima disso a gente constroe nosso calendário, mas parece que a gente constrói o calendário para depois pensar num plano museal e a gente ainda não conseguiu parar para pensar nesse plano” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Faz-se importante esclarecer o que dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico⁴⁰ dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a importância e sua função, pois se entende, para obtenção e sistematização da organização geral desses espaços, incluindo as atividades desenvolvidas nos museus, o mesmo deveria já ter concretizado plano museológico, até pelo tempo de funcionamento de ambas as casas.

Após esses esclarecimentos preliminares, mas fundamentais para se entender a visão dessas pessoas que estão à frente dos espaços aqui estudados, e

⁴⁰ A Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006, dispõe sobre a elaboração do plano museológico dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências. O Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no uso de suas atribuições legais e regimentais, especialmente no disposto no inciso V do art. 21 do Anexo I do Decreto nº 5.040, de 07 de abril de 2004, e na Portaria IPHAN nº 302, de 07 de julho de 2004, e considerando a necessidade de organização da gestão dos museus do IPHAN, capaz de propiciar o estabelecimento de maior racionalidade e eficiência do fazer museal; resolve:

Art. 1º. Instituir parâmetros gerais de organização da gestão das instituições museológicas do IPHAN, compreendendo o Plano Museológico como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento.

Parágrafo único. Por seu caráter político, técnico e administrativo, o Plano Museológico é instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação do museu na sociedade.

Art. 2º. O Plano Museológico trata de estabelecer a missão e os programas do museu, as suas diretrizes de funcionamento e as orientações necessárias para o desenvolvimento de projetos e atividades específicos.

Art. 3º. A elaboração do Plano Museológico baseia-se em diagnóstico completo da instituição, levando em conta os pontos fortes e frágeis, as ameaças e oportunidades, os aspectos socioculturais, políticos, técnicos, administrativos e econômicos pertinentes à atuação do museu.

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_001_de_5_de_julho_de_2006.pdf. Acesso em: 21 out. 2016.

que têm papel determinante na experiência que os visitantes irão ter nesses locais, dá-se sequência ao processo de análise das entrevistas e questionários, desenvolvendo a análise em cima das categorias definidas inicialmente neste capítulo.

a) Identificação dos visitantes dos museus CN e CF

A busca pela caracterização do perfil dos visitantes se faz necessária pois para “[...] análise da visita de museus redundante em uma classificação dos visitantes (POULOT, 2013, p.139). Nessa tentativa, perguntou-se aos gestores se o público visitante é formado mais por turistas ou por residentes locais, se são mais homens ou mulheres, crianças, jovens ou adultos que procuram o museu.

Os gestores, de um modo geral, declararam que o público de visitação, em algumas épocas se tem uma quantidade considerável de residentes, mas no geral a visitação está centrada em turistas, como se vê nos depoimentos expostos no quadro 8 a seguir.

Quadro 8 - Perfil do público visitante pelo olhar dos gestores

Quem são os visitantes?	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“[...] maioria não é local. Tem de outros estados, tem turistas. Eu acho que bem mais turistas” (GCF).	“Mais por turistas, com certeza, tem um período que vem bastante gente daqui só que, quando vem a pessoa daqui ela sempre está acompanhado com um parente que não mora aqui, então ela vem pela obrigação de mostrar o que temos, ela não vem pelo prazer de vir ou pelo conhecimento ela vem porque ela tem que mostrar pra alguém, para o turista. como a gente trabalha com uns colégios, às vezes, vem muita criança, vêm muitos adolescentes também. Mas, assim, eu creio que a procura, fora obrigação é mais do público adulto e o idoso” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os discursos deles estão pautados nas interfaces onde o turismo é o propulsor do acesso aos museus de cultura popular, delineado por Ribeiro (2009) no enunciado abaixo.

No período entre as décadas de 40 e 60, a Cultura Popular e o Turismo passaram a caminhar de mãos dadas, de forma a facilitar o incentivo às práticas de expressões populares como atrativo político no Estado. Mais adiante, entre 1965 e 1970, outras mudanças ocorreram ao transformar o Departamento de Turismo em Fundo Rotativo de Incentivo ao Turismo (RIBEIRO, 2009, p. 34).

A partir da conexão entre o turismo e a cultura popular, compreende-se que as respostas dos gestores se respaldam mais nos aspectos relacionados por Ribeiro (2009) do que nas constatações de mensuração quantitativa real dessas visitas.

Em contraponto a essas falas, obtivemos dados contrários na análise dos questionários dos visitantes da **CF**, pois das dezesseis (16) pessoas abordadas, quanto a seu **local de origem**, a maioria (14) era do município de São Luís, a capital do Maranhão, uma (01) era de outro município no interior do estado do Maranhão; e o outro visitante era de Brasília-DF (tabela 1).

Tabela 1 - Identificação dos visitantes da Casa da Fésta

ORIGEM	São Luis – capital 14	Municípios/MA diversos 01	Brasília 01	
GRAU DE ESCOLARIDADE	Fundamental incompleto 07	Fundamental Completo 01	Ens. Médio Incompleto -	Ens. Médio completo 01
	Superior Incompleto 02	Superior Completo 05		
FAIXA ETÁRIA	18 a 25 10	26 a 40 04	41 a 60 02	Acima de 60 -
RENDA FAMILIAR	Menos de 1 salário mín. 03	1 salário mínimo 03	2 a 3 salários mínimos 06	Acima de 4 salários mín. 04

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Já na **CN**, das vinte e quatro (24) pessoas abordadas, quanto a seu **local de origem**, a maioria (08) era do município de São Luís, a capital do Maranhão, e um bom quantitativo, onze (11) pessoas, do estado do Maranhão, dos mais diversos

municípios, o restante dos visitantes (05) era dos mais diversos estados do Brasil, uma do Rio de Janeiro, uma de Porto Alegre, uma de São Paulo, uma de Minas Gerais, uma do Paraná, conforme se vê na tabela 2. Essa análise já está de acordo com as perspectivas dos gestores, pois a maioria dos visitantes se configura como turista. Salienta-se também que a pesquisa não foi desenvolvida com grupos escolares.

Tabela 2 - Identificação dos visitantes da Casa de Nhozinho

ORIGEM	São Luis – capital 08	Municípios Diversos/MA 11	Rio de Janeiro 01	Porto Alegre 01
	São Paulo 01	Minas Gerais 01	Paraná 01	
GRAU DE ESCOLARIDADE	Fundamental Incompleto 07	Fundamental Completo 02	Ens. Médio Incompleto 02	Ens. Médio completo 04
	Superior Incompleto -	Superior Completo 09		
FAIXA ETÁRIA	18 a 25 14	26 a 40 09	41 a 60 02	Acima de 60 -
RENDA FAMILIAR	Menos de 1 salário mín. -	1 salário mínimo 03	2 a 3 salários mín. 11	Acima de 4 salários mín. 08

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O que chamou atenção nos dados foi o grande número de visitantes locais e poucos visitantes de outras localidades, como observado nos dois espaços, diferentemente do que foi colocado pelos gestores. Assim, pela fala da direção dos museus, enfatizam-se os dois locais bem acessíveis a visitação a grupos escolares, “*como a gente trabalha com uns colégios, às vezes vem muita criança, vêm muitos adolescentes também. Mas, assim, eu creio que a procura, fora obriga o, é mais do público adulto e o idoso*” (GCF). Porém, quanto a “não obrigatoriedade de visita o” destacada na fala acima, coloca o público adulto e idoso como visitantes mais assíduos. A fala da gestão incita a recordar o aspecto sobre a obrigatoriedade incidente sobre as rela o de constitui o do lazer relacionadas por Dumazedier (1979), em que no caráter liberatório o lazer se coloca como libera o de quaisquer obriga o, sejam elas profissionais, familiares ou institucionais.

Continuando nos pontos elencados na tabela 1, quanto ao **grau de escolaridade**, tem-se a maioria dos visitantes como superior completo. Pode-se concordar integralmente com a ideia de Bourdieu que coloca que “a frequência dos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde um modo de ser, quase exclusivo das classes cultas” (2007, p. 37), mas se tem um paradoxo ao verificar uma aproximação muito grande com o número de visitantes que tem como nível de instrução o fundamental incompleto, cerca de (07) sete pessoas, duas (02) pessoas com fundamental incompleto, duas (02) com médio incompleto e quatro (04) com ensino médio completo. Nessa perspectiva, constata-se, na CF (tabela 2), quanto ao **grau de escolaridade**, que a maioria dos visitantes (07) sete pessoas têm o fundamental incompleto, aproximando novamente do número de visitantes que tem como nível de instrução o superior completo, (05) cinco pessoas; o restante dos visitantes, duas (02) pessoas com Superior incompleto, uma (01) com médio completo e uma (01) com o ensino fundamental completo.

Em relação à **faixa etária**, na CN (tabela 1) a maior parte, (14) quatorze pessoas, tinha entre 18 e 25 anos, nove (09) entre 28 e 40, e duas (02) pessoas entre 41 e 60 anos; e no que concerne à questão da **renda familiar**, a maioria dos visitantes (11) tem sua renda entre 2 e 3 salários mínimos, quase 50% do grupo, sendo um quantitativo bem representativo, três (03) com renda de um salário mínimo e oito (08) acima de quatro salários mínimos (Tabela 1). Verificou-se na CF a maior parte dos visitantes como um público jovem, dez (10) pessoas tinham entre 18 e 25 anos, quatro (04) entre 26 e 40, e duas (02) pessoas entre 41 e 60 anos. E quanto à questão da **renda familiar**, a maioria dos visitantes da CF, (06) seis, tem sua renda entre 2 e 3 salários mínimos, três (03) com renda de um salário mínimo, três (03) com menos de (01) salário mínimo e quatro (04) com renda acima de quatro salários mínimos (tabela 2).

O que chamou atenção nestes dados (tabela 1 e 2) seria o grande número de visitantes locais e poucos visitantes de outras localidades. Presumia-se encontrar esse quadro invertido. Além disso, ressalta-se o fato da maioria dos visitantes com quem se teve contato possuir ensino superior completo, o que poderia indicar que mesmo com uma aproximação aos números de visitantes com um grau de escolaridade mais baixo, o nível de instrução pode interferir no interesse maior pelo acesso à informação, de forma livre e espontânea, pois o acesso intelectual e

financeiro incide em uma promoção com condições materiais necessárias para as práticas de lazer de um modo geral. Assim, é “possível compreender os mecanismos através dos quais apenas parte dos indivíduos consegue obter as chaves para a plena fruição das obras de arte...” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p.11), pois ao cruzar alguns dados do perfil dos frequentadores, identificou-se que 25%, ou seja, seis (06) pessoas que responderam ao questionário se encontravam na seguinte situação: grau de instrução no nível superior completo, renda acima de quatro salários mínimos e possuíam entre 26 e 40 anos. Dessa forma, entende-se que Pierre Bourdieu, mesmo se referindo aos museus de arte com sua colocação, o raciocínio pode ser generalizado para os dados acima.

Esses dados se tornam relevantes, visto que quanto mais se souber acerca do contexto pessoal do visitante, mais se pode aperfeiçoar sua experiência museal, de modo a instigar sua ida e seu retorno aos museus, nos quais terá suas expectativas, seus desejos e necessidades mais amplamente respondidos. Enfatiza-se, também, a importância da cultura local para a formação do contexto pessoal e para a construção de cada experiência museal.

b) Envolvimento com museus em geral e especificadamente com a CN e CF: frequência, motivações e concepções da visitação

No que se refere ao envolvimento com o espaço museal CN pelos visitantes, buscou-se inicialmente encontrar fundamentos nessa relação **com museus** através de sua **frequência de visitação a espaços museais**, onde se constatou que mais de 50%, (15) pessoas do grupo abordado, raramente visitam museus, e 25%, ou seja, (06) pessoas, frequentemente visitam museus; dentre esses seis que frequentemente visitam museus, quatro (04) se encontram no perfil com grau de instrução superior completo, renda acima de quatro salários mínimos e idade entre 26 e 40 anos. Dos que se classificaram como nunca visitarem espaços museais, três (03) visitantes têm grau de instrução fundamental incompleto. Esses dados confirmam a perspectiva de que é mais propícia a apropriação dos espaços museais aos indivíduos relacionados que possuem melhores condições social, econômica e instrucional. Quanto a ser a **primeira visita ao museu CN**, vinte e um (21) pessoas informaram que o visitam pela primeira vez e três (03) disseram que já visitaram outras vezes, conforme a tabela.

Tabela 3 - Envolvimento dos visitantes nos espaços museais e com a CN

FREQUÊNCIA DE VISITAÇÃO EM MUSEUS	Frequentemente 06	Raramente 15	Nunca 03
1ª VISITA A CASA DE NHOZINHO	Sim 21	Não 03	
A VISITA CONSIDERADA COMO UMA ATIVIDADE DE LAZER	Sim 23	Não 01	
MOTIVOS DA VISITA A CASA DE NHOZINHO	Interesses por museus/ hábito pessoal/ experiência estética 02	Conhecer a cultura popular/adquirir conhecimento 13	Passeio/ Turismo 09

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Na CF, na **frequência de visita a espaços museais**, constatou-se que mais de 80%, (13) pessoas do grupo abordado, frequentemente visitam museus, e três (03) pessoas raramente visitam museus; não se obteve nenhum participante que nunca visitasse museus. E quanto a ser a **primeira visita a esse museu**, sete (07) pessoas informaram que o visitavam pela primeira vez, e nove (09) disseram que já visitaram outras vezes, conforme a tabela 4.

Tabela 4 - Envolvimento dos visitantes nos espaços museais e com a CF

FREQUÊNCIA DE VISITAÇÃO EM MUSEUS	Frequentemente 03	Raramente 13	Nunca -
1ª VISITA A CASA DA FÉSTA	Sim 07	Não 09	
A VISITA CONSIDERADA COMO UMA ATIVIDADE DE LAZER	Sim 15	Não 01	
MOTIVOS DA VISITA A CASA DA FESTA	Interesses por museus/ hábito pessoal/ experiência estética -	Conhecer a cultura popular/adquirir conhecimento 14	Passeio/ Turismo 02

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No que se refere à **consideração da visita ao museu uma atividade de lazer**, somente uma pessoa, visitante da CN, colocou não considerar aquela visita a uma atividade de lazer, e não justificou sua negação; da mesma forma na CF, somente uma pessoa também não relacionou a visita com o lazer. Dentre os que

consideraram a visita na CN como atividade de lazer, somaram cerca de 95%, vinte e três (23) pessoas; e na CF somaram mais de 90%, cerca de quinze (15) pessoas, dados bastante positivos para a pesquisa, respaldando o estudo na compreensão do museu como uma espaço de lazer. Vejam algumas justificativas dessas afirmações: seis (O6) pessoas da CN e cinco (O5) da CF justificaram porque consideram a visita ao museu uma atividade de lazer. Abaixo os depoimentos, seguindo ordem de análise.

“Muito interessante e importante para a cultura maranhense” (VCN 16).

“Porque é bom saber um pouco mais sobre nossa cultura” (VCN 19).

“Porque é onde conta a história de antepassados dos velhos anos atrás, onde sabe de cada história” (VCN 20).

“Para conhecer mais sobre a nossa cultura maranhense” (VCN 21).

“Porque ao mesmo tempo que conhecemos um pouco mais de nossa cultura, acabamos por nos entreter e divertir” (VCN 22).

“Conhecemos coisas que ainda não conhecíamos” (VCF 06).

“Porque me divirto e aprendo ao mesmo tempo” (VCF 25).

“Conhecemos coisas novas” (VCF 10).

“Várias coisas de história do passado” (VCF 13).

“Porque nos remete ao mesmo tempo a conhecimentos e momentos lúdicos” (VCF 03).

Compreende-se, nessas respostas coletadas nas entrevistas a ambos os museus, a ligação que os participantes fazem entre a assimilação entre o conhecimento proporcionado pela visita, com o entretenimento, o prazer e a diversão no ato de visitação, na busca pela aprendizagem e conhecimento pela cultura local ou somente como fruição do acervo do espaço como um todo. Não muito divergente dessa realidade, os gestores relataram suas concepções sobre os museus enquanto espaço de lazer, observado no quadro 9.

Quadro 9 - Percepção da gestão do Museu enquanto espaço de lazer

Museu com espaço de lazer? LAZER X MUSEU	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
<p>“Sim. Eu considero porque ele traz informações que se referem à história de pessoas, de culturas que devem ser valorizados. Bem como os aspectos culturais de uma cidade, isso aí, já é um ponto importante e acaba sendo um entretenimento. Eu acho que a partir do momento que a gente fica livre pode passar a considerar que a gente está num momento de lazer. Eu particularmente considero assim” (GCF).</p>	<p>“Eu considero, como, por exemplo, eu tenho dessas formações o que sempre fica para mim de lazer é aquela questão... quando eu abordo o lado das férias no lazer, aquela coisa saudável que tem uma lado... claro que é educativo, mas é fora a tua obrigação é sempre ligado a questão do prazer... o prazer de estar passeando, de estar aprendendo e eu entendo isso como uma forma de lazer e é um lazer que te proporciona educação te proporciona bem estar, exatamente, até a questão da saúde, mesmo, você vai para um espaço diferente do seu espaço. Isso é muito importante porque muitas pessoas que vem aqui elas não estão dentro desse mundo popular” (GCN).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A relação direta do lazer com as apropriações de concepção da cultura e conhecimento pelos visitantes é de extrema relevância, pois dentro da concepção colocada por Gomes (2004), referencial teórico definido e defendido na construção do objeto de estudo da pesquisa, o lazer deve ser entendido como uma extensão da cultura, formado a partir de vivências lúdicas de manifestações culturais. Entende-se que este momento de visita se manifesta de forma bem positiva, sendo considerado pelos visitantes um momento de lazer, conseqüentemente, o espaço museal, a partir destas considerações também se configura dentro dessa mesma perspectiva.

A partir do olhar sobre esses espaços museais trazidos anteriormente pelo próprio visitante, trazendo uma afirmativa com referência à consideração da visita ao museu como uma atividade de lazer, compactuando dessa visão se tem “o lazer de uma perspectiva ampla, como cultura vivenciada no tempo disponível com determinadas características” (MARCELLINO, 2004); dessa forma, instigam-se as **motivações que levaram os visitantes a usufruírem desses espaços**, considerando que a visita tenha sido realizada no seu tempo livre.

A classificação de “tempo livre” está relacionada a dois dos quatro conceitos colocados por Marcellino (2007), sendo conveniente destacá-los para uma melhor compreensão, sendo eles a cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações (escolares, sociais...), que combina os aspectos tempo e atitude, e um tempo privilegiado, com direito e regalia para vivência de valores, esses no sentido de contribuir para diversas transformações; conceito esse relacionado ao lazer e ao que esse visitante faz no seu tempo livre.

Dos visitantes abordados na CN, dois (02) têm como motivações de visita o interesse por museus, a visitação como hábito pessoal e a experiência estética. A maioria, treze (13) visitantes, teve o ensejo em conhecer a cultura popular e/ou adquirir conhecimento; em um segundo campo de motivações se tem turismo e passeio como agente de visitas para nove (09) pessoas (tabela 3). Nas **motivações da visitação à CF**, nenhum dos visitantes colocou como motivação de visita o interesse por museus/hábito pessoal/experiência estética. A maioria dos visitantes, quatorze (14), colocou como motivação conhecer a cultura popular e/ou adquirir conhecimento, ficando em um segundo campo de motivações o turismo/passeio como agente de visitas para duas (02) pessoas, conforme tabela 4.

Ao se verificar que a maioria dos visitantes foi levada a usufruir desses espaços principalmente pelo interesse em conhecer mais sobre a cultura popular e adquirir conhecimentos, e que os mesmos visitantes consideram a visitação como atividade de lazer, verificou-se o entrecruzamento do lazer com a cultura, ou como definiu Dumazedier (2000), os conteúdos culturais do lazer, pois a cultura inclusa no lazer não se refere a uma redução apenas de um conteúdo, como o artístico, por exemplo, mas a todos os conteúdos culturais diversos, nesse caso a visitação ao espaço museal. Dessa forma, “os conceitos atuais de lazer levam em consideração a possibilidade do ócio, da contemplação, do “nada fazer” como opção no momento de lazer. Souza e Melo (2009, p. 2) colocam que assim como deve ser reconhecido o uso desse tempo para o exercício de escolhas, preenchido por atividades, pela cultura, “que acrescento serem quaisquer, de manifestações da cultura dita “erudita” das “artes maiores” aos produtos da indústria cultural, cultura de massas, pois como disse, é um tempo de exercício de liberdade e de escolhas pessoais” (IDEM, 2009, p. 2).

A compreensão de grande parte dos autores que estuda o lazer “atribui ao tempo livre a ideia de um tempo em que não se faz nada por obrigação; é, então, um tempo liberto das obrigações, no qual se pode optar por fazer alguma atividade prazerosa, descansar ou simplesmente não fazer nada” (VALQUÍRIA PADILHA *apud* GOMES, 2004, p. 220). Entende-se que a opção e a escolha seriam características desse tempo livre, e a cultura popular como um elemento que confere o caráter educativo ao museu também pode proporcionar entretenimento e desenvolvimento. A cultura popular mostra aspectos da realidade social de um povo, da história, que não é contada no espaço escolar, mas que é vivenciada por muitos maranhenses no seu cotidiano, em seu trabalho, em festas e no seu momento de lazer.

Ainda sobre o envolvimento com museus, compreendendo a necessidade do espaço museal, enquanto gestão, conhecer seu público visitante, buscou-se verificar outro ponto discutido com os gestores durante a entrevista, referindo-se ao museu fazer a mensuração das visitas recebidas quantitativamente⁴¹ e qualitativamente (*feedback*⁴²), em que se questionou se há um livro de registros ou de assinaturas que pudesse diagnosticar algum perfil.

Os dois museus, de acordo com a fala dos gestores (quadro 10), possuem livro registro na entrada/recepção, contemplando alguns pontos indicativos como nome, local de origem, sexo, idade. Constatou-se a existência do livro durante a pesquisa *in lócus*, e ambos os Gestores afirmaram fazer a mensuração quantitativa e a ausência de uma avaliação qualitativa. O GCF relata sobre o visitante optar em deixar suas sugestões em relação ao espaço e ao atendimento, não esclarecendo de que forma esse visitante faria essa exposição de opiniões. Ambas as falas reconhecem a importância dessas duas mensurações e demonstram a necessidade que o museu possui desse retorno dos visitantes, pois “*não adianta saber só os números e não saber em que a gente pode melhorar, quais são as falhas, o que está acontecendo*” (GCN).

⁴¹ Os números sobre idade, procedência, itens que levariam ao perfil do visitante, caracterizando seu público.

⁴² Informações que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão

Quadro 10 - Existência de avaliação quantitativa e qualitativa dos visitantes nos museus

Mensuração das visitas recebidas quantitativamente e qualitativamente	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
<p>“[...] o quantitativo de visitantes onde tem uma estimativa de Estado ou de país, idade, sexo e esta estatística.</p> <p>“O visitante opta, dá sua sugestão em relação ao atendimento do estagiário, como foi que se deu, de que forma que ele foi recebido. Ele também fala da estrutura do prédio como é que está, as vitrines em qual estado está, em fim, eles falam de uma maneira geral [...]” (GCF).</p>	<p>“A gente faz essa mensuração de forma quantitativa. Porque fazer ela de forma qualitativa, a gente estava conversando, hoje, na reunião mais um ponto do que a gente quer colocar porque não adianta saber só os números e não saber em que a gente pode melhorar, quais são as falhas, o que está acontecendo e ninguém melhor do que as pessoas que estão sendo guiadas, os visitantes, para nos dizer” (GCN).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ressalvam-se alguns itens que não poderiam ser deixados despercebidos dentro dessa categoria sobre o envolvimento com os museus. Entendendo que os museus passaram de “lugar de formação artística e território da “república dos sábios”, em sua origem, o museu só se abriu a todos progressivamente ao longo de sua história” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 87), ainda mesmo que tenhamos resquícios dos estereótipos estabelecidos como um lugar somente para elite, para um espaço museal tratando diretamente com o público que “são os visitantes do museu – o público mais amplo – sobre quem somos levados a pensar em primeiro lugar, esquecendo que eles nem sempre ocuparam o papel central que o museu lhes confere hoje, porque existem vários públicos específicos” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 87). Essa é uma perspectiva positiva, visto que ainda hoje se encontram muitos espaços aos quais é [...] atribuída a consolidação de uma hegemonia cultural de classe, ao denunciar a ilusão de um estabelecimento aberto a todos quando, afinal, ele seria reservado, na realidade, a alguns [...]” (POULOT, 2013, p. 139).

Essa abertura deve tentar conduzir as equipes que atuam no museu a terem interesse cada vez mais pelos visitantes, mas também pela população que não frequenta museus, favorecendo um leque de possibilidades de novas leituras para o seu público. Nessa compreensão, Bourdieu e Darbel (2007) descreve que é necessário compreender que além de possuírem capital econômico e cultural, ter tempo livre para a visita aos espaços culturais também é um fator que determina o perfil e o acesso do público dos museus.

c) Expectativas vs realidade dos espaços visitados

Na tentativa de compreender as expectativas dos visitantes, fazendo um contraponto com a realidade dos espaços visitados, iniciou-se pelos relatos do questionamento direto sobre suas expectativas, o que esperava encontrar e o que poderia fazer ao visitar esse espaço museal. Recorde-se que na categoria já desenvolvida sobre o envolvimento com museus, dentre todos os quarenta (40) visitantes abordados, trinta e oito (38) consideraram a visita aos museus uma atividade de lazer. Destaca-se a necessidade de abarcar essas expectativas pelos visitantes, pois se entende que o histórico de vida de cada um versará sobre suas escolhas, pois como enunciam os autores Falk e Dierking:

[...] das expectativas de todo visitante está seu contexto pessoal, seu reservatório pessoal de conhecimento, atitudes e experiência, influenciado por expectativas a respeito das características físicas do museu, o que ele vai encontrar lá, o que poderá fazer e quem o acompanha nessa visita. Todos esses fatores se fundem para criar uma agenda para a visita. A evidência sugere que essa agenda é importante na determinação da natureza da experiência museal do visitante (FALK e DIERKING, 1992, p. 25).

Portanto, ao tratar sobre “expectativa”, concebe-se a relação que se dá nas experiências vivenciadas, assim como se compreende que a apresentação desses espaços museais se funde para serem espaços novamente visitados.

Sobre as **expectativas do espaço visitado na CN**, obtivemos muitos questionários com esta pergunta em branco, cerca de 10 visitantes. De um modo geral, sem explicações sobre deixarem em branco a pergunta. Associa-se isso apenas à dificuldade de manifestar a opinião de forma mais descritiva.

Dentre os que relataram o que esperavam encontrar e fazer ao visitar a CN, no geral, os depoimentos afirmaram que eram boas as expectativas.

“Um bom ambiente, foi ótima a visita” (VCN 25).

“Olhar e saber sobre a história” (VCN 15).

“Eu buscava conhecer um pouco mais do artesanato e da cultura indígena maranhense” (VCN 22).

“Eu esperava poder “brincar” com alguns objetos” (VCN 19).

“Conhecer a cultura maranhense” (VCN 17).

“Curiosidades da história do Maranhão” (VCN 11).

“Esperava encontrar mais objetos antigos” (VCN 13).

“Coisas antigas, e as encontrei” (VCN 23).

Coisas do império, como dormitórios, etc... (VCN16)

“Muito bom” (VCN 21).

“Olhar esse material dos anos passados onde pessoas mais velhas criavam suas próprias coisas” (VCN 20).

“Fiquei positivamente impressionado com a riqueza do local” (VCN 5).

“Conhecer mais sobre a cultura do Maranhão” (VCN 14).

“Ganhar mais conhecimento e saber mais para tirar minhas dúvidas” (VCN 1).

São as mais diversas expectativas, mas se destaca a questão do conhecimento e da cultura como propulsores de expectativas no museu CN e CF, como se pode verificar entre os visitantes da CF que relataram **suas expectativas, o que esperavam encontrar e fazer na CF**, obtiveram-se os seguintes depoimentos, dentre os 16 que foram abordados:

“Foi interessante as orientações e informações sobre a cultura popular, mas acredito que poderia ser mais dinâmico e interativo” (VCF 15).

“As expectativas (boas) foram alcançadas” (VCF 3).

“Esperava encontrar coisas legais” (VCF 10).

“Conhecimento sobre a cultura local” (VCF 2).

“Minhas expectativas boas foram atendidas pelo local visitado, fazendo com que eu queira voltar” (VCF 1).

“Esperava encontrar um acervo da cultura popular maranhense. Possibilitando mais interação com os visitantes” (VCF 11).

“Eu esperava encontrar várias histórias de povos que moravam aqui” (VCF 8).

“Esperava encontrar a história de pessoas que moravam em São Luís” (VCF 5).

“Enriquecimento intelectual compartilhado com os alunos e pessoas” (VCF 7).

Ao abranger essas expectativas em que o “saber mais” foi bastante enunciado na fala dos visitantes, o resultado esperado da visita está interceptado pelo aspecto educativo e cultural, mas como levantado por uma pessoa (visitante CF), as características como dinamicidade e a interatividade deixam por desejar dentro deste espaço museal.

Fazendo um contraponto com essas duas características, dinamicidade e interatividade, é conveniente expor sobre a interatividade em museus, elencando alguns pontos nesse processo. Segundo a pesquisa⁴³ essa interatividade pode acontecer de três formas: a primeira seria a *Hands On*, na qual visitante tem uma interação mecânica com um objeto; a segunda é a *Minds On*, abarcando os elementos de interação que estimulam o funcionamento da mente, elaborando questões, solucionando problemas, criando afinidades e percebendo contradições; e a terceira é a *Heart On*, que busca uma identidade cultural do visitante com o objeto exposto e reforça as questões emocionais de vivenciar a experiência.

Essa exposição, então, como muitas outras que temos nos museus atuais, vende uma pretensa interatividade em que não há de fato uma “troca” com o público. Não há reflexão, não agrega conhecimento nem senso crítico. Muitas vezes nem sequer emociona, informa ou diverte. Só estimula os sentidos do visitante⁴⁴.

A dinamicidade dentro do espaço museal está relacionada a uma programação cultural e artística, pois se compreende que o espaço museal precisa se preparar, organizar para receber esses visitantes, pois os mesmos criam expectativas antes durante a visitação, buscamos levantar como o museu se prepara nesse processo do oferecimento de serviços em relação à existência de uma programação cultural e artística oferecida regularmente pela casa (Quadro 11).

Entende-se a necessidade de uma programação em termos gerais, a mesma cabe dentro de um planejamento, pois “indica a ideia de se fazer algo para que se possa implantar e colher os resultados no futuro. [...] precisamos compreender a necessidade de intervenção em uma dada realidade, seja para ampliar, modificar ou melhorar os resultados previstos” (HUBNER, 2004, p. 177). Dessa forma, a inexistência de uma programação cultural regular dentro dos espaços museais causa uma certa exaustão e distanciamento dos frequentadores dos museus.

⁴³ A Revista Museologia e Patrimônio traz um artigo interessante que aborda a questão da fuga dos museus tradicionais – vistos como sisudos e chatos – para um novo modelo, mais “divertido” e interessante, dito então como interativo. O artigo define 3 formas de interatividade em museus, segundo a pesquisa de Wagensberg. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/273/267> Acesso em: 20 out. 2016.

⁴⁴ Idem anterior.

Quadro 11 - A programação cultural oferecida pelos espaços museais

Programação cultural e artística oferecida regularmente pela casa	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
<p>“[...] estamos tentando adequar um planejamento que a gente pudesse oferecer oficinas típicas, de percussão ou das caixeiros, em fim, algo realmente ligado a cultura popular. Nesse momento de prática realmente a gente não tem muito atrativo” (GCF).</p> <p>“Nesse momento de prática realmente nada, nossas visitas guiadas com as vitrines temáticas que utiliza muito a Galeria Zelinda Lima com exposições que são temporárias, lançamento de livro” (GCF)</p> <p>“Não é uma ação do Centro ou da Superintendência, é uma ação que vem de fora pra dentro e acaba sendo importante porque ela vai compor, de certa forma, essa programação cultural. Faz com que as pessoas retomem... voltem... a visitar o espaço” (GCF).</p>	<p>“A gente ainda não tem essa programação porque como essa nova gestão teve que reformular tudo” (GCN).</p> <p>“[...] planejamento do primeiro semestre que contempla várias ações dentro do Museu de ações culturais, mesmo, para trazer vida - vamos dizer assim - a gente tem tanto as exposições temporárias, que tem muita procura, tem as exposições permanentes que são da Casa e nós temos vontade de fazer todos esses eventos e exposições. Normalmente, as exposições vêm acompanhadas de um lançamento de livro, a maioria. Tem, também, a questão da exposição dos artefatos e artesanatos locais, projetos que o Museu tem” (GCN).</p>

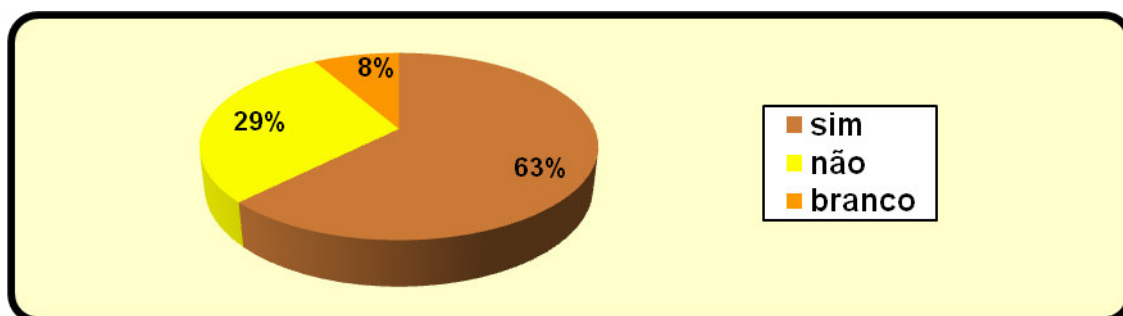
Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Observou-se nos discursos a colocação de necessidade da adequação de uma programação para o espaço, mas o que ficou elucidado é a inexistência de uma programação regular nos espaços com outras formas de atividades, além da visita guiada, as atividades que acontecem, citadas pelos diretores, como exposições temporárias nas galerias dos museus e lançamentos de livros, não acontecem de forma sistematizada.

A não sistematização de atividades regulares, conforme os relatos dos gestores, primou a perguntar aos visitantes se existem **outras formas de atividades, além da apreciação das exposições nesses museus**. Em ambos os espaços museais se obteve uma afirmativa quanto a esse questionamento; na CN, quinze pessoas (63%) confirmaram serem possíveis outras atividades, além da apreciação das exposições que poderiam ser realizadas dentro do espaço museal, e sete pessoas (29%) negaram outras formas de atividades que poderiam ser realizadas dentro do espaço museal (ver gráfico 1). Na CF, ao analisar esse mesmo

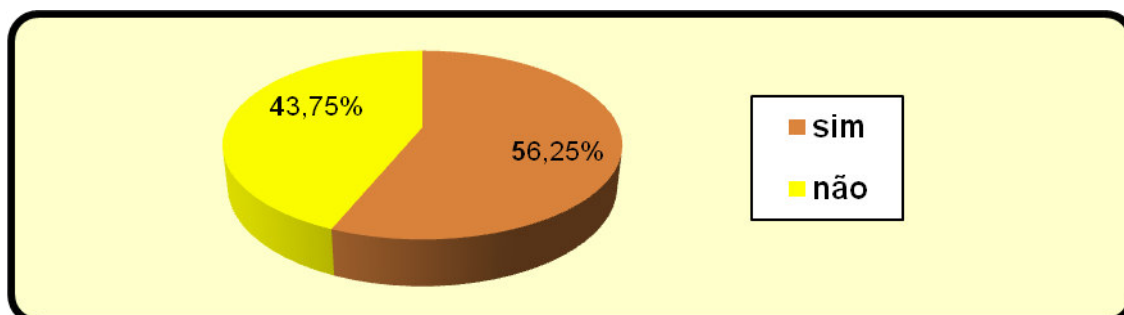
questionamento, sete pessoas, ou seja, 47,75%, não acreditam em outras formas de atividades que poderiam ser realizadas dentro do espaço museal, e nove pessoas (56,25%) confirmaram serem possíveis outras atividades (ver gráfico 2).

Gráfico 1 - Percepção dos visitantes da Casa de Nhozinho quanto à possibilidade de existência de outras atividades dentro do museu, além da apreciação das exposições



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Gráfico 2 - Percepção dos visitantes da Casa da Fésta quanto à possibilidade de existência de outras atividades dentro do museu, além da apreciação das exposições



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

As outras atividades que nos referimos dentro do espaço museal consideradas dentro da concepção da pesquisa, o uso do espaço e seu aproveitamento para poder atender uma pluralidade de ações e visitantes que se apropriam desse local, tendo oportunidade para conhecer a cultura local, ter acesso à arte como deleite, proporcionar vivências interativas como contação de histórias e teatralização do acervo, da musicalização popular, apresentações de danças populares, a exposição e comercialização do artesanato, da literatura e a própria gastronomia local e popular. Essas atividades realizadas dentro do espaço museal invita à visitação desses espaços, podendo assim oportunizar o lazer dentro de outros aspectos.

Dentre as atividades relacionadas pelos visitantes, na CN teve-se a “*compra de alguns objetos*” (VCN 19); “*compra de algo antigo, feito a mão*” (VCN 2), relacionado à venda de produtos nas lojinhas de souvenir⁴⁵, e outra atividade seriam “*eventos e cursos*” (VCN 12). Constatou-se que ambos os museus teriam espaços para a concretização de tais atividades. Na CF, dentre as que afirmaram ter a possibilidade de outras formas de atividades dentro do espaço museal, além da apreciação das exposições e dos que enunciaram sobre as possíveis atividades, vejamos os depoimentos seguidos do gráfico sobre essas concepções.

“Músicas da cultura popular” (VCF 16).

“Apresentações teatrais em relação ao tema apresentado” (VCF 3).

“Apresentação de vídeos contextualizando com a exposição e painéis interativos” (VCF 15).

“Danças” (VCF 3).

“Histórias sobre os povos que moravam em São Luís” (VCF 5).

“Histórias sobre os povos” (VCF 8).

“Manifestações culturais (artísticas)” (VCF 1).

“Vídeos interativos” (VCF 11).

As possíveis atividades colocadas pelos visitantes expressam a necessidade da sua dinamização, torná-lo dinâmico, ativo e vivo. Essa segue como uma das interfaces dos aspectos e características do lazer, podendo ser utilizada para esse fim dentro dos espaços museais. Esclarece-se que a pesquisadora não está querendo desfocar o objeto de análise, mas colocar um contraponto possível de ser realizado nos museus pesquisados, como alternativa para essa dinamização.

A afirmação acima coloca o lúdico dentro do enfoque da dinamização das visitas com as atividades de lazer. Esta característica do lazer é uma forma de desenvolver a criatividade, ensinando e apreendendo conhecimentos, através da música, da dança, da pintura, dos jogos, da interação com os outros, pois “as práticas corporais não são lúdicas em si. É a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar da ludicidade” (GOMES, 2004, p. 146). Se essa forma de interação despertar o prazer e a satisfação pessoal, considera-se como uma atividade lúdica, se a ida ao museu é uma atividade que pode despertar o

⁴⁵ Souvenir ou souvenir (termo francês que significa "memória"), é um objeto que resgata memórias que estão relacionadas ao destino turístico.

prazer, o lúdico, seria a forma para se chegar a uma dinamização do espaço museal.

Sobre as atividades oferecidas nos espaços museais como oportunidades de lazer, seguidos das mensurações sobre as mesmas na perspectiva dos gestores, os mesmos citaram que:

“[...] têm as exposições, lançamento de livros, as exposições temáticas, aquelas temporárias que fazemos, por exemplo, a do carnaval, a Festa do Divino, a questão natalina, têm muitos esses ensaios fotográficos, que a gente recebe como algo que favoreça essa valorização do museu enquanto espaço que também pode ser [...] a gente pensava que estaria num espaço que não vai servir para nada, de repente podemos aproveitar de várias formas e torná-lo vivo enquanto espaço de memória, espaço de visitação, espaço de lazer, e a gente est a buscando exatamente, isso. Tentar ver se conseguimos algumas oficinas que atraia o público que estiver visitando, de repente, a gente est a realizando uma oficina de caixa ou, enfim, um tambor de crioula, uma percussão. Isso   o que nós estamos planejando” (GCF).

“[...] tem a questão das visitas guiadas   o que a gente tem enquanto lazer porque a gente ainda não começou a desenvolver essas questões,   a gente tem essas exposi es também tem a loja [...]” (GCN).

Quanto   existência de mensura o desses dados sobre essas atividades realizadas no museu, na CF se relatou que a grande questão está em se organizar com planejamento, e acabam realmente por “*esquecer de fazer esse registro das coisas que acontecem no museu*” (GCF). J  a fala sobre o museu CN se entrelinha com um planejamento do calendário em cima das datas comemorativas, mas tentando fazer encaixes de atividades que irão acontecer. Como coloca a dire o:

“A gente vê o que tem no calendário para que a gente possa encaixar, principalmente, com datas comemorativas o dia do artesão, do artesanato [...]. Claro que a gente pode ter mais ou menos uma média do número de eventos que a gente vai ter pelo semestre que a gente vai fazer [...]” (GCN).

Dessa forma, fica clara a inexistência de uma mensura o sobre as atividades que acontecem nestes espaços museais.

Seguindo na perspectiva de fazer elos entre esse processo de dinamiza o e os espaços pesquisados, julgou-se compreender um pouco do planejamento do espaço, questionaram-se os gestores sobre como   construída a exposi o do acervo para visita o. No quadro 12 se expõem as respectivas respostas.

Quadro 12 - O acervo para exposição

Como é construída a exposição do acervo para visitação?	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“Essa exposição, ela parte mesmo de pesquisa, se montando as vitrines com temáticas relacionadas ao Bumba-Boi, ao Divino, às religiões Afro. Inclusive, hoje tem pessoas na Casa que participaram desse momento, dessa montagem, que é o Cláudio Vasconcelos” (GCF).	“Ela é construída, assim a gente vê a missão da Casa, que é a missão que norteia toda essa construção, essa questão da gente mostrar o saber e o fazer popular. Então, é uma questão que em tese não estaria muito nos museus, artesanatos, as embarcações, as indumentárias indígenas que são totalmente artesanais” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Ressalta-se que em ambos os museus, de acordo com as falas dos respectivos gestores, faltaria uma atenção maior às necessidades da comunidade do entorno; a comunidade e a gestão mais aproximada, juntos nesse processo estrutural do acervo.

Roger Miles (1989), após avaliação de numerosas experiências de exposições bem-sucedidas, e também fracassadas, por falta de público, no Museu de História Natural de Londres, recomendou que “[...] devemos colocar os objetivos afetivos antes dos objetivos cognitivos e insistir mais sobre a motivação e menos sobre o conteúdo [...]” (IDEM, p. 153). Para o êxito desses espaços museais seria necessário que o processo de construção das exposições e visitas transmitissem “[...] mensagens fortes e curtas, em uma linguagem intimamente adaptada às necessidades e expectativas do público” (MILES, 1989, p. 153). Assim, na construção da exposição se procuram conhecer, cada vez mais, o perfil, os conhecimentos prévios, os desejos e as necessidades do visitante/receptor.

d) Hospitalidade nos museus CN e CF

Partindo em busca da efetivação da visibilidade ao ato de visitar os museus de cultura popular CF e CN, buscou-se compreender como são estruturados efetivamente os espaços museais pesquisados; assim, a hospitalidade avaliada trará aspectos físico-estruturais de funcionamento, mas também itens que versam sobre a recepção.

Sobre a estrutura de profissionais e pessoal que dão suporte ao museu, quem são e quantas são as pessoas que trabalham naquele espaço. Nos dois museus há

um total de 24 estagiários, 12 atuando no turno matutino e 12 no turno vespertino, esse total dividido para os dois espaços museais. Na CF, além do gestor/diretor e dos estagiários, têm mais cinco técnicos atuando no museu. Na CN, além dos estagiários e da gestão, tem um Museólogo e um técnico administrativo. Têm as empresas terceirizadas que fazem a segurança e os serviços gerais que fazem a limpeza em geral.

O nível de escolaridade dos estagiários/monitores é o Superior incompleto, abrangendo vários cursos, dentre eles: Educação Artística, Letras, História e Turismo. As gestões dos espaços também possuem formação considerada satisfatória, destaque aos enunciados da gestão abaixo

“Sou formada em Letras, não tenho nenhuma outra formação, tipo pós ou alguma coisa na área. Na verdade, eu venho de movimentos sociais. Estive no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, depois no Movimento sem Terra, Quilombolas e, por último, antes de vir para cá eu dava aula para os cursos profissionalizante do Senac” (GCF).

“Sou licenciada em história pela UEMA, formada em direito, também, pela Universidade Federal. Vim da cultura e voltei para a cultura, a história sempre me puxa mais forte do que o direito” (GCN).

Nenhuma das pessoas que exercem cargo de direção nas casas pesquisadas possui formação como museólogo⁴⁶. Convém destacar que a equipe que atua nos espaços se coloca, teoricamente, preparada pelas suas formações. Os monitores recebem treinamento (Quadro 13), pois atuam diretamente com os visitantes, e os gestores têm formação e conhecimento acadêmico para atuar nos museus. Ainda assim, segundo Bastos (2006, p. 60 *apud* COSTA *et al.*, 2013):

Os profissionais que trabalham com equipamentos históricos devem ter visão apurada e serem capacitados para identificar o patrimônio cultural em convergência com a comunidade local. Sem excluir destes espaços a história e personagens importantes de todas as classes sociais que pertencem àquela localidade.

Dessa forma, o processo de visitação se torna mais educativo quando contempla todos os povos participantes daquela construção social local. No entanto, não se deixou de constatar a necessidade de um museólogo nas duas instituições museais, profissional que estuda os processos museológicos e tem sua formação específica para atuar nos espaços museais, com a difusão de acervos naturais e culturais, a salvaguarda, a documentação, o planejamento e a realização de

⁴⁶ O museólogo é um profissional de nível superior com formação para atuar também em espaços museais, mas que a sua presença não é obrigatória nos museus.

exposições, o desenvolvimento de programas educativos e culturais, com destaque principalmente para esses últimos, itens que deixaram a desejar para o bom funcionamento desses espaços.

Quadro 13 - Existência de Treinamento para monitores

TREINAMENTO DOS MONITORES	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
<p>“[...] temos momentos de treinamento e esse treinamento ele se dava a partir de vídeos que a gente colocava e depois realizava um estudo, algum comentário a respeito desses vídeos que são vídeos inerentes à cultura popular. Se escolhia temáticas e depois tinha a exibição do vídeo, os próprios estagiários teciam comentários, questionamentos, é acompanhado pelo professor Adalberto que é antropólogo, sociólogo, e também pela Lília, que é a nossa pesquisadora e difusão cultural, e o Jandir, que a gente sabe que é uma pessoa nata da cultura e é autodidata, enfim” (GCF).</p>	<p>“A gente está em constante treinamento aqui... a gente tem essa questão de estar escolhendo textos, debatendo. É uma vez no mês, a última quinta-feira do mês, a gente separa e faz isso com os estagiários... Tem esse núcleo de pesquisa que a gente dá um treinamento assim que a pessoa chega e é um treinamento que com esse novo Regimento a gente quer estender não só para a Casa de Nhozinho, mas para a Casa da Fésta, porque a Casa de Nhozinho e a Casa da Fésta são complementares” (GCN).</p>

Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Assim, constatou-se um material humano necessário, com formação e treinamento para o funcionamento dos espaços museais.

Partiu-se para delinear sobre os serviços que são oferecidos aos visitantes, em termos de recepção, ambiência e estruturais: banheiros lanchonetes (ver quadro 14), “mesmo quando simples, as estruturas devem ser funcionais para atender, com eficiência, crianças e jovens, adultos e idosos. Por isso, os pavilhões, galpões devem ser equipados [...]” (ANDRADE, 2001, p 76). De acordo com os relatos dos gestores e dos processos de visitação da pesquisadora, verificou-se que na CF se tem uma pequena recepção com o livro para registros de assinaturas, uma loja com produtos da cultura popular maranhense e banheiros para uso dos visitantes, auditório e pátio externo. Na CN também há uma pequena recepção na porta de entrada, banheiros, uma exposição de vendas de produtos artesanais, pátio externo com acesso aos visitantes, e ainda existe uma sala de reuniões e copa.

Quadro 14 - Estrutura Física dos espaços Museais

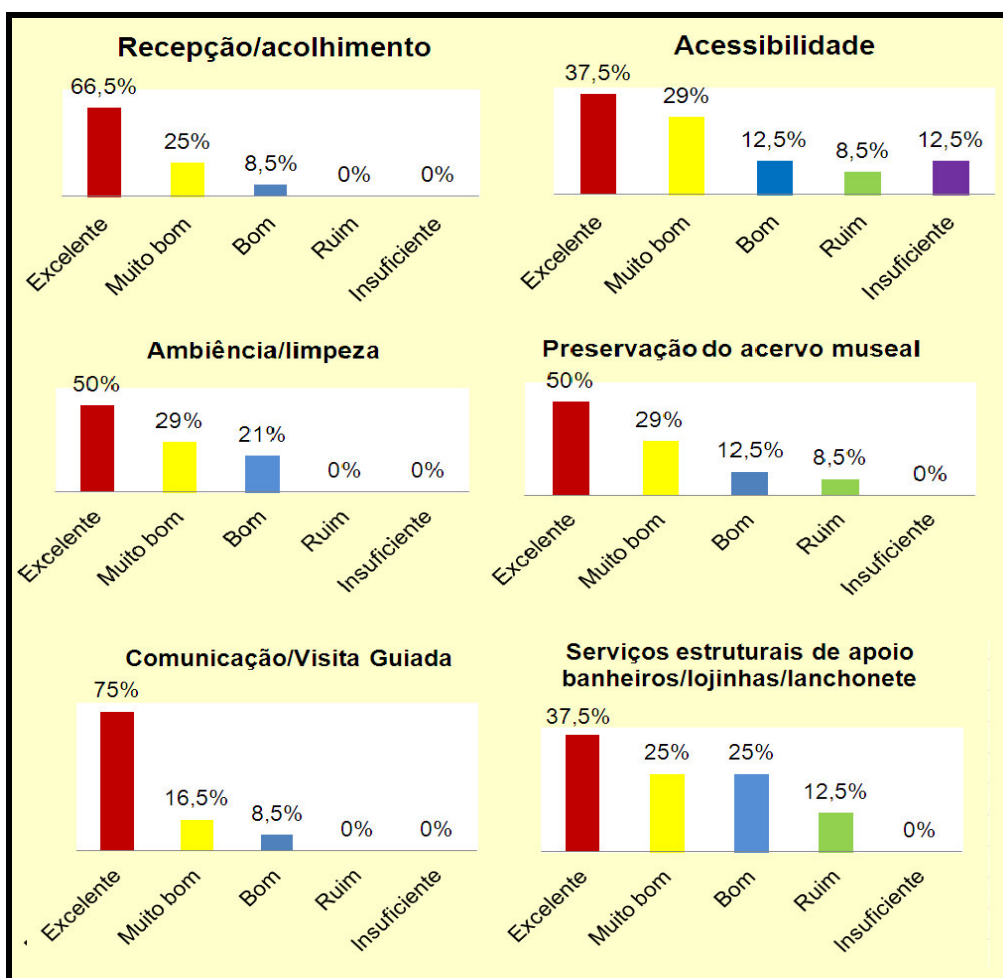
Serviços oferecidos aos visitantes em termos de recepção, ambiência, banheiros lanchonetes	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“Recepção feita pelos estagiários, como também uma loja de produtos da cultura popular, tem banheiros que funcionam na parte do térreo, um pátio que serve também para explanação e ensaio fotográfico e o auditório que é um espaço, também utilizado para eventos e reuniões” (GCF).	Na Casa de Nhozinho foi relatada a existência de muitos eventos, muitas exposições têm a parte de copa, não tem restaurante, tem um espaço do pátio na parte de trás, “aqui no Museu a gente não tem muita estrutura, mas, têm os banheiros, temos a sala de reunião porque aqui a gente recebe muita reunião dos órgãos da cultura, dos museus e outros órgãos” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Em vista disso, solicitamos ao visitante **avaliar os aspectos sobre hospitalidade nos pontos observados por ele na visitação ao museu**; denomina-se hospitalidade como Camargo (2008, p. 19) coloca toda forma de encontro entre alguém que recebe e alguém que é acolhido, mesmo que esse contato não se encaixe na concepção de hospitaleiro. Evidenciam-se seis itens que cabem nesse processo de encontro entre eles: a recepção e acolhimento, a acessibilidade, a limpeza e ambiência, a preservação do acervo museal, a comunicação e visita guiada e os serviços estruturais de apoio ao visitante, como banheiros, lojinhas e lanchonete. Todos esses pontos foram conceituados na escala de 1 a 5, sendo (1) para insuficiente, (2) ruim, (3) bom, (4) muito bom e (5) excelente. A partir dessa classificação feita pelos visitantes, os dados foram analisados pelo número de frequência dos conceitos estabelecidos.

Os gráficos demonstram posteriormente essa classificação dos itens observados e subdivididos para uma melhor visualização na CN (gráfico 3), seguido da CF (gráfico 4). Os itens que mais se destacaram com classificação máxima positiva na CN foram a **recepção e o acolhimento** com 67%, e a **comunicação e a visita guiada**, com 75%, ambos conceituados como excelente; e o restante das pessoas os classificaram como boa ou muito boa, não tendo nenhum conceito ruim ou insuficiente. Para o item relacionado à **ambiência e à limpeza**, metade dos visitantes considerou como excelente, e os outros 50% consideraram como boa ou muito boa, não havendo nenhuma conceituação negativa.

Gráfico 3 - Hospitalidade na Casa de Nhozinho



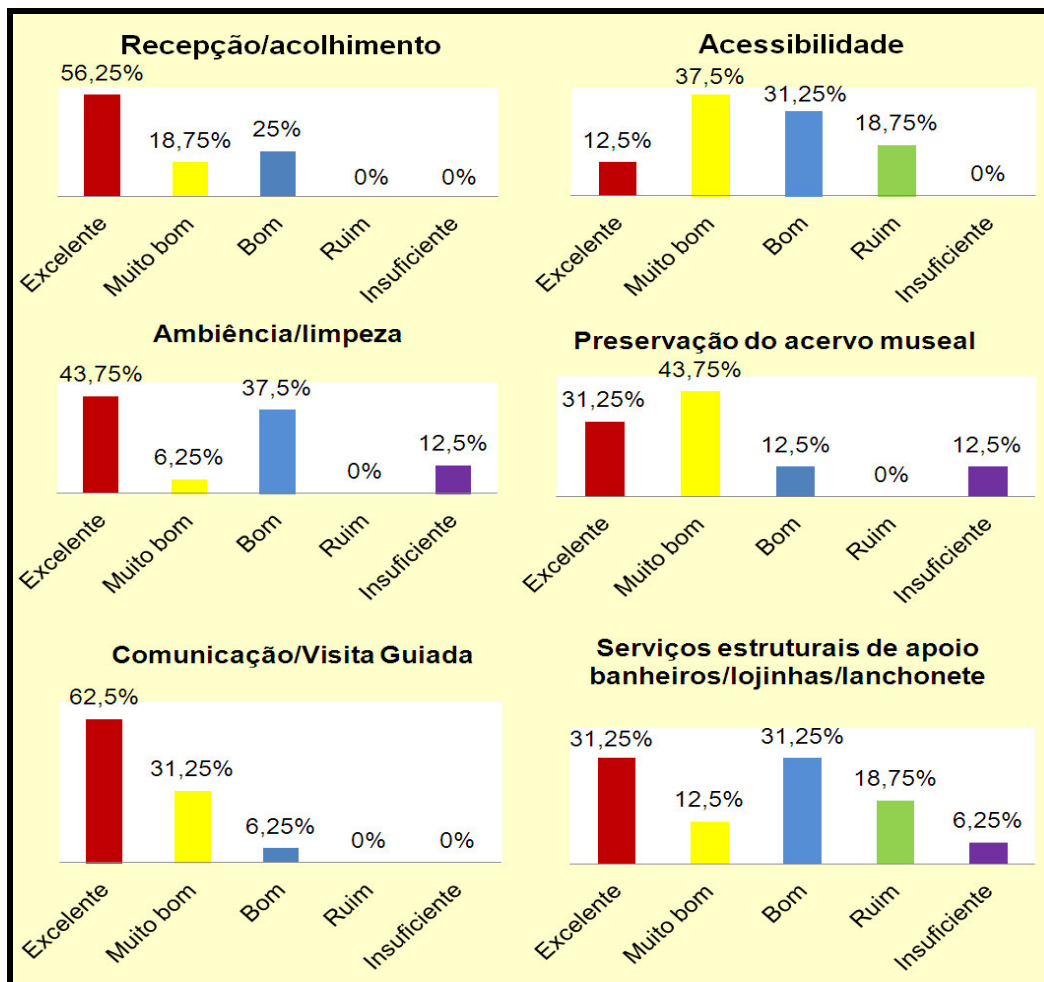
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os pontos que tiveram uma maior negatividade com relação aos conceitos (se comparado aos outros itens) pelos visitantes são os de **preservação do acervo museal**, com 8,5%, classificando-o como ruim; os **serviços estruturais de apoio ao visitante**, como banheiros, lojinhas, lanchonetes, esses tendo 12,5%, também classificado como ruim. Já quando se vai para a **acessibilidade** do local, apesar de se ter esse aspecto com uma classificação considerada, no geral, como excelente, obtiveram-se conceitos consideráveis no somatório, de ruim a insuficiente, cerca de 21% dos visitantes. Nenhum visitante quis comentar sobre outros aspectos que observaram na visita da CN (gráfico 3).

Na CF (gráfico 4), com classificação máxima positiva foram a **recepção e o acolhimento**, com 56,25%; e a **comunicação e a visita guiada**, com 62,5%, ambos os itens foram conceituados como excelentes; o restante das pessoas os

classificaram como bom ou muito bom, não tendo nenhum conceito ruim ou insuficiente.

Gráfico 4 - Hospitalidade na Casa de Fésta



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os itens que obtiveram uma maior negatividade com relação aos conceitos (se comparado aos outros itens) pelos visitantes são os **serviços estruturais de apoio ao visitante**, como banheiros, lojinhas, lanchonetes; esses, somando os percentuais ruim e insuficiente, têm-se 25%, a **preservação do acervo museal**, com 12,5%, classificando-a como insuficiente; a **acessibilidade** do local, apesar de se ter esse aspecto com uma classificação considerada, no geral, como muito boa, com 37,5%, obtiveram-se conceitos consideráveis de ruim, com 18,75% dos visitantes. Por fim, o item relacionado à **ambiência e à limpeza**, apesar de 50% dos

visitantes o classificarem como muito bom e excelente, um percentual de 12,5% dos visitantes considerou como insuficiente (gráfico 4).

Nenhum dos visitantes de ambas as casa quis comentar sobre outros aspectos que observaram na visita. Destaca-se que nesse espaço museal, quando se trata de receber e acolher o visitante, esse local está bem amparado, possuindo monitor-guia durante todo o percurso da visita, explicando e acompanhando a visita. Mas para se entender melhor como se caracteriza o acolhimento físico e profissional aos visitantes, estruturou-se esse questionamento aos gestores, solicitando que descrevessem como se dá esse processo nos museus (Quadro 15). Abaixo se expõem as declarações.

Quadro 15 - A hospitalidade referente ao acolhimento físico e profissional aos visitantes do espaço museal de acordo com a gestão

Acolhimento físico e profissional aos visitantes	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“[...] a gente faz um treinamento com os meninos, como eles devem recebê-los, como é que eles devem se comportar como guias, monitores... recebem na porta antes, mesmo que eles adentrem o prédio. Dão bom dia, boas vindas e há uma pergunta ⁴⁷ que eles fazem sempre, inclusive a gente promove esse treinamento, também, a questão da guiada se eles querem uma guiada completa... deixa os visitantes bem à vontade pra escolher a forma como eles querem ser guiados ou acolhidos” (GCF).	“[...] a mão de obra maciça dos estagiários, então são eles que fazem as guiadas, esse <i>tour</i> pela Casa, eles que vão explicando todo o nosso acervo, eles que vão comentando a história. O coordenador dos estagiários que é responsável por receber as pessoas, por acolher as pessoas, ele que vai fazer todo esse trabalho de apresentar o Museu, falar qual é a proposta do Museu, ele passa para um outro estagiário e assim esse estagiário faça a guiada para que a gente nunca fique desguarnecido na portaria para que a pessoa nunca entre e fique sem entender” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Considerado, assim, em conformidade, a postura dos visitantes, e constatando na fala dos gestores que o treinamento e a formação são de grande valia. Dessa forma, concorda-se com Costa et al. (2013, p. 7), pois afirmam que a “formação do profissional de monitorias em espaços culturais tem forte influência na qualidade da experiência dos visitantes. A hospitalidade aplicada na capacitação dos monitores é primordial para o pleno desenvolvimento de seu trabalho”.

⁴⁷ A pergunta seria direcionada aos visitantes sobre o interesse e disponibilidade em fazer ou não a visita completa do espaço museal.

Já o oitavo questionamento foi sobre satisfação e retorno posterior da visita no museu: **A forma como o museu se apresentou foi satisfatória e o incentiva a voltar a visitá-lo?**

Na CN, vinte e duas (22) pessoas responderam que sim, dentre elas, somente cinco (05) justificaram sua afirmação; dois (02) visitantes não consideraram a forma como o museu CN se apresentou satisfatória, “*achando ruim tudo isso*” (VCN 15), não voltando a visitar posteriormente (ver tabela 5). Com relação a percepção do visitantes sobre a forma como o museu CF se apresentou foi satisfatória e o incentivava a voltar a visita-lo, quatorze (14) pessoas responderam que sim, dentre elas somente quatro se manifestaram para justificar sua afirmação, considerando o local como apresentável e com muito teor cultural, destaque com boa recepção, grande diversidade cultural e o conhecimento de novas coisas, relacionado ao acervo e cultura (tabela 6).

Tabela 5 - Satisfação na visita e incentivo a voltar na Casa de Nhozinho

SATISFACÃO DE VISITAR E INCENTIVO A VOLTAR A CASA DE NHOZINHO	Sim 22	Não 02
JUSTIFICATIVAS	<p>“Porque foi onde adquiri meus primeiros conhecimentos” (VCN 20).</p> <p>“Porque as coisas aqui presente mostram nossa história” (VCN 18).</p> <p>“Porque sim, é interessante. (VCN 19).</p> <p>“Muito boa a comunicação” (VCN 1).</p> <p>“O museu nos incentiva a aprofundar nossos conhecimentos sobre a nossa cultura despertando curiosidade” (VCN 22).</p>	<p>“Porque acho ruim tudo isso” (VCN 15).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Tabela 6 - Satisfação na visita e incentivo a voltar à Casa da Fésta

SATISFAÇÃO DE VISITAR E INCENTIVO A VOLTAR À CASA DA FÉSTA	Sim 14	Não 02
JUSTIFICATIVAS	<p>“Porque é apresentável e com muito teor cultural” (VCF 3).</p> <p>“Boa recepção” (VCF 11).</p> <p>“Apesar de a visita ser pouco dinâmica, mas apresenta grande diversidade cultural” (VCF 15).</p> <p>“Foi muito bom conhecer novas coisas” (VCF 10).</p>	

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Somando quatro (04) o número de visitantes nos dois museus que não consideraram a forma como o museu CF se apresentou satisfatória, não voltando a visitar o espaço novamente, mas não justificaram plausivelmente esse desinteresse, o porquê não ser satisfatório.

No geral, os visitantes ficaram satisfeitos com a visita, tanto que afirmaram, quase que na totalidade, essa satisfação, e o possível retorno aos museus. No entanto, seguidamente se solicitaram sugestões para melhorar a visitação e o espaço museal (tabelas 7 e 8).

Tabela 7 - Sugestões dos visitantes para Casa de Nhozinho

SUGESTÕES DOS VISITANTES PARA MELHORIA DA VISITAÇÃO A CASA DE NHOZINHO
“Colocar ar condicionado ou ventiladores” (VCN 19).
“Um pouco de organização na administração do museu” (VCN 20).
“Está ótimo o museu” (VCN 14).
“Mais detalhes na hora de explicar as exposições” (VCN 22).
“Está muito bom o museu” (VCN 13).
“Identificação do local” (VCN 11).
“Reforma da fachada externa, caixinha de doativos” (VCN 8).

“Falta uma placa na porta para facilitar a localização” (VCN 12).

“Talvez melhorar a acessibilidade de pessoas com pouca mobilidade” (VCN 5).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Tabela 8 - Sugestões dos visitantes para Casa da Fésta

SUGESTÕES DOS VISITANTES PARA MELHORIA DA VISITAÇÃO NA CASA DA FÉSTA

“Somente a acessibilidade poderia ser melhorada” (VCF 3).

“Fazer uma nova reforma” (VCF 6).

“Que possam ser utilizados recursos como vídeo, som, sensoriais” (VCF 15).

“Melhoria do ambiente” (VCF 10).

“Foi ótimo, por som ambiente seria uma boa opção” (VCF 16).

“Melhorar a acessibilidade” (VCF 7).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Dentre as sugestões para a CN, chamou atenção a falta de identificação do local com uma placa; é preocupante esse ponto, a ausência de uma placa com referência ao nome do museu leva à falta de sua localização, causando uma certa dificuldade em visitá-lo. Na CF, apesar de ter o nome do CCPDVF, não tem nenhuma referência com o nome “Casa da Fésta”. Dentre as sugestões na CF se teve a melhoria da acessibilidade, reformas estruturais, a utilização de música popular no ambiente, a utilização de tecnologias da informação e comunicação (TICs), e a melhoria da dinamicidade e da interatividade durante as visitas; esse último item foi expressado na questão anterior sobre a perspectiva na visita, e foi destacado novamente por se achar conveniente.

Todos os aspectos que envolvem a hospitalidade de um local devem ser relacionados e avaliados constantemente, para serem efetivados positivamente os ajustes de possíveis falhas que levariam ao abandono desses espaços e, dessa forma, ter êxito quanto ao aceso e aos estímulos dos visitantes. As exposições devem ser frequentemente renovadas, tornando o local atrativo para manter a assiduidade dos visitantes ao espaço, não necessariamente buscando fidelizar o

turista, mas também trazer o munícipe ao espaço e fazer com que esse retorne ao local e o divulgue a outras pessoas.

Enfim, com relação à hospitalidade nos museus, apesar de ser colocada no geral de forma positiva, identificaram-se ainda algumas lacunas que precisam ser exploradas e atendidas, sendo necessário, por exemplo, para uma posterior avaliação, o registro qualitativo feito pelos visitantes sobre a CN e a CF, pois com o *feed back* dos visitantes se direcionariam melhor os aspectos falhos desse processo de visita. A hospitalidade em espaços culturais precisaria ser mais explorada, segundo Costa *et al.* (2013), pois as técnicas adotadas para ambientes comerciais nem sempre são aplicáveis no contexto de cultura. O bem atender nestes equipamentos, além de objetivar o despertar de uma experiência satisfatória dos visitantes turistas e moradores locais, precisa ter a missão de envolver a comunidade local na identificação com o patrimônio.

É sabido que ambos os museus têm perspectivas de melhorias para as situações apontadas pelos visitantes, pois ambos foram contemplados no PAC CIDADES HISTÓRICAS⁴⁸, devendo ocorrer várias intervenções, “como o restauro da fachada de azulejo, acessibilidade, um elevador, modernização dos banheiros, da copa, da cozinha; pretende-se fazer uma lanchonete aqui e uma melhoria também no pátio lá atrás, que ocorria, no passado, muitos eventos, e se pretende que isso volte a acontecer”⁴⁹.

e) O que os museus CN e CF oportunizam aos seus visitantes

Em relação ao que a visita teria proporcionado ao visitante, foi dividido em três pontos de análise. O primeiro ponto se referindo ao entretenimento e a diversão; o segundo ponto à reflexão e ao descanso; e o terceiro ponto foi deixado em aberto, para um possível posicionamento divergente dos relatados. Convém destacar uma fala de Canclini (1999) sobre o uso dos museus e do patrimônio cultural, ao

⁴⁸ Em 2013, de forma até então inédita na história das políticas de preservação, o Ministério do Planejamento autorizou a criação de uma linha destinada exclusivamente aos sítios históricos urbanos protegidos pelo IPHAN, dando origem ao PAC Cidades Históricas. Coube ao Instituto a concepção do Programa atualmente em fase de implementação, em cooperação com diversos coexecutores, em especial os municípios, universidades e outras instituições federais, contando ainda com apoio técnico da Caixa e de estados da federação. O PAC Cidades Históricas está sendo implantado em 44 cidades de 20 estados da federação. O investimento em obras de restauração é de R\$ 1,6 bilhão, destinado a 425 obras de restauração de edifícios e espaços públicos.

⁴⁹ Fala de Jandir Silva Gonçalves, pessoa bem representativa e atuante na coordenação dos espaços de cultura popular maranhense, em entrevista informal à pesquisadora em 2016, na qual dispõe sobre as possíveis intervenções que vão acontecer nos museus.

afirmarem que “a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos” (IDEM, p. 99). Para ele, as funções dos espaços museais precisam ser reconsideradas acerca da noção de patrimônio, indo além de bens materiais abrangendo a cultura imaterial, esclarece ainda que a noção de patrimônio cultural precisa incluir outros aspectos, como as experiências diárias vividas.

Os caracteres específicos e constituintes do lazer (DUMAZEDIER, 2000), perpassando pelo trâmite do **liberatório** (resulta de uma livre escolha), **desinteressado** (sem fins lucrativo, profissional, Ideológico), **hedonístico** (busca pelo prazer) e **findando no caráter pessoal** onde as funções do lazer respondem às necessidades dos indivíduos, dentre elas a função de descanso, a de divertimento, recreação e entretenimento, e também de desenvolvimento correspondem às mesmas classificações relacionadas nos questionários para o contexto das respostas dos visitantes.

Nessa perspectiva, obtiveram-se depoimentos de treze (13) visitantes considerando que a visita proporcionou diversão, entretenimento; cinco (05) pessoas relatando sobre descanso e reflexão, e o restante, seis (06) participantes, responderam outros itens, não aqueles preestabelecidos, dentre eles, com unanimidade, relataram a questão do conhecimento como fator apresentado durante a visita ao museu (ver tabela 9).

Tabela 9 - O que a visita à Casa de Nhozinho proporcionou ao visitante

O QUE ESTA VISITA PROPORCIONOU A VOCÊ?	Entretenimento/ diversão	Descanso/ Reflexão	Outros
	13	05	06

Fonte: Dados da pesquisa, (2016).

Esses pontos foram também especificados e interpretados nos dados levantados na CF, dentre as respostas obtidas, onze (11) visitantes consideraram que a visita proporcionou diversão, entretenimento, e o restante dos participantes, cinco (05) pessoas, relataram sobre descanso e reflexão (ver tabela 10)

Tabela 10 - O que a visita à Casa da Fésta proporcionou ao visitante

O QUE ESTA VISITA PROPORCIONOU A VOCÊ?	Entretenimento/ diversão	Descanso/ Reflexão	Outros
	11	05	-

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Estas funções, por sua vez, são unidas umas às outras, ou mesmo quando parecem se opor entre si, podem coexistir ou se manifestar individualmente ou simultaneamente na mesma situação de lazer. Neste caso analisado à visita, compreensão está definida por Dumazedier (2000) onde se entende que as funções do lazer apresentadas se encontram com as funções proporcionadas pela visita. O lazer assume esse papel mediador que “é exercido em primeiro lugar com relação às próprias atividades de lazer, fazendo com que essas atividades assumam dimensões de uma cultura física ou manual, artística ou intelectual, individual ou social e assim por diante, e alcançando ainda outras atividades [...] (DUMAZEDIER, 2002, p. 265).

Enfim, entende-se que a oferta dos conhecimentos e da cultura popular através do entretenimento e da reflexão, relacionados às funções do lazer apresentadas pelo espaço, encontram-se com as funções proporcionadas pela visita, já definida pelos visitantes como atividade de lazer no seu tempo livre, e os museus colocados pelos gestores como um espaço de lazer com vivências valorosas e educativas sobre a cultura popular. No quadro 16 os gestores fazem um posicionamento relacionando os saberes que o museu promove.

Quadro 16 - Os saberes promovidos pelos museus de cultura popular

SABERES DO MUSEU	
Casa da Fésta	Casa de Nhozinho
“[...] preservação da cultura popular, o saber que a gente promove, a divulgação e a valorização desses saberes. Reconhecer, também, o que é a cultura popular, o que ela representa para gente, qual é a raiz dela, então, eu acho que essa preservação e esse respeito de memória” (GCF).	“[...] questão do fazer popular. É aquela mútua aproximação e para que a pessoa se reconheça enquanto agente cultural, para que ela veja que o que ela faz no dia a dia não precisa pintar, fazer uma escultura, pintar um quadro com tinta óleo e etc, não. Não é só isso que é arte, sabe?” (GCN).

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Analisando os aspectos gerais da CN e da CF, da sua constituição, funcionamento, organização na perspectiva dos gestores e o envolvimento geral do visitante com os espaços museais, desde sua frequência, suas considerações sobre a concepção da visita, ressaltando expectativas e aspectos motivacionais, bem como uma avaliação sobre a hospitalidade, a satisfação, o retorno, e sugestões acerca de outras atividades que poderiam ser realizadas dentro dos espaços e itens que poderiam melhorar a visita e o museu em geral, por fim, compreender o que realmente foi proporcionado ao visitante, constatando o que todos esses aspectos foram necessários para se chegar ao objetivo geral desta pesquisa, ou seja, analisar a apropriação desses museus de cultura popular CN e CF.

No geral, pela análise esses espaços são apropriados principalmente por residentes de São Luís do Maranhão, em geral visitantes que possuem melhores recursos financeiros e formações mais elevadas de ensino, mas que raramente visitam museus de uma forma geral.

A maioria dos entrevistados estava visitando pela primeira vez os espaços CN e CF, e consideraram a visita ao museu como uma atividade de lazer exercida no seu tempo livre. Considerando esse tempo livre exercido com a visita ao museu como uma prática de lazer, reconhece-se, na perspectiva de Dumazedier (2000), que “o tempo de lazer apresenta-se como o sustentáculo de uma atitude que não será considerada marginal, mas mediadora entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo as situações da vida cotidiana” (IDEM, p. 265).

Ainda nessa perspectiva, o tempo de lazer enquanto um tempo de fruição dos museus, “torna-se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diversos dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado” (DUMAZEDIER, 2000, p. 265). Esses visitantes se apoderaram desses espaços, motivados principalmente pelo interesse em conhecer a cultura popular do Maranhão, importante aspecto, pois segundo Bourdieu e Darbel (2007), “a cultura não é um privilégio natural, mas que seria necessário e bastaria que todos possuíssem os meios para dela tomarem posse para que pertencesse a todos” (IDEM, p. 9). Dessa forma, a relação que se coloca entre os museus pesquisados e os aspectos referentes ao lazer dentro desses espaços de cultura popular consistiria esses “meios” esboçados por Bourdieu e Darbel (2007) para dar acessibilidade à cultura. Também nessa

perspectiva a aquisição de conhecimento, colocado pelos visitantes como fator motivacional, está relacionado à educação, que em diálogo com Marcellino (1990) deixa o indicativo da educação pelo lazer, pois “para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação [...] (IDEM, p. 59).

O lazer poderá vir a ser uma ruptura, num duplo sentido: a cessação de atividades impostas pelas obrigações profissionais, familiares e sociais e, ao mesmo tempo, o reexame das rotinas, estereótipos e ideias já prontas que concorrem para a repetição e especialização das obrigações cotidianas (DUMAZEDIER, 2000, p. 265).

Colocando-se, dessa forma, o lazer como um aporte possível para os visitantes adquirirem esse conhecimento o qual lhes motiva a usufruir no seu tempo livre desses espaços museais, enfatiza-se aqui que o turismo e o passeio foram colocados como motivadores em menor escala do que aquisição de conhecimento. Segundo Bourdieu e Darbel (2007), dentro do turismo existe um lugar reservado para ser preenchido por atividades culturais, nele se encontra a oportunidade de “atualizar uma atitude culta, o turismo cultural, ou seja, o turismo que reserva um tempo para as visitas a museus depende do nível de instrução ainda mais fortemente do que o turismo comum” (IDEM, p. 50). Seguindo essas constatações, o autor coloca ainda que é preciso compreender que as pessoas, a pretexto do turismo, aumentam as visitas aos museus, o turismo pode facilitar “a prática cultural ampliando o campo das ocasiões de visita, embora, por si só, não seja suficiente para determinar uma intensificação da prática” (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 51).

Além do que esperavam encontrar, de acordo com a análise as pessoas abordadas puderam se manifestar com relação a outras atividades que poderiam ser desenvolvidas nos espaços, o que é muito positivo, para que os espaços saibam o que traz o visitante ao museu, bem como a superação das possíveis falhas que afastam esses visitantes; a maioria das atividades indicadas pelos visitantes, além da visita poderia ser realizada plenamente pelo espaço.

Destaca-se que em termos de receptividade os museus, na percepção dos visitantes, não deixaram nada a desejar, mas precisam dar um maior apoio ao visitante, principalmente no que se refere à estrutura, melhorando sua excelência em limpeza, a própria questão de situar esse visitante dentro do espaço museal.

Os visitantes, além disso, enumeram diversas outras atividades que poderiam ser realizadas dentro dos espaços museais e sugerem melhorias para os mesmos,

no que se refere, sobretudo, à estrutura predial, visualmente constatada; a melhoria da interatividade e a dinamicidade do espaço como um todo.

Reconhece-se a satisfação desses visitantes com o espaço, onde com quase unanimidade os entrevistados se posicionaram favoráveis a uma nova visita, estando satisfeitos com o lugar, sem contudo deixarem suas sugestões de melhorias, assim como as outras formas de atividades sugeridas, as sugestões dadas não incidem em custos tão altos.

No geral, a visita aos museus CN e CF demonstra que são espaços que dentro da concepção avaliada pelo visitante, conseguiram proporcionar entretenimento e diversão a maioria dos visitantes. O reconhecimento da diversão através dos aspectos da ludicidade pode proporcionar a esses espaços se tornarem cada vez mais atrativos, espaços de extrema importância, mas também momentos de reflexão, descanso, conhecimento; funções essas destacadas e definidas por Dumazedier (1980), que estabelece, através dos seus estudos, aspectos gerais incidentes sobre lazer, funções que se fundem ao aspecto desenvolvimento de uma maneira geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo que teve como principal objetivo a análise da apropriação dos museus de cultura popular no centro histórico de São Luis-MA como espaço de lazer, considera-se a configuração dos museus Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, espaços localizados no centro histórico ludovicense. E Dessa forma, partiu-se para algumas questões norteadoras que foram levantadas no início deste trabalho, esperando tê-las respondido por meio da análise dos dados adquiridos, a identificação dos visitantes e de que forma eles se apropriam, suas expectativas, finalizando com os aspectos sobre hospitalidade dos espaços, objetos desta análise.

Considera-se relevante ressaltar a importância de espaços de lazer para aprendizagem e abordagem da cultura popular, caso dos museus, além dos já estabelecidos popularmente, posto que é colocada e construída a ideia de que o museu seria um espaço apropriado, com fins obrigatórios da fruição estática da cultura dita erudita e elitizada, criando-se uma dicotomia na sua apropriação como opção de lazer. Daí a necessidade de recriação de espaços como museus, sobretudo os de cultura popular, com abordagens do cotidiano.

Todavia, as reflexões mencionadas nas questões norteadoras deste trabalho foram realizadas a partir da questão mais abrangente que seria “como vem se configurando a apropriação dos espaços de cultura popular “Casa de Nhozinho” e “Casa da Fésta” como espaço de lazer? Assim, trouxe-se a identificação dos visitantes e as formas como se apropriam desses espaços em seu tempo livre; a verificação das suas expectativas em relação ao museu e desse como espaço de lazer; e a compreensão de como a hospitalidade aparece na construção da imagem do museu como espaço de lazer pelo visitante.

Dentro desse contexto desenvolvido, compreende-se o tema exposto na perspectiva das reflexões sobre as experiências de lazer dos visitantes nos espaços de cultura popular. Dessa forma, alcançou-se o objetivo proposto no início desta pesquisa, a princípio averiguando na literatura existente as intercessões entre os espaços museais e o lazer. Dessa forma, na fundamentação do estudo se buscou as contribuições de alguns teóricos que abordam a temática do lazer, seus conteúdos culturais e espaços, assim também o novo contexto museal, enquanto espaço mais aberto ao público em geral.

Em geral, na identificação dos visitantes foi constatado que a maior parte dos visitantes da CF é morador de São Luís; já na CN, a maior parte se estende a todo o estado do Maranhão e se apropria desses museus. Bem como pessoas com menor faixa etária, com mais escolaridade e renda familiar mais favorável, e suas formas de apropriação dos espaços de cultura popular no seu tempo livre.

Quanto ao envolvimento dos visitantes com os museus, a maioria raramente visita espaços museais, e também o fazem pela primeira vez, tanto na CN quanto na CF. Quase com unanimidade os visitantes consideraram a visita como uma atividade de lazer e os gestores dos museus também têm a mesma concepção dos museus como espaços de lazer, além de claro, já estarem confirmados como espaço educativo, sejam pelos conhecimentos que se apreendem, pela cultura popular maranhense, pelos projetos educativos que o museu se propõe a desenvolver. Assim, os visitantes se apropriam dos museus como espaço de lazer principalmente motivado em conhecer a cultura popular e adquirir conhecimento em geral, mesmo não sendo constatada a visita como um hábito pessoal.

Verificou-se que as expectativas sobre o museu, pelos visitantes, são no geral muito boas, considerando um espaço de muito conhecimento, sendo principalmente a interatividade e a dinamicidade colocadas como pontos principais para melhoria, assim como a acessibilidade, os serviços que oferecem alguma estrutura ao visitante e a preservação do acervo. Em contrapartida, todos os visitantes relataram um ótimo acolhimento feito pelos monitores, sentiram a satisfação em visitar e visitariam novamente, dando diversas sugestões sobre o espaço museal. Destacase, por fim, que o entretenimento e a diversão aparecem como primeira escolha dos visitantes referindo-se ao que o museu se propõe; assim, entende-se que a hospitalidade aparece na construção da imagem do museu como espaço de lazer pelo visitante, como fator essencial para que o visitante se sinta acolhido e queira voltar a visitá-lo.

Desse modo, a apropriação dos espaços museais de cultura popular do Centro Histórico de São Luís-MA como espaço de lazer acontece pela busca de conhecimento sobre a cultura popular, definindo-se aqui na pesquisa em educação, e o lazer aparecendo nessa configuração em que se tem a educação pelo lazer.

Ressalta-se que a cultura popular revela as contradições existentes na sociedade. Essa tem sido alvo de valorizações recentes por parte da mídia, da escola, do estado e do turismo, não podendo ficar de fora o lazer. Sendo assim, os

museus, especificamente os de cultura popular, contribuem para uma democratização e valorização da cultura popular, conseqüentemente, do lazer, quando esses abrem suas portas, convidam, interagem e expõem em seus acervos tal temática. Compreende-se que tais valorizações estão inseridas em um contexto de mudanças de paradigmas, um paradigma emergente, que a partir de agora dá lugar ao multiculturalismo, à interdisciplinaridade dos saberes, ao complexo.

Fez-se um breve panorama dos museus e, a princípio seu papel de propulsor do conhecimento, como espaço de lazer, não era evidente, principalmente porque o acesso ao público era restrito. Com seus redimensionamentos, a partir da exposição de novas temáticas, outros pontos de vista culturais, com enfoque no multicultural, sendo espaço sim para práticas de lazer, podendo se tornar mais acessível a todos. O museu, enquanto espaço de lazer, pode se revelar, através de suas práticas, como um espaço guardião dos resultados da relação do homem com seu tempo/espaço. Sendo considerado pela pesquisa espaços de produção de novos saberes e oportunidades de lazer.

Os museus objeto de pesquisa deste estudo, Casa de Nhozinho e Casa da Fésta, abrigam em seus acervos bens culturais que simbolizam a cultura popular maranhence, manifestando lendas, danças, festas, religiosidade, saberes do povo, criatividade, elementos que na interatividade da visita são absorvidos e preservados, pois o conhecimento é propagado pela exposição do acervo.

Conforme constatado com as leituras dos teóricos, os museus são de fato lugares de preservação da memória de um povo, guardam fatos, objetos da história, contribuindo para manutenção da identidade cultural, do sentimento de pertencimento aos lugares, que precisam ser resguardados e valorizados, e não ser esquecidos, preservando o patrimônio histórico e cultural da humanidade.

É importante se pensar além do que se propôs inicialmente, com indicativos propositivos para a dinamização dos espaços pesquisados gerados em função dos resultados obtidos delineados como contribuição desta pesquisa. Encontraram-se espaços com grande possibilidade de atividades a serem desenvolvidas; porém, espaços vazios e com poucos visitantes, onde os estagiários ficam, por vezes, na expectativa que apareçam. No contexto da pesquisa, entende-se que existe uma problemática quanto à divulgação desses locais, bem como as atividades que são desenvolvidas nos mesmos. Entende-se necessário buscar mais parcerias que

proporcionem uma melhor divulgação, com a finalidade de desenvolvê-los e fazê-los mais conhecidos para, assim, serem visitados.

Verificaram-se os espaços sem planejamento, referindo-se aqui à inexistência do plano museológico, o que é preocupante, pois esse plano direciona todas as ações dentro dos museus. Assim, tem-se o desafio de possuir um dinamismo com planejamento, com dificuldades primárias na comunicação interna.

A negativa pelo questionamento da existência do plano museal é o primeiro ponto colocado pela pesquisa. Faz-se uma crítica ao fato de nos dois espaços não se ter um plano museológico específico e formalizado para cada uma das casas. A falta desse plano e de museólogos que entendam especificamente do trabalho museal, gerando grandes dificuldades para o pleno desenvolvimento destes espaços museais, pois o plano norteia o museu, demonstraria que dentre os objetivos e funções de um museu, é de sua competência, sobretudo, ser um espaço educativo que atenda também à demanda turística e como conteúdos culturais do lazer na perspectiva dos interesses artísticos e intelectuais, haja vista se ter, nesses espaços, acesso ao conhecimento, em específico, à cultura popular do Maranhão. A existência de um plano museológico bem estruturado findaria questões de ordem, como as práticas e diversas atividades consideradas como lazer por seus visitantes e que seriam desenvolvidas pelos museus.

O segundo ponto dentre as críticas aos museus seria quanto a sua estrutura física, com sua precariedade nas instalações e com a falta de manutenção do acervo. Entende-se que existe uma falta de investimento financeiro. Por estarem ligados diretamente à superintendência de cultura popular, acredita-se que por isso mesmo é difícil intervir nas melhorias físicas.

Salienta-se, contudo, que existem conflitos e divergências entre o que está escrito e o que é vivenciado, ao se analisar a apropriação desses museus CN e CF, os resultados ficaram claros, a partir do estudo dos conceitos definidos para o lazer e as novas concepções da museologia, cruzando-se com as constatações feitas através da entrevista e questionários, sendo a metodologia utilizada como suficiente para realização dos procedimentos

Evidencia-se que os visitantes, tanto da CN quanto da CF, em geral consideraram a visita que realizaram como uma atividade de lazer, isso evidencia essas casas também como espaços de lazer, pois promovem o mesmo; isso porque esses visitantes vivenciaram uma apreensão do conhecimento atrelado à ludicidade.

Em seus relatos eles associaram a diversão ao conhecimento de novas “coisas”, nessa especificidade, analisa-se o termo “coisa” a acontecimentos, eventos, podendo ser objetos, peças, produtos; podendo, dessa forma, fazer associação a diversão tanto ao espaço, ao museu ou, por si só, fazer a visita ou mesmo conhecer o acervo.

A pesquisa concluiu que os museus, independente de onde se situem, precisam proporcionar o acesso aos seus frequentadores, com visitas interativas, contextualizadas e mediadas ao propósito de apreensão do conhecimento revestido dentre as funções de diversão, de reflexão, de fruição e de educação.

Entende-se que a educação está inerente aos museus; para tanto, não se deixaria de fazer as devidas intercessões desta educação com o lazer, objeto de estudo deste trabalho, pois são espaços que contribuem para uma educação mais humanizada, em função da dimensão simbólica das imagens, por permitirem o processo de simbolização, uma reeducação do olhar para um saber mais sensível (SERRA, 2012).

A partir dos conceitos de lazer que se abordaram na perspectiva educacional de Marcellino (1990), os museus CN e CF também se identificam com tal conceituação, pois são espaços para o pleno desenvolvimento de lazer, que se relacionam pela interseção do aspecto educativo. No diálogo com Marcellino (IDEM), não se pode deixar de fazer algumas constatações referentes ao lazer. A primeira seria “que o lazer é um veículo privilegiado de educação (IDEM, p. 58)”; a segunda seria que “para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação” (MARCELLINO, 1990, p. 58-59), possibilitando assim “a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação” (IDEM, p. 59). Dessa forma, corrobora-se com o autor sobre o aspecto do duplo processo educativo que incide sobre o lazer, seria “o lazer como veículo e como objeto de educação”; dessa forma, se houvesse apenas as visitas, essas seriam consideradas uma prática de lazer.

Mesmo que visitantes apenas vivenciassem esses espaços museais na perspectiva de um “observador das obras/peças expostas”, consideraria-se uma apropriação do espaço museal pelo lazer, visto que isso se manifestaria como um conhecimento educativo defendido no contexto desta pesquisa, compactuando com a concepção de Nelson Marcellino na educação pelo lazer.

Os museus CN e CF não se configuram apenas como espaços de visitação, pois dentre as atividades desenvolvidas pelo espaço, observa-se sua utilização junto à comunidade infantil, com contação de histórias, teatro, pinturas com e nas crianças, e o desenvolvimento de brincadeiras populares. Junto ao público adulto se tem lançamento de livros de autores maranhenses, cursos e palestras. A maior parte dos visitantes relatou, na resposta ao questionário, que o museu proporciona entretenimento e diversão na sua visitação; alguns relacionaram o descanso e a reflexão, e também o conhecimento adquirido na visitação. Portanto, relaciona-se ao conceito definido por Cristianne Gomes (2004), de que na perspectiva do lazer como uma extensão da cultura concretizada através da experiencição das manifestações culturais de forma lúdica acontece nesse espaço.

Acredita-se na relevância desta pesquisa para a comunidade científica, bem como a contribuição para o debate acadêmico, por fornecer dados aos museus de cultura popular de São Luis que atuam como espaços de lazer e educação, acerca das perspectivas de um melhor aproveitamento das visitas, com diversas sugestões valorosas sobre o contexto do espaço e um estreitamento das discussões sobre a análise de sua apropriação como espaço de lazer.

Ressalva-se que esta pesquisa não se limita aos elementos contidos no decorrer deste trabalho, pois ainda existem lacunas a serem preenchidas, essas vão surgindo e materializando outras perspectivas de abordagem, outros referenciais teóricos, como também práticos, outras análises e espaços museais diferentes.

A partir de uma visita *in loco*, o pesquisador elabora um relatório com os principais pontos abordados, incluindo críticas e sugestões construtivas para melhoria desses espaços, pretendendo, assim, uma ressalva no seu sentido, uma retomada de suas reais funções sociais e educacionais para a população, redirecionando suas práticas de visitação e melhor aproveitamento do espaço museal para que os mesmos não sejam submetidos ao esquecimento, permitindo uma roupagem avivada pelos sentidos e significados que o lazer na perspectiva da ludicidade se propõe a deixar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉS, Luis Phelipe de Carvalho Castro. **1949 – São Luís – Reabilitação do Centro Histórico – Patrimônio da Humanidade**. São Luís: Foto Edgar Rocha, 2012. 180p.

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer**: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARAÚJO, Rafaelle Andressa dos Santos. **A Educação Física na formação inicial: prática pedagógica e currículo**. São Luis: 360° Gráfica e editora, 2014.

BARDIN, L. **L'Analyse de contenu**. França: Editora Presses Universitaires de France, 1977.

_____. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora, 2006

BASTOS, Sênia. Hospitalidade: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n. 2, ano 3, p. 51-62, 2º sem, 2006.

BAUER, M.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BITTER, D. Museu como lugar de pesquisa: o museu como espaço de pesquisa e produção de conhecimento. **Salto Para o Futuro**, ano 19, n. 3, p. 22-28, mai. 2009.

BLOISE, Ana Silvia. O desafio da gestão dos pequenos museus. In: **O que são para que servem?** Organização. Sistema Estadual de Museus de São Paulo. SISEM-SP, Secretaria de Estado de Cultura. Brodowski, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor Pela Arte** – os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2011.

BRAGA, Ana Socorro Gomes. **Folclore e política cultural**: a trajetória de Domingos Viera Filho e a institucionalização da cultura. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2000.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. O lazer e as transformações sócio-culturais contemporâneas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 1, n. 2, 2013.

CAMARGO, Luís Otávio de Lima. A Pesquisa em Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. v.122, n.5, p.15-51, 2008.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. Museos y público: cómo democratizar la cultura. In: CIMET, E. *et al.* **EI público como propuesta**: cuatro estudios sociológicos en museos de arte. México, INBA, 1987.

_____. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CASTILHO, C. T. **Lazer na natureza e atuação profissional**: discursos e práticas contemporâneas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da Museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus, 2006.

COSTA, Vanderleia Barbosa da *et al.* **A importância da hospitalidade em espaços culturais um estudo de caso**: casa martim afonso são vicente-sp. 2013. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/a_importancia_da_hospitalidade.pdf.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes. **Patrimônio da humanidade**: a edificação discursiva da cidade de São Luis nas políticas de preservação do Estado. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. DINTER UNESP/UFMA/CEFET. Araraquara/SP, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

_____. **Sociologia empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FALK, J; DIERKING, L. **The museum experience**. Washington DC: Whalesback Books, 1992.

FERREIRA, M. L. M. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FOLCLORE E CULTURA POPULAR. Disponível em:
<<http://poemia.wordpress.com/folclore-e-cultura-popular/>> Acesso em: 10 jun. 2016.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

_____. Lazer: concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Dicionário crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

_____. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GOMES, C. L. O lazer como campo mobilizador de experiências interculturais revolucionárias e sua contribuição para uma educação transformadora. In: DALBEN, Â. *et al.* (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: currículo, ensino de educação física, ensino de geografia; ensino de história; escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 284-310.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. **Horizontes latino-americanos do lazer**: Horizontes Latino americanos del ocio. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

GOMES, A. M. R.; FARIA, E. L. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília, DF: SESI/DN, 2005.

GONÇALVES, Daniela Santos. **Moro em edifício histórico, e agora?** Avaliação pós-ocupação de habitações multifamiliares no Centro Histórico de São Luís – MA. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

HUBNER, Daniel Braga: Planejamento. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ICOM. **Conselho Internacional de Museus**. Status de ICOM. Paris: ICOM, 1987.

LARIZZATTI, Marcos F. **Lazer e recreação para o turismo**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

LEITE, M. I. **O que e como desenham as crianças?**: refletindo sobre as condições de produção cultural da infância. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2001.

_____. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, 2006.

LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Org.). **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. **Lazer e Humanização**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MELO, Victor Andrade de.; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Ver. e atual. Barueri, SP: Manole, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1999.

PERÉZ, Xerardo Pereira. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. ACA y PASOS, 2009.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

REQUIXA, R. **As dimensões do lazer**. São Paulo: Sesc: Celazer, 1974.

_____. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

RIBEIRO, Ladislene dos santos. **Casa de Nhozinho**: Espaço vivo de preservação da cultura popular maranhense. Monografia apresentada ao Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão, 2009.

RODRIGUES, Rachel Vallego. Museus e museologia em panorama. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v.1, n. 4, mai./jun. 2013

SANTOS, Clézio. O Museu como Espaço Cultural e Educativo na Atividade Turística. **Revista P@rtes**, 2008.

SEBASTIÃO, Ana Sofia. **Planejamento estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Mestrado em Geografia – Gestão do Território e Urbanismo, 2010.

SERRA, Monique de Oliveira. **Os Museus de cultura popular de São Luís como espaços educativos**: configurações e perspectivas para uma pedagogia do imaginário. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão. Mestrado em Educação, 2012.

SILVA, Georgia Patrícia da; SILVA, Edileuza Lopes Sette. A utilização do patrimônio como cenário para o consumo e a fruição turística: estratégias de

produção de imagem do bairro Praia Grande-MA. **Cuadernos de vivienda y urbanismo**, v. 3, n. 5, 2010. Disponível em:
<http://www.javeriana.edu.co/viviendayurbanismo>.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em administração e contabilidade**. Brasília, Nov. 2013.

SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em:
<http://www.museus.gov.br/oqueemuseu_apresentacao.htm> Acesso em: 10. jun. 2016.

SOUZA, Cleide Aparecida Gonçalves de; MELO, Vitor Andrade de. Museu, Emoção Estética e Lazer: Reflexões sobre as possibilidades da fruição da arte no tempo livre. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, mar. 2009.

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

WEBER, R. **Basic content analysis**. Beverly Hills: Editora Sage, 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA ESTRUTURADA REALIZADA COM OS GESTORES

Dados de identificação: Formação/ acadêmica; Tempo de atuação / profissão;
Formação complementar na área de atuação/ Conhecimento sobre Lazer

- Como se dá o planejamento “maior” do museu? Existe uma política museal?
- Você considera que o público visitante é formado mais por turistas ou por residentes locais? São mais homens / mulheres, crianças/jovens ou adultos que visitam o museu?
- Você considera o museu como um espaço de lazer? Porque?
- O museu faz a mensuração das visitas recebidas quantitativamente e qualitativamente? Como? Há um livro de registros ou de assinaturas?
- Quais os serviços oferecidos aos visitantes do espaço museal em termos de programação cultural e artística?
- Que oportunidades de lazer o museu oferece ao visitante? Existe algum tipo de mensuração desses dados sobre essas atividades?
- Como é construída a exposição do acervo (a história, a memória)?
- Qual o número de funcionários sob sua gestão e que dão suporte ao museu?
- Existe algum tipo de formação/preparação/treinamento para os monitores atuarem com os visitantes?
- Quais os serviços oferecidos aos visitantes do espaço museal em termos de estruturas (recepção, climatização, ambiência, lanchonete, banheiros)?
- Como acontece o acolhimento (físico e profissional) aos visitantes, nesse espaço museal?
- Que saberes o museu promove com a exposição do seu acervo, através da visitação?

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS VISITANTES

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Local de origem/onde reside: _____

Grau de escolaridade:

fundamental incompleto fundamental completo ensino médio incompleto

ensino médio completo superior incompleto superior completo

Faixa etária:

18 a 25 anos 26 a 40 anos 41 a 60 anos acima de 60 anos

Renda Familiar

Menos de (1) salário mínimo Um (1) salário mínimo

2 ou 3 salários mínimos Acima de 4 salários mínimos

1. Com que frequência visita museus?

frequentemente raramente nunca

2. Primeira vez que visita esse museu? sim não

3. Você considera a visita a esse museu uma atividade de lazer? sim não
/ Por quê?

4. Considerando que sua visita foi realizada em seu tempo livre, quais motivações o levaram a usufruir desses espaços museais?

interesse por museus/hábito pessoal/experiência estética

passeio/turismo

conhecer a cultura popular/ adquirir conhecimentos

outros. Quais? _____

5. Fale sobre suas expectativas (o que você esperava encontrar, o que você poderia fazer) ao visitar esse espaço museal.

6. Existem outras formas de atividades, além da apreciação das exposições, que poderiam ser realizadas dentro desse espaço museal?

sim não. Quais? _____

7. Conceitue, de 1 a 5, os pontos observados por você na visita do museu considerando: (1) insuficiente (2) ruim (3) bom (4) muito bom (5) excelente.

Recepção/acolhimento Acessibilidade Ambiência/Limpeza

Preservação do acervo museal Comunicação - Visita Guiada

Serviços estruturais de apoio ao visitante – banheiros/ lojinhas/ lanchonete

Deseja comentar outros aspectos _____

8. A forma como o museu se apresentou foi satisfatório e o incentiva a voltar a visitá-lo no seu momento de lazer? sim não. Por quê?

9. Que sugestões você poderia dar para melhorar a visita e o espaço museal?

10. O que essa visita proporcionou a você?

entretenimento/diversão Descanso/reflexão Outros. Quais? _____

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR CULTURA E SOCIEDADE
PESQUISADOR(A): ANDRÉIA MACIEL SANTOS MOUTINHO
PROJETO: ESPAÇOS DE CULTURA POPULAR E LAZER: uma abordagem sobre o
espaço museal no Centro Histórico de São Luís (MA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa de título provisório: ESPAÇOS DE CULTURA POPULAR E LAZER: Uma abordagem sobre o espaço museal no Centro Histórico de São Luís (MA). **O motivo que nos leva a estudar o problema** *de como vem se configurando a apropriação dos espaços de cultura popular no Centro Histórico de São Luís - MA como espaço de lazer é a compreensão ao propósito de refletir acerca do espaço de lazer que colocamos como Centro Histórico e equipamento de lazer que, inseridos nesse contexto, intitulam-se como espaço de cultura popular, pois entendemos, a partir do contexto que encontramos no Centro Histórico, que os espaços museais não se veem como espaços de lazer.* **A justificativa** da pesquisa se configura como de relevância científica e social, pois se trata de um fenômeno que extrapola os limites de estudo de uma área específica, permitindo relações e diálogos com vários campos do saber, favorecendo a interdisciplinaridade, justificando-se, portanto, como um estudo que o problematiza a partir da dinâmica sociocultural, econômica e patrimonial em um contexto urbano. Acredita-se que é possível trazer uma contribuição para o debate quanto à promoção e o (re)aproveitamento das potencialidades do Centro Histórico de São Luís - MA com base neste recorte específico; e, também, contribuir com o tema das políticas públicas em torno da análise e projeção de orientações acerca das práticas de lazer no espaço em torno de uma ressignificação deste espaço e seu desenvolvimento. **O objetivo** desse projeto é analisar a apropriação dos espaços museais de cultura popular no Centro Histórico de São Luís – MA, como espaço de lazer, através da identificação dos visitantes e suas formas de apropriação dos espaços de cultura popular no seu tempo livre, verificando suas expectativas sobre o museu, como espaço de lazer e entendendo como a hospitalidade colabora na construção da imagem do museu como espaço de lazer

pelo visitante. A **Metodologia** será dividida em duas fases. A primeira etapa que esta pesquisa contempla será a de cunho bibliográfico, que será feita através de levantamentos de informações por meio de livros, revistas, site de internet e outros. Nesta etapa serão levantados aspectos sobre lazer, cultura e museus. A partir dos resultados obtidos será dado início à segunda etapa, que diz respeito ao levantamento qualitativo, por meio da realização das entrevistas e aplicação do questionário. O universo da pesquisa será os visitantes e coordenadores/diretores dos museus de cultura popular do bairro da praia grande localizado no Centro Histórico de São Luis(MA). Para a definição do número de visitantes que participarão da pesquisa, realizar-se-á uma amostra não probabilística por julgamento e exaustão. Depois de selecionados os personagens desta pesquisa, será feita a aplicação de entrevistas que serão gravadas por equipamento áudio visual/e ou de gravação e, posteriormente, transcritas para não comprometer a autenticidade das falas. Ressalta-se que nessa abordagem o entrevistado deve se sentir completamente à vontade nos seus relatos. Antes da aplicação dos questionários será apresentado a você, entrevistado, um documento denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deverá por você ser lido e assinado a partir do esclarecimento de quaisquer dúvidas e da sua posterior concordância . Uma cópia do documento deverá ficar com você.

Solicitamos a sua participação da seguinte forma:

1- concedendo uma entrevista, por meio de aplicação de questionários que tem a duração aproximada de 30 minutos. A entrevista será realizada em local e horário de sua melhor conveniência e por pesquisadores conhecedores do assunto que farão a entrevista com a intenção de causar o mínimo de incômodo.

2- possibilitando que os dados fornecidos por você sejam analisados e publicados, sem que a sua identidade seja divulgada.

Esclarecemos ainda que:

Sua participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Suas informações serão utilizadas somente para se alcançar os objetivos desta pesquisa e seus dados serão sigilosamente guardados, assim como a sua imagem e os julgamentos expressos em questionários. A guarda dos dados obtidos

na pesquisa e a sua confidencialidade serão de responsabilidade da professora pesquisadora.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a produção de conhecimento científico e divulgação cultural dos espaços museais e lazer no centro histórico.

Este projeto de pesquisa é delineado conforme protocolo delineado e aprovado pelo CEP e quaisquer alterações serão autorizadas pelo CEP.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora Andreia Maciel Santos Moutinho, fone: 98- 985116060 e pela Prof^a. Dr^a. Kláutenys Dellene Guedes Cutrim, fone: 98-91287765 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (3272-8708), situado à Av. dos Portugueses S/N- CIDADE UNIVERSITÁRIA – São Luís – Maranhão.

Portanto, se todas as dúvidas foram esclarecidas, solicitamos que assine a autorização a seguir destacada.

Atenciosamente

Andreia Maciel Santos Moutinho
Matrícula: 2015100893

Local e data

Prof^a. Dr^a. Kláutenys Dellene Guedes Cutrim
Matricula:7665-1

AUTORIZAÇÃO

Declaro que concordo em participar do estudo ESPAÇOS DE CULTURA POPULAR E LAZER: Uma abordagem sobre o espaço museal no Centro Histórico de São Luís (MA) e que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.


Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXOS

ANEXO A

Parecer do Comitê de Ética

 andrea_m_santos@yahoo.com Esqueceu a senha?

Você está em: Público > Confirmar Aprovação pelo CAAE ou Parecer

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAAE OU PARECER

Informe o número do CAAE ou do Parecer:

Número do CAAE:	Número do Parecer:	<input type="button" value="Pesquisar"/>
<input type="text" value="51003715.9.0000.5087"/>	<input type="text" value="1378147"/>	

Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido ou não corresponde a um parecer aprovado.

DETALHAMENTO

Título do Projeto de Pesquisa:		
<input type="text" value="ESPAÇOS DE CULTURA POPULAR E LÁZER: Uma abordagem sobre o espaço museal no"/>		
Número do CAAE:	Número do Parecer:	
<input type="text" value="51003715.9.0000.5087"/>	<input type="text" value="1378147"/>	
Quem Assinou o Parecer:	Pesquisador Responsável:	
<input type="text" value="FRANCISCO NAVARRO"/>	<input type="text" value="ANDREIA MACIEL SANTOS MOUTINHO"/>	
Data Início do Cronograma:	Data Fim do Cronograma:	Contato Público:
<input type="text" value="28/12/2015"/>	<input type="text" value="28/07/2016"/>	<input type="text" value="ANDREIA MACIEL SANTOS MOUTINHO"/>

ANEXO B

ENTREVISTA 1

REALIZADA COM A GESTÃO DO MUSEU CASA DE NHOZINHO

Entrevistadora: Boa tarde, a gente vai começar agora uma entrevista com a gestora do Museu Casa de Nhozinho. Seu nome completo?

R: Ana Carolina Vieira Cavalcante Medeiros.

Entrevistadora: Qual é o cargo que você está ocupando aqui?

R: Sou diretora do Museu Casa de Nhozinho.

Entrevistadora: E sua formação?

R: Sou licenciada em história pela UEMA, eu sou advogada (se tiver alguma formação tanto fora da área pode falar... toda formação - fala Entrevistadora:) eu sou formada em direito, também pela Universidade Federal. Vim da cultura e voltei para a cultura (que bom - fala de Entrevistadora:) a história sempre me puxa mais forte do que o direito.

Entrevistadora: Qual seu conhecimento sobre a questão da área do lazer? Pode ser específico no Centro Histórico.

R: Eu te comentei na primeira visita que tu fizestes. A minha monografia de história ela foi sobre lazer, só que foi um lazer voltado para as elites, não para o espaço popular, não.

Entrevistadora: Então, estou falando com a pessoa certa (risos). Qual seu papel, hoje, em função aqui dentro da Casa? E há quanto tempo você atua no órgão?

R: Estou aqui desde dezembro de dois mil e quinze começando, agora, em dois mil e dezesseis e a nossa função na direção é de coordenação de tudo o que acontece dentro do espaço museal, tanto de coordenação das exposições, das coordenações de trabalho movidas pelas pessoas que trabalham na Casa, pelos estagiários por tudo, tudo passa por mim.

Entrevistadora: Qual o número de funcionários que dão suporte ao Museu?

R: Nós temos ao todo 12 estagiário, 6 pela manhã e 6 pela tarde. São nossa mão de obra mais significativa. Na gestão, somos servidores, eu na direção, seu Jandir como museólogo e o técnico administrativo que é o João.

Entrevistadora: Quais são os serviços oferecidos aos visitantes deste espaço em termos de recepção, ambiência, lanchonete, banheiro em geral. Quais os serviços oferecidos?

R: Nós temos muita procura por conta de eventos. Tem muito evento aqui, muitas exposições, muito tudo. O que a gente tem para oferecer é a parte de copa. A gente não tem restaurante, a gente tem um espaço do pátio lá atrás, que é um espaço para eventos de todos os tipos, mas aqui no Museu a gente não tem muita estrutura... (mas tem os banheiros - fala da Entrevistadora:)... mas, tem os banheiros, temos a sala de reunião, porque aqui a gente recebe muita reunião dos órgãos da cultura, dos museus e outros órgãos. A gente faz muitas reuniões aqui nesta sala.

Entrevistadora: Ok. E os outros serviços oferecidos na questão das visitas com relação à programação cultural e artística? Tem uma programação que é oferecida regularmente pela Casa?

R: A gente ainda não tem essa programação porque como essa nova gestão teve que reformular tudo, inclusive, eu que entrei agora, também. Então, nós fizemos um planejamento que é o planejamento do primeiro semestre que contempla várias ações dentro do Museu de ações culturais, mesmo, para trazer vida - vamos dizer assim - a gente tem tanto as exposições temporárias, que tem muita procura, tem as exposições permanentes que são da Casa e nós temos vontade de fazer todos esses - vamos dizer - eventos porque são coisas... (geralmente o espaço é procurado para fazer lançamento de livros?- fala de Entrevistadora:)...de livros das exposições, normalmente, as exposições vem acompanhadas de um lançamento de livro, a maioria. Tem também a questão da exposição dos artefatos e artesanatos locais, entendeu? De Projetos que o Museu tem.

Entrevistadora: Como é que hoje é construída a exposição do acervo? Apesar de você estar há pouco tempo, mas com certeza você não foi escolhida à toa, porque já tem conhecimento da área, mas a exposição do acervo daqui da Casa de Nhozinho, a história, a memória, como é que é construída essa exposição?

R: Ela é construída, assim, a gente vê a missão da Casa, que é a missão da Casa que norteia toda essa construção, essa questão da gente mostrar o saber e o fazer popular. Então, é uma questão que em tese não estaríamos muito nos museus. Que não é aquela contemplação da elite, os quadros, não é aquela questão do fazer, mesmo, são os artesanatos, são embarcações, as indumentárias indígenas que são totalmente artesanais. É isso que a gente quer mostrar (Acho essa coisa interessa até porque tu já fez esse trabalho sobre lazer e tu falou sobre lazer elitizado e a gente tem a quebra desse paradigma do museu ser um espaço sacralizado. Se eu pudesse ter acesso mesmo eu acho...por isso que a gente resolveu fazer o trabalho no museu de cultura popular, porque a gente acredita que este espaço a população tem mais acesso - fala de Entrevistadora:) mas, ainda assim, eu te digo que por estar no Museu, mesmo que seja umas peças do artesanato, outras peças do dia a dia, coisas que as pessoas dizem: "*olha tem na minha casa*", mas ainda assim, essa palavra museu já dá - vamos dizer assim - um status a qualquer (o espaço - fala de Entrevistadora:) é o espaço já te dar esse distanciamento.

Entrevistadora: Já até respondeu um pouquinho, mas pode até complementar...que saberes o Museu promove com a exposição de seu acervo?

R: Essa questão do fazer popular. É aquela mútua aproximação do "*ah aquilo tem na casa da minha avó*", "*aquilo ali tem no interior*", "*o meu vizinho faz aquilo*", entendeu? É para que a pessoa se reconheça enquanto agente cultural, entendeu? Para que ela veja que o que ela faz no dia a dia não precisa pintar, fazer uma escultura, pintar um quadro com tinta óleo e etc, não. Não é só isso que é arte, sabe? Arte é muito mais que isso, a arte pode está no dia a dia, nas coisas mais simples e as pessoas não enxergam isso. Ela precisa ir para um museu para que a gente dê esse- vamos dizer assim- como se fosse um carimbo de "*oh isso aqui é arte*", então, seria mais ou menos isso.

Entrevistadora: E como é que seria o acolhimento da Casa de Nhozinho, tanto físico quanto profissional aos visitantes desse espaço? Como é esta recepção?

R: Nós temos, como eu te falei, a mão de obra maciça dos estagiários, então, são eles que fazem as guiadas, esse tour pela Casa, eles que vão explicando todo o nosso acervo, eles que vão comentando a história. E assim, quando eu cheguei esse quesito tava um pouco bagunçado. Estava bem misturado, inclusive, hoje a gente teve uma reunião para rever o regimento interno com relação aos estagiários porque é bom que eles saibam qual é a função deles e uma das funções que a gente destacou foi para o chamado coordenador dos estagiários que é um estagiário que a gente escolhe por “n” fatores: assiduidade, melhor conhecimento, mais tempo na Casa, desenvoltura. E a gente escolhe um em cada turno e ele é o responsável por receber as pessoas, por acolher as pessoas, ele que vai fazer todo esse trabalho de apresentar o Museu falar qual é a proposta do Museu, sabe? Passar todos os informes para que ele passe para um outro estagiário e assim esse estagiário faça a guiada, para que a gente nunca fique desguarnecido na portaria, para que a pessoa nunca entre e fique sem entender o que está acontecendo. Não, tem uma pessoa ali para informá-lo .

Entrevistadora: Muito bacana isso aí, realmente, vai ser um diferencial para o espaço. Existe algum tipo... pegando esse gancho... de formação para estes monitores, preparação, treinamento para atuarem com esses visitantes?

R: Sim. A gente está em constante treinamento aqui. Então, a gente tem um trabalho que é desenvolvido aqui e os estagiários de outras Casas também podem participar, é aberto a todos, é um núcleo de pesquisa em Cultura Popular onde a gente convida algumas pessoas que tratam desse universo de Cultura Popular como, por exemplo, o professor Ferret, ele já veio dar algumas palestras. A gente tem essa questão de estar escolhendo textos, debatendo. É uma vez no mês, a última quinta-feira do mês, a gente separa e faz isso com os estagiários e até mesmo para que todo mundo fique conhecendo um pouco mais e se aprofunde naquilo que está trabalhando. Tem esse núcleo de pesquisa que a gente dá um treinamento assim que a pessoa chega e é um treinamento que com esse novo Regimento a gente quer estender não só para a Casa de Nhozinho, mas para a Casa da Fésta, porque a Casa de Nhozinho e a Casa da Fésta são

complementares. A Casa de Nhozinho nasceu da Casa da Fésta, então, a gente pensa assim. É bom que os nossos estagiários tenham noção do todo, porque são dois museus de cultura popular, claro que cada um especializado no seu acervo, mas que ele tenha conhecimento do todo, porque isso é enriquecedor para eles, para a gente... (pro visitante - fala de entrevistadora). A gente tem uma dinamicidade maior, o visitante pode até perguntar informação que não necessariamente tenha aqui no nosso acervo, mas que a gente já pode dar essa informação para eles. Essa capacitação... a gente gosta de estar fazendo muitos treinamentos.

Entrevistadora: Eu percebi que as visitas elas têm um registro, né? Então, assim, o Museu faz a mensuração de visitas recebidas quantitativa e qualitativamente? Como é feito isso? Há um registro mesmo? Um livro de registro de assinaturas?

R: A gente faz essa mensuração de forma quantitativa. Porque fazer ela de forma qualitativa... de novo... A gente estava conversando, hoje, na reunião mais um ponto do que a gente quer colocar, porque não adianta saber só os números e não saber em que a gente pode melhorar, quais são as falhas, o que está acontecendo e ninguém melhor do que as pessoas que estão sendo guiadas, os visitantes, para nos dizer "*oh, aqui tá bom, aqui tá ruim, aqui tá deficiente*". Por enquanto, o que chega até nós são as falhas prediais que são mais comuns, mas no todo a gente não tem....o que eles acham do acervo a gente não tem essas informações (seria muito interessante ter - fala de entrevistadora) e também é uma diretriz do Instituto Brasileiro de Museus, ele sempre pede no final do ano para que a gente faça as estatísticas, eles pedem essas informações (analíticas em relação ao espaço, né? - fala de Entrevistadora:) a gente sempre faz. Agora a gente quer colocar esse livro de visitação mesmo para que as pessoas que queiram discorrer...e esporadicamente a gente tem.

Entrevistadora: Pela experiência que tu já tens, hoje, acho que você já pegou os dados anteriores, já dá para tu me responder sobre a questão do público visitante, se ele é mais formado por turistas ou residentes locais?

R: Mais por turistas, com certeza, tem um período que vem bastante gente daqui só que, quando vem a pessoa daqui ela sempre está acompanhada com um parente que não mora aqui, então ela vem pela obrigação de mostrar o que temos, ela não

vem pelo prazer de vir ou pelo conhecimento ela vem porque ela tem que mostrar pra alguém, para o turista.

Entrevistadora: São mais homens, mulheres, jovens ou adultos que procuram o Museu na perspectiva que vocês têm quantitativa? Entre adulto e criança?

R: Como a gente trabalha com uns colégios, às vezes, vem muita criança aí, vêm muitos adolescentes também. Mas, assim, eu creio que a procura, fora obrigação, é mais do público adulto e o idoso.

Entrevistadora: Entre homens e mulheres, tem como saber?

R: Não. Eu não sei te dar essa informação. (geralmente não é obrigatório colocar, né? Geralmente o adulto é que preenche, né? – fala de Entrevistadora).

Entrevistadora: Bem, Carol, tu considera o Museu Casa de Nhozinho... porque é a Casa que está sob a tua gestão, como espaço de lazer?

R: Eu considero.

Entrevistadora: Mas, por que que tu consideraria?

R: Eu considero, como, por exemplo, eu tenho dessas formações o que sempre fica para mim de lazer é aquela questão... mas do quando eu abordo do lado das férias no lazer para o lado das férias que é aquela coisa saudável do que aquela coisa que te dá um...claro que é educativo, mas é fora a tua obrigação é sempre ligada a questão do prazer...o prazer de estar passeando, de estar aprendendo, e eu entendo isso como uma forma de lazer e é um lazer que te proporciona educação, te proporciona... é... acho que eu não consigo... é... frisar... (deleitar o bem-estar - fala de Entrevistadora) bem-estar, exatamente, até a questão da saúde, mesmo, você vai para um espaço diferente do seu espaço. Isso é muito importante porque muitas pessoas que vêm aqui elas não estão dentro desse mundo popular, tanto que a gente tem muitos relatos de “*ah, é minha tia*”. É mais uma coisa distante, entendeu?

Entrevistadora: Assim como é que se dá esse planejamento maior do Museu? Existe uma política museal de gestão desse espaço?

R: A gente luta muito com isso, a gente tem muito essa vontade, mas nós ainda não temos um plano museológico estabelecido. A gente entende que esse é o primeiro passo para que a gente consiga construir as coisas. Só que assim, a gente faz um planejamento que ele é semestral para que a gente possa desenvolver todas as atividades, mesmo sem ter o plano já coretinho. A gente tem uma experiência daquilo que a gente entende de plano museológico, e em cima disso a gente vai construir nosso calendário, mas parece que a gente constrói o calendário para depois pensar num plano museal e a gente ainda não conseguiu parar para pensar nesse plano (é a mesma coisa de PPP nas escolas é muito difícil - Entrevistadora).

Entrevistadora: Como se dá, hoje, a relação com a comunidade, visto esse espaço de cultura popular....eu falo em relação a participação da própria ação das pessoas nesse espaço ?

R: Agora elas estão se aproximando mais, porque eu já fui até elas para externar esta questão, por exemplo, a gente tem um pátio aqui que está inativo. É um pátio que poderia servir para “n” atrações populares de exaltação da cultura. E eu já encontrei várias pessoas que estão dispostas a me ajudar nesse projeto, da gente fazer um projeto, da gente colocar as coisas para frente, creio eu, que dia quinze ou dia vinte a gente vai ter uma roda de tambor. A gente ainda não sabe qual é o tambor porque eu tenho que conversar ainda com o pessoal. Já vem surgindo ideias porque eles veem o Museu como um espaço de contemplação, embora eles passem aqui, principalmente, esses vendedores, eles passam o dia olhando para o Museu, mas eles nunca entraram no Museu. Outro dia eu guiei dois comerciantes que estão aqui todo dia olham para o Museu todo dia e nunca tinham entrado no Museu. E foi a partir do olhar deles que a gente começou a desenvolver esta ideia porque eles falaram olha aqui é um espaço que a gente pode utilizar que é da nossa cultura, que a gente pode chamar de nosso, a gente pode trazer nossas atrações e as nossas manifestações culturais. Essa pessoa tem contato com... ela está dentro de um tambor e falou “*ah eu vou trazer meu tambor para tocar aqui*”. É uma coisa que tem tudo a ver com a Casa da Cultura Popular e assim, a gente vê a cultura não mais na vitrine, a gente vê a Cultura viva dentro do espaço do Museu, mas num espaço que a gente meio que quer desconstruir.

Entrevistadora: O que tu consideras de lazer que o Museu oferece ao visitante? Existe algum tipo de mensuração sobre essas atividades? O que tu consideras que o Museu hoje oferece de lazer para o visitante?

R: Hoje? A gente tem a questão das visitas guiadas é o que a gente tem enquanto lazer porque a gente ainda não começou a desenvolver essas questões (tem outros espaços lá embaixo que também tem exposições, né? – fala de Entrevistadora)...é a gente tem essas exposições também tem a loja. Mas a loja já é uma outra...

Entrevistadora: Você acha que... até já me respondeu, mas para ficar bem claro... existe algum tipo de mensuração desses dados, sobre essas atividades? Sobre o quantitativo?

R: A gente tem. Porque antes de tudo a gente tem que entregar esse plano com mais ou menos o que a gente quer fazer durante o ano.

A gente vê o que que tem no calendário para que a gente possa encaixar, principalmente com datas comemorativas o dia do artesão, do artesanato que casa, exatamente, com o espaço e aí a gente vai fazendo. Claro que a gente pode ter mais ou menos, mas ali é uma média do número de eventos que a gente vai ter pelo semestre que a gente vai fazer.

Entrevistadora: Você quer falar alguma coisa com relação aos questionamentos? Eu já finalizei, mas fica aberto para se tu quiseres fazer qualquer contribuição?

R: Eu achei muito interessante essa questão do estudo que vocês estão desenvolvendo, que tu estás desenvolvendo, na verdade, eu falo vocês tu e a orientadora. Acho muito interessante esta questão de estudar os museus relativos à Cultura Popular, exatamente, para desconstruir essa ideia de museu enquanto contemplação elitista ou então dizer que o fazer popular não é arte, sabe? De tentar pensar assim: o que é arte? Sabe? Nesse universo inteiro será se a gente pode? Será se os nossos artesãos, as nossas artesãs não são artistas? Ou não merecem esse título? Ou não merecem um espaço, sabe? Eu acho que isso é muito importante para fortalecer essa ideia de que são artistas, são pessoas que devem ser valorizadas, são pessoas que merecem seu destaque de alguma forma.

Entrevistadora: Ok. Então a gente está encerrando a entrevista com a gestora do espaço museal Casa de Nhozinho, às 14h58min. Agradeço muito a participação e esperamos contribuir dando um retorno do nosso trabalho, da nossa pesquisa para Casa de Nhozinho.

R: Quero ver esse trabalho depois!

Entrevistadora: Com certeza. Obrigada!.

ANEXO C

ENTREVISTA 2

REALIZADA COM A GESTÃO DO MUSEU CASA DA FESTA

Entrevistadora: Boa tarde! A gente vai iniciar nossa entrevista com uma das gestoras do Museu Casa da Festa. Seu nome completo?

R: Ana Cláudia Moraes Damasceno.

Entrevistadora: Ana Cláudia, hoje qual é o cargo que você ocupa aqui no Museu Casa da Festa?

R: Hoje estou como chefe do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho é que justamente vinculado ao Museu Casa da Festa.

Entrevistadora: Qual é a tua formação acadêmica? Formação complementar nessa área de atuação, em geral?

R: Sou formada em letras, não tenho nenhuma outra formação, tipo pós ou alguma coisa na área. Na verdade, eu venho de movimentos sociais. Estive no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, depois no Movimento sem Terra, Quilombolas e, por último, antes de vir para cá eu dava aula para os cursos profissionalizante do Senac. Foi minha última experiência.

Entrevistadora: Tu tens algum conhecimento específico sobre a questão do lazer? Porque a nossa pesquisa é justamente sobre a abordagem do espaço de cultura popular e lazer sobre esse espaço museal... ela tem um foco nas questões relacionadas ao lazer. Tu tens algum tipo de conhecimento sobre lazer? Nem que seja sua experiência aqui no espaço.

R: Conhecimento mais estudado para o lado mais científico, não. O que eu sei sobre lazer é que a gente tem esses espaços que podem ser considerados, por exemplo, um museu é um espaço para isso, assim, como a gente pode considerar outros espaços que é... a gente tem que usufruir nesses momento que a gente tem livre em nossas vidas cotidianas que não seja trabalho. Entendeu? Então, na minha

compreensão o lazer ele parte desse princípio, da gente aproveitar esses momentos livres. Esse é o conhecimento que eu tenho.

Entrevistadora: Ótimo. Qual o é teu papel hoje, a tua função? E quanto tempo tu atua dentro do órgão?

R: Na verdade, tenho a função de gestora da Casa. Devo promover ações que visem o andamento desta Casa em termos administrativos, e principalmente, dentro da área de cultura em termo de promover, vamos dizer assim, esse mostrar da cultura popular através do museu, então, eu sou essa pessoa que tem essa responsabilidade, também, aqui dentro do Centro de Cultura.

Entrevistadora: Quanto tempo tu já atua na área?

R: Já estou há 1 ano e 3 meses. Entrei ano passado no final da outra gestão e está exatamente com 1 ano e 3 meses.

Entrevistadora: Qual o número, hoje, de funcionários que sob a sua gestão dão suporte ao museu?

R: Como é que funciona: há a Superintendência de Cultura Popular onde os outros órgãos estão vinculados, que é a Casa de Nhozinho, o Parque Folclórico da Vila Palmeira, o Museu de Alcântara, a Casa do Divino de Alcântara e nós aqui do Centro de Cultura Popular. Então, aqui enquanto Superintendência- esta pergunta é mais direcionada para mim- enquanto superintendência, nós somos cerca de 25 funcionários, se passar um pouco é 2 ou 3. A gente tem uma dinâmica específica de cada pessoa na sua especificidade, lógico, mas em relação ao museu, eu tenho ajuda de 5 técnicos. E tenho mais os estagiários, no caso são 6 estagiários pela manhã e mais 6 estagiários a tarde.

Entrevistadora: Ok. Quais os serviços que são oferecidos aos visitantes que visitam, hoje, esse espaço museal? Em termos da estrutura, da recepção, a climatização, ambiência, a lanchonete, os banheiros, em geral, tudo que envolva os serviços que são oferecidos pelo espaço.

R: Nós temos, como o próprio nome já diz, uma recepção feita pelos estagiários. E a gente não tem ainda um sistema. Tem uma loja de produtos da cultura popular, que

é algo que a gente sempre leva os visitantes para conhecer ou então eles próprios percebem ao passarem por lá e lá adquirem algum produto da cultura popular, mas não temos, um aparato maior que isso. Entendeu? Na questão de banheiros, nós temos os banheiros os que funcionam na parte do térreo. E temos o pátio que, de certa forma, ele serve também para, de vez ou outra ter...existe um grupo que eles fazem aqui ensaios fotográficos, por exemplo, que é algo que a gente acha interessante, dá uma certa divulgação no museu e quanto a esse momento de (...) a gente também utiliza esse pátio para recepcioná-los, para uma primeira conversa...é assim.

Entrevistadora: E em termos de programação? Em termo de programação cultural e artística o que, hoje, o museu oferece?

R: Olha, nós estamos tentando adequar um planejamento que a gente pudesse oferecer oficinas, típico de percussão ou das caixeiras, em fim, algo realmente ligado a cultura popular. Nesse momento de prática realmente a gente não tem muito atrativo.

Entrevistadora: Tem a exposição? A visita guiada?

R: Exatamente. O que que a gente tem de atrativo? São nossas visitas guiadas com as vitrines temáticas que estão expostas e a gente utiliza muito a Galeria Zelinda Lima com exposições que são temporárias. (Lançamento de livro, essas questões- fala da entrevistadora) lançamento de livro. Agora mesmo dia 4 de março teremos um lançamento de um livro e não será lá no Museu, vai ser aqui na parte administrativa do saguão da biblioteca. É um movimento interessante porque ela vai...na verdade é um reencontro como a própria filha dela estava falando ainda a pouco porque vai trazer algumas pessoas que ela vai homenagear da área cultural (e qual o nome do livro você sabe dizer- fala de Andrea) é...eu tenho...(só pra gente - fala da entrevistadora) Nesse lançamento teremos um toque de caixa com as caixeiras de São Cristóvão de Viana, exposição de slides, fotos do quilombo de São Cristóvão também de Viana. Vai ter, também, uma pequena apresentação com cazumbas daqui de São Luís do bairro da Liberdade. Então, assim, esses momentos quando eles chegam pra gente nós realmente ganhamos. Não é uma ação do Centro ou da Superintendência, é uma ação que vem de fora pra dentro e acaba

sendo importante porque...(para programação - fala da entrevistadora)...exatamente, porque ela vai compor, de certa forma, essa programação cultural. Faz com que as pessoas retomem... voltem... (a visitar o espaço - fala da entrevistadora)... a visitar o espaço.

Entrevistadora: A questão também que eu achei interessante foi sobre o espaço, as pessoas usam para, às vezes, fazer fotografia (ensaio - fala da Gestão) isso é interessante e nas programações (além disso, sim, além de outros momentos que a gente, no caso, tem o auditório Rosa Mochel que é um espaço, também, utilizado pra eventos, reuniões.

Entrevistadora: Pronto. Então, vamos lá! Como é construída a exposição do acervo, a questão da história, hoje, com é que a Casa da Festa...tipo...como é que foi construída essa exposição? Assim, o que ela oferece hoje na visita guiada?

R: Essa exposição ela parte mesmo de pesquisa, algumas pessoas, em outros momentos, certamente, fizeram pesquisas a respeito dessas temáticas e pela própria origem do Centro foi se montando as vitrines com temáticas relacionadas ao Bumba-Boi, ao Divino, às religiões Afro. Inclusive, hoje tem pessoas na Casa que participaram desse momento, dessa montagem que é o Cláudio Vasconcelos ele é uma pessoa da época da concepção onde é...antes tinha algo em menor e ai foi levado para o museu em formato de vitrines que são vitrines feitas também com material que ele idealizou na época. E parte desses estudos foram eles que fizeram para a gente ter essas exposições.

Entrevistadora: Ok! Hoje através da exposição do seu acervo, que saberes o museu promove?

R: Acredito que a própria preservação da cultura popular, o saber que a gente promove, a divulgação e a valorização desses saberes. De a gente reconhecer, também, o que é a cultura popular, o que ela representa para gente, qual é a raiz dela, então, eu acho que essa preservação e esse respeito de... (da própria memória, né? - fala de Andrea)...da própria memória...Eu acho que isso é um saber importante que a gente acaba promovendo.

Entrevistadora: Como acontece hoje o acolhimento físico e profissional aos visitantes desse espaço museal? Eu digo, assim, tu comentaste que tem uns estagiários que fazem esse acolhimento, como é que funciona essa questão da visita, desse acolhimento?

R: Então, em termo desse acolhimento, antes, porém a gente faz um treinamento com os meninos. De como eles devem recebê-los, como é que eles devem se comportar como guias, monitores. E ao chegar, os meninos recebem na porta antes, mesmo, que eles adentrem o prédio. Eles recebem dão bom dia, boa vidas e há uma pergunta que eles fazem sempre, inclusive, a gente promove esse treinamento, também, a questão da guiada se eles querem uma guiada completa ou se eles querem só a parte térrea porque a gente sabe que a guiada completa leva um tempo, leva pelo menos uns 40 minutos. Então, a gente deixa os visitantes bem à vontade pra escolher a forma como eles querem ser guiados ou acolhidos. E, assim, geralmente, se leva também ao pátio, quando é um grupo de escola, para se fazer primeiro uma leitura da origem desse prédio, de que época é esse prédio, de quem foi esse prédio, somente depois passa para os espaços das vitrines principalmente quando é escola com alunos de ensino fundamental ou de ensino médio e até mesmo da universidade. Acho que ano passado nós tivemos muitas visitas, este ano ainda não...acho que por conta do início letivo, mas ano passado nós tivemos muito agendamento de escolas.

Entrevistadora: Existe...até...tu já me respondeu um pouquinho, mas para oficializar...existe algum tipo de formação, preparação e treinamento para esses monitores que atuam diretamente como os visitantes?

R: Sim. Andrea, nós fazemos, esse ano a gente tá fazendo, ainda, a programação, mas ao longo de todo ano passado, pelo menos na minha gestão, nós tivemos vários momentos de treinamento e esse treinamento ele se dava a partir de vídeos que a gente colocava e depois realizava um estudo, algum comentário a respeito desses vídeos que são vídeos inerentes à cultura popular. Se escolhia temáticas e depois daí exibição de vídeo, os próprios estagiários teciam comentários, questionamentos é acompanhado por pelo professor Adalberto Riso que é antropólogo, sociólogo, e também pela Lília que é a nossa pesquisadora e difusão

cultural e o Jandir, que a gente sabe que é uma pessoa nata da cultura e é autodidata, enfim.

Entrevistadora: Existe um registro no museu? Faz-se a mensuração das visitas recebidas quantitativa e qualitativamente? Como é que se dá isso? Há um livro de registro de assinaturas?

R: Sim, nós temos um sistema de registro, a gente faz o quantitativo de visitantes onde tem uma estimativa de Estado ou de país, idade, sexo e esta estatística, essas anotações elas se transformam em estatística. Aí, a gente vai ver quantos visitantes teve de tal estado ou de qual país, com quantos feminino, masculino, enfim, crianças, jovem, idoso.

Entrevistadora: Qualitativamente ainda não acontece? Para que a gente possa ter uma noção da própria opinião sobre os espaços para questões de aspectos gerais.

R: Sim, temos, nós temos esse registro. O visitante opta, dá sua sugestão em relação ao atendimento do estagiário, como foi que se deu, de que forma que ele foi recebido. Ele também fala da estrutura do prédio como é que está, as vitrines em qual estado está, em fim, eles falam de uma maneira geral em relação até, às vezes, sobre o Maranhão.

Entrevistadora: Você considera que o público visitante é formado mais por turistas ou por residentes locais?

R: A maioria não é local. Tem de outros estados, tem turistas. Eu acho que bem mais turistas.

Entrevistadora: Não sei se posso ver os registros, mas eu acho que pode ser mais homens, mulheres?

R: São mais mulheres, mas também casais, crianças quando acontece a demanda escolar, espontaneamente, não. A não ser que sejam turistas que estejam em família e aí geralmente está com filhos.

Entrevistadora: Você considera o Museu como um espaço de lazer?

R: Sim. Eu considero porque ele traz informações que se referem à história de pessoas, de culturas que devem ser valorizados. Bem como os aspectos culturais de uma cidade, isso aí, já é um ponto importante e acaba sendo um entretenimento. Eu acho que a partir do momento que a gente fica livre pode passar a considerar que a gente está num momento de lazer. Eu particularmente considero assim.

Entrevistadora: Ok. Como se dá esse planejamento do Museu? Existe uma política museal? Como é que se dá essa relação com a comunidade, Centro Histórico mais no entorno, visto que, o espaço Casa da Festa é um espaço museal de cultura popular?

R: Olha, nós de fato precisaríamos de uma política museal, a gente sabe que não tem museólogo aqui, a não ser uma pessoa que, agora, esta assumindo também a gestão de uma outra Casa. A gente sabe que ela é museóloga e o grande problema é a gente ter essa política museal para funcionar dentro dos padrões de um museu, a gente sabe que deve ser melhor, na verdade, uma política melhorada. Estamos lutando para isso, estamos em processo de construção, de planejamento, de discussão. A gente não tem deixado essas discussões de fora e eu acredito que é um grande esforço que a gente tem que fazer para isso. Tanto que a gente tem uma boa relação com a comunidade e ao mesmo tempo a gente propicie que ela se sinta livre e aberta, serve para gente de parâmetro enquanto pessoas críticas, um termômetro, para medir como nós estamos nesta gestão, por exemplo. Então, a comunidade é importantíssima porque ela vem, olha, opina criticamente e a gente tem que receber isso como algo que vai favorecer a melhoria das nossas ações.

Entrevistadora: Muito bem. E para finalizar...que oportunidades de lazer o Museu oferece ao visitante? Existe, no geral...você já até citou...como você considera...no geral...que oportunidades o espaço ele oferece de lazer para o visitante? Visitas...além das visitas a gente vê muita exposição...

R: A gente tem as exposições...(lançamento dos - fala de Andrea)...lançamento de livros, as exposições temáticas que a gente já tem, mas a gente tem, também, aquelas temporárias que fazemos, por exemplo, a do Carnaval, a Festa do Divino, a questão natalina nos momentos natalinos e já tem esses ensaios que a gente já está recebendo como algo que favoreça essa valorização do Museu enquanto espaço

que também pode. Só para tu teres uma ideia, ano passado um momento de limpeza, tirar coisas, ver o que a gente tem que pode ser aproveitado no acervo, chegou um grupo para fazer um ensaio nós ficamos muito preocupados, “*nossa, mas como que vocês vão fazer um ensaio, aqui?*” Mas, queira você acreditar saíram fotografias maravilhosas porque eles aproveitaram, entendeu? Eles pegaram o que era escada, o que era velho tudo para eles ficou novo, entendeu? Depois fizeram questão de mostra para a gente as fotografias para nos acalmar em relação a isso porque é uma arte, na verdade. E, aí a gente pensava que de repente a gente está num espaço que não vai servir para nada, mas que podemos aproveitar de várias formas e torná-lo vivo enquanto espaço de memória, espaço de visitação, espaço de lazer e a gente está buscando, exatamente, isso tentar ver se conseguimos algumas oficinas que atraia o público que estiver visitando, de repente, a gente está realizando uma oficina de caixa ou, em fim, um tambor de crioula, uma percussão. Isso é o que nós estamos em planejamento.

Entrevistadora: Sobre essas atividades...dessas que já acontecem aqui...quando a gente começa a falar aí é que a gente vai ver o tanto de atividade que tem porque até então você pensa, mas o quê que oferece mesmo? (risos) mas existe alguma mensuração sobre essas próprias atividades... tipo ... a gente tem registros sobre essas atividades? Fala em mensuração sobre os dados dessas atividades porque a gente, às vezes, peca em não registrar o que tem.

R: Exatamente. Eu acho que a grande questão está na gente se organizar planejadamente com planejamento e acaba que, às vezes, a gente realmente esquece de fazer esse registro das coisas que acontecem. Vou citar um exemplo aqui, que não sei se é pertinente, mais eu vou citar, por exemplo, o nosso auditório no ano passado, se eu tivesse que mensurar agora, eu poderia dizer que passou por lá 600 pessoas ou mais, em atividades, e nós iniciamos com um registro em um livro aquele livro tipo ata. Registro de reunião tal dia, falando sobre tal assunto, de estância tal e depois a gente não fez mais isso e chegou um momento em que a gente precisou fazer um relatório e cadê a memória? Entendeu? Então, eu acho que é de suma importância que a gente tenha de fato, esse agendamento registrado por menor que seja a atividade que tenha na Casa porque são pessoas que vêm, que vão conhecer, vão saber o quê que a gente tem, o quê que de certa forma a gente está ofertando para eles, então, a gente pensou e teve várias reuniões, incluindo,

reuniões mesmo do próprio órgão da SECMA que hoje é a SECTUR e acabou que pode só mensurar, aproximadamente, eu posso dizer que tive tantas pessoas passando por esse espaço, mas se eu tive com aquilo ali registrado, catalogado, falaria isso com mais precisão e que é importante ter isso, entende?

Entrevistadora: Se você quiser dar alguma contribuição...alguma coisa que não foi deixado claro nas perguntas.

R: Na verdade, eu gostaria de falar em relação ao que a gente tem mais não vou chamar de reclamação, talvez, é um anseio que todo mundo tenha...a estrutura do nosso prédio, a gente sabe que todos esses casarões tem problema. Existe o Programa do PAC que a gente está aguardando e, hoje mesmo, assistindo às estatísticas no jornal a gente viu que reduziu bastante, tipo 46% o ano passado e este ano só tem 26%, para a realização dos PACs, e isso preocupa porque quando a gente pensa que está chegando um nível para melhorar, tem uma notícia desta... (tem que voltar para poder...refazer até os planejamentos que a gente pensou - fala da entrevistadora)...então, a gente fica sempre tentando corrigir alguma coisa ou explicar porque que está daquela forma e, realmente, a estrutura ela não é a desejável e a gente tem que tirar o chapéu para as pessoas que observam isso porque tem pessoas que vêm, acham muito bonito, elogiam, mas elas esquecem esse outro olhar que de fato existe, no entanto tem pessoas que realmente dizem, deixam registrado. Enquanto gestora, o quê que a gente pode fazer? A gente está sempre cuidando e tentando manter a parte de higienização no lugar não é o ideal, mas a gente quer se aproximar dentro dos limites da nossa limitação. Então, assim, isso não é de agora, não é desta gestão, eu não estou tentando me livrar de qualquer situação, não. A questão é que são anos e mais anos que a gente vem é trazendo... agora mesmo nós estamos reorganizando a nossa reserva técnica. Ontem a gente deu início no trabalho que foi solicitado pelo nosso superintendente que a gente desse uma reorganizada e aí, quando a gente entra lá, que a gente vê quantas coisas precisam ser melhoradas, cuidadas do acervo e de fato, estão todas lá expostas a gente teve que isolar partes, algumas partes do Museu e se a gente não tomar iniciativa para fazer isso, mesmo sem recurso, a gente tem que dar o que pode que são as nossas forças braçais, o nosso físico e tal. Então, a gente vai passar por esse momento que eu acredito que deve demorar de 1 a 2 meses, para gente voltar com todo o nosso acervo para reserva técnica, mas já pelo menos

selecionado o que vai ser restaurado, isso aqui pode ser exposto, isso aqui não tem mais condições, mas a gente pelo menos fez um levantamento.

Entrevistadora: Bom, agradeço muito sua contribuição. A pesquisa pretende dar um retorno porque é importante isso... a gente dar um retorno fazendo críticas justas, a gente quer que o espaço seja visitado, seja melhorado, seja realmente um espaço onde as pessoas possam utiliza-lo no seu momento de lazer...(sim- fala da Gestão)...porque a gente trabalha muito nessa perspectiva da educação pelo lazer porque existe educação para o lazer e educação pelo lazer. O Museu é um espaço que pode ser utilizado como espaço de lazer e que tem muito a educar porque ele trata da nossa cultura popular. E assim, a gente agradece muito sua contribuição e esperamos dar um retorno, a gente agradece finalizando a entrevista, às 15h50min aqui no Museu Casa da Festa.

R: Ok. Obrigada!

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Moutinho, Andréia Maciel Santos.

Espaços de lazer e cultura popular: uma abordagem sobre os museus do Centro Histórico de São Luís / Andréia Maciel Santos Moutinho. - 2017.

162 f.

Orientador(a): Klautenys Dellene Guedes Cutrim.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2017.

1. Centro Histórico de São Luís. 2. Cultura. 3. Lazer. 4. Museu. I. Cutrim, Klautenys Dellene Guedes. II. Título.